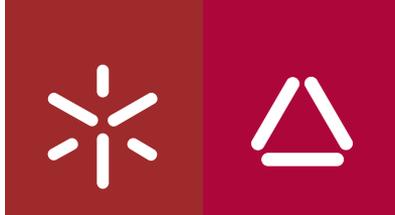


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria Laura Alves Correia

**Literacia para o cinema: projeto exploratório
com crianças do 1º ciclo do ensino básico**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Maria Laura Alves Correia

**Literacia para o cinema: projeto exploratório
com crianças do 1º ciclo do ensino básico**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Cidadania e Educação

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Dr.ª Sara Pereira

DECLARAÇÃO

Nome: Maria Laura Alves Correia

Endereço eletrónico: lauralvesco@hotmail.com

Telefone: 936537724

Número do Bilhete de Identidade: 13220708

Título dissertação: Literacia para o cinema: projeto exploratório com crianças do 1º ciclo do ensino básico

Orientador: Professora Dr.ª Sara Pereira

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Comunicação, Cidadania e Educação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ____ / ____ / _____

Assinatura: _____

Resumo

Atualmente os meios de comunicação audiovisuais estão presentes no quotidiano da maioria dos jovens e crianças. O cinema, em concreto, influencia atitudes, forma opiniões e contribui para a construção da identidade individual e coletiva. Os mais jovens contactam diariamente com diversas mensagens audiovisuais sendo, por isso, fundamental incentivar o desenvolvimento de competências que lhes permitam analisar e compreender esses meios e os conteúdos que transmitem.

Considerando a importância de promover uma atitude crítica e reflexiva perante a linguagem e as mensagens fílmicas, desenvolveu-se, no âmbito desta dissertação, um estudo sobre literacia fílmica que teve como principal objetivo a criação do programa “Aprender a ver cinema”, destinado a crianças com idades entre os 6 e os 10 anos.

O trabalho empírico tem por base a aplicação de um questionário às crianças participantes no estudo; a conceção e realização de um projeto de investigação participativa com o mesmo grupo de crianças; e a realização de entrevistas aos participantes no programa e a especialistas da área. A realização deste trabalho mostrou que a educação para o cinema é fundamental para incentivar o pensamento crítico, a análise, a produção e o consumo de obras cinematográficas. Iniciativas como o programa “Aprender a ver cinema”, desenvolvidas em contexto formal de aprendizagem, são essenciais para promover a literacia para o cinema, é fundamental que os conteúdos educativos sejam adaptados às diferentes idades e que o carácter lúdico e afetivo do cinema seja preservado. Outro aspeto a salientar é a importância de uma formação especializada nesta área para os professores.

Palavras-chave:

Literacia fílmica, educação para o cinema, meios de comunicação, crianças.

Abstract

Today various forms of audiovisual media are present in everyday life of most young people and children. Film, in particular, influences attitudes, contributes to the formation of opinions and fosters the construction of individual and collective identity. Young people are in contact with multiple audiovisual messages every day, so it is crucial to encourage the development of skills that allow them to analyze and understand these media and the content they transmit.

Considering the importance of adopting a critical and reflective attitude toward film messages, in this research we developed a study on film education. The main aim of this work was to create the program "Learning to Watch Films" for children between 6 to 10 years of age.

The empirical work consists of the application of a questionnaire to the children who participated in the study, the design and implementation of a participatory research project with the same group of children, and conducting interviews with program participants and experts in the field. This work showed that film education is necessary in order to encourage critical thinking, analysis, production and consumption of films. Initiatives such as the "Learning to Watch Films" program, which was developed in the context of formal learning, are essential to promote film literacy, it is important that the educational content are adapted to different ages and the playful and affectionate character of the film is preserved. Another aspect to note is the importance of specialized training in this area for teachers.

Keywords:

Film literacy, cinema education, media, children.

Índice Geral

Resumo	iii
Abstract	v
Índice de Figuras.....	viii
Índice de Tabelas	x
Introdução	11
1. A história, a técnica e a linguagem do cinema	17
1.1. O papel do cinema na sociedade atual	17
1.2. História do cinema.....	20
1.3. Linguagem e técnicas cinematográficas.....	26
1.3.1. A Narrativa Cinematográfica	27
1.3.2. Enquadramento.....	28
1.3.3. Movimentos e Ângulos de Câmara	28
1.3.4. Os Planos	30
1.3.6. A Iluminação	33
1.3.7. Os Efeitos Especiais	34
1.3.8. O Tempo no cinema	34
1.3.9. A Montagem.....	35
1.4. Géneros cinematográficos.....	36
2. Literacia Mediática no contexto da sociedade atual.....	43
2.1. A importância da educação para os media	43
2.2. Educação para os media: conceitos e objetivos.....	45
2.3. O papel das Instituições Europeias e Internacionais.....	48
2.4. O papel da escola, dos professores e dos pais	52
3. Cinema e educação.....	57
3.1. Literacia para o cinema	57
3.2. Principais iniciativas a nível Europeu e Português	63
4. O caminho metodológico	73
4.1. Contextualização e justificação do estudo	73
4.2. A investigação em Ciências Sociais.....	74
4.3. Metodologia de trabalho.....	75

4.4. Métodos de investigação	77
4.4.1. Recolha bibliográfica e revisão literária	77
4.4.2. Investigação participativa.....	78
4.4.3. Questionário	87
4.4.4. Entrevistas aos participantes e a especialistas.....	87
5. “Aprender a ver cinema”: implementação e avaliação do programa de educação para o cinema	91
5.1. Hábitos de consumo de cinema dos participantes do estudo	91
5.2. “Aprender a ver cinema” – um programa em ação	98
5.3. As opiniões das crianças	113
Bibliografia.....	123
Referências filmográficas	130
Apêndices	131
Apêndice 1. Entrevistas	133
Apêndice 2. Guião do questionário	146

Índice de Figuras

Figura 1 - <i>Le Voyage dans la Lune</i> , 1902	21
Figura 2 - Construção do estúdio de Georges Méliès 1897	21
Figura 3 - <i>Das Cabinet des Dr. Caligari</i> , 1920	22
Figura 4 - <i>Nosferatu</i> , 1922	22
Figura 5 - <i>Citizen Kane</i> , 1941	11
Figura 6 - <i>The Wizard of Oz</i> , 1939	25
Figura 7 - <i>Felix The Cat</i> , 1920.....	26
Figura 8 - <i>Steamboat Willie</i> , 1928	26
Figura 9 - <i>Star Wars</i> , 1977	26
Figura 10 - <i>E.T. The Extra-terrestrial</i> , 1982.....	26
Figura 11 - Ângulos de câmara	29
Figura 12 - Plano Geral	31
Figura 13 - Plano Inteiro ou de Conjunto	31
Figura 14 - Plano Médio.....	31
Figura 15 - Grande Plano	31
Figura 16 - Muito Grande Plano	31
Figura 17 - Centro de Atividades de Tempos Livres, Gualtar, Braga.....	80
Figura 18 - Entrada na sala de cinema.....	101
Figura 19 - Acomodação das crianças na sala de cinema.....	101
Figura 20 - Visionamento da curta-metragem <i>Steamboat Willie</i>	107
Figura 21 - Exposição de cartazes de filmes	109
Figura 22 – Exemplo de cartaz em produção	109
Figura 23 - Exemplo de <i>storyboard</i> em produção	111
Figura 24 - Exemplo de <i>storyboard</i> em produção	111

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Cinema na sala de aula: estudo do meio cinematográfico.....	60
Tabela 2 - Principais projetos de educação para o cinema na Europa.....	64
Tabela 3 - Etapas da investigação	76
Tabela 4 - Caracterização dos participantes da investigação	80
Tabela 5 - Plano de atividades do programa “Aprender a ver cinema”	82
Tabela 6 - Guião de análise das entrevistas	88

Introdução

Os meios de comunicação têm conhecido uma crescente importância na sociedade moderna, sendo que a maioria dos cidadãos se relaciona diariamente com as novas formas de comunicação ou com as novas tecnologias tanto como meios de informação como de entretenimento.

Estes sistemas de comunicação assumem um papel relevante como componentes sociais, económicos e políticos sendo, por isso, fundamental que a educação para os media possibilite a formação de públicos conscientes, capazes de analisar e refletir criticamente sobre as mensagens mediáticas.

Segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2007), literacia mediática pode ser definida como “a capacidade de aceder aos *media*, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos *media* e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos” (p. 2). A importância da educação para os media pode, neste sentido, ser justificada pelo papel vital da informação na democracia, na cultura e na cidadania. Os meios de comunicação influenciam os processos democráticos e formam opiniões, crenças e atitudes sendo, por isso, fundamental que os cidadãos desenvolvam competências para aceder, analisar, avaliar e criar conteúdos mediáticos (Thoman & Jolls, 2003).

É importante também salientar o facto de estarmos constantemente em contato com diversos meios de comunicação que transmitem uma grande quantidade de mensagens mediáticas. Esta exposição, em particular no caso das crianças e dos jovens, faz com que a aquisição de conhecimentos para desenvolver o pensamento crítico seja fundamental para poder tirar partido dos diferentes meios de comunicação e para poder identificar os riscos que deles advêm.

Segundo Len Masterman (1985), não é apenas o tempo que passamos ligados aos media que os torna importantes, mas também o facto de estes formarem opiniões e ideias não só mostrando informação sobre o mundo como também formas de o ver e de o compreender. O autor explica que “os meios de comunicação, assim sendo, estão ativamente envolvidos nos processos de construção ou de representação da "realidade" em vez de simplesmente a transmitirem ou refletirem” (p. 20). Vítor Reia-Baptista considera que "a inclusão de estudos mediáticos nos diferentes níveis de

ensino é uma medida necessária para uma formação integral e adequada às características culturais do cidadão das sociedades modernas" (Reia-Baptista, 1995, p. 1).

Neste sentido, é essencial que os cidadãos estejam à vontade com os diferentes meios de comunicação, utilizem e participem ativamente nos media, tenham uma visão crítica no que respeita tanto à qualidade como ao rigor do conteúdo e compreendam a economia dos media (Comissão das Comunidades Europeias, 2007).

O facto de os media estarem sempre em mudança, em expansão e em desenvolvimento é um desafio para a educação formal. É importante que a escola acompanhe esta evolução e seja flexível. Atualmente, os alunos precisam de aprender a encontrar a informação e precisam de desenvolver competências que lhes permitam avaliar se essa informação é útil e confiável (Thoman & Jolls, 2003).

Segundo António Santos (1994), a escola tem ignorado as vantagens oferecidas pelos media "reafirmando-se como o único mediador determinante – quando não exclusivo – da informação que considera relevante transmitir aos alunos que a frequentam" (p. 103). O autor explica que a escola deve ajudar a construir conhecimentos atualizados e aplicáveis à realidade, abrindo-se à pluralidade das diferentes fontes e opiniões e promovendo o espírito crítico.

Educar os alunos para os media implica que os professores tenham competências e capacidades para tal. Educadores literados mediaticamente devem ser capazes de desenvolver nos alunos habilidades para aprender autonomamente e ter autoconfiança para avaliar criticamente as mensagens mediáticas que lhes serão transmitidas ao longo da vida (Wilson *et al.*, 2011).

Já em 1982 a Declaração de Grünwald alertava para a responsabilidade, não só da escola como também da família, de preparar os jovens para uma utilização consciente dos media. "A educação para os media será mais eficaz quando pais, professores, profissionais dos media e decisores políticos, enfim todos reconhecerem que têm um papel a exercer no desenvolvimento de uma maior consciência crítica entre ouvintes, espectadores e leitores" (UNESCO, 1982, p. 2).

Neste trabalho de investigação não se pretende estudar de modo genérico a literacia mediática, procura-se antes focar os meios de comunicação audiovisuais e neste âmbito a educação das crianças para o cinema.

Segundo Vítor Reia-Baptista (2010) “nos diferentes processos de evolução comunicativa e educativa que podemos considerar, as linguagens fílmicas assumem um papel importantíssimo como veículos de comunicabilidade e de literacia colectivas” (p. 770).

Os meios de comunicação audiovisuais são um elemento imprescindível para compreender a sociedade atual. O cinema, em particular, é um meio capaz de transmitir ideologias, de formar opiniões, de influenciar condutas sociais e individuais e de atuar como repositório cultural das memórias coletivas de uma sociedade (Reia – Baptista, 2011). O autor salienta que “o estudo da dimensão pedagógica dos fenómenos fílmicos e cinemáticos torna-se um acto de aquisição de conhecimentos e de reflexão crítica sobre uma faceta preponderante da nossa história cultural recente” (1995, p. 1).

Um estudo levado a cabo pelo British Film Institute (2011c) explica que o importante papel que os media audiovisuais têm na nossa sociedade e na nossa cultura é suficiente para justificar a necessidade de integrar a educação para o cinema no currículo escolar. Segundo esta investigação, é fundamental que a educação para o cinema atue no sentido de promover, entre os jovens, o conhecimento do património cinematográfico e dos filmes europeus e de incentivar a aquisição de competências que permitam uma leitura crítica da linguagem fílmica e que potenciem as capacidades de produção de conteúdos audiovisuais.

No entanto, a presença da educação para o cinema nos currículos escolares portugueses tem sido apenas pontual. Enquanto disciplinas como a música, a arte ou a literatura são elementos centrais dos programas de ensino, o cinema tem permanecido ausente ou tem sido utilizado como recurso para ensinar outras matérias ou como forma de entretenimento.

É importante, contudo, uma formação que permita ao espetador a descoberta de novas dimensões estéticas, assim como a adoção de uma postura crítica e ativa perante as mensagens transmitidas (Benito, 1996). O cinema, como meio de comunicação, carece de uma interpretação de forma a que seja possível descobrir o que pretende transmitir. Um filme é composto por diferentes elementos e técnicas que devem ser analisados, estudados e interpretados para que se possa chegar a um conhecimento profundo da linguagem cinematográfica.

Neste sentido, procurou-se, através deste estudo, compreender qual é a importância da literacia para o cinema na sociedade atual; como é que as crianças se relacionam e compreendem o cinema e de que modo se pode integrar a educação para o cinema no contexto da educação formal.

Seguindo um conjunto de preposições trabalhadas por investigações anteriores relativamente a esta área de estudo, procurou-se, em primeiro lugar, fazer uma revisão da literatura de forma a enquadrar o tema em questão para posteriormente realizar a pesquisa empírica. Tendo por base uma metodologia participativa, desenvolveu-se, de seguida, um programa de educação para o cinema destinado a crianças a frequentar o 1º ciclo do ensino básico. Este programa, "Aprender a ver cinema", foi criado para ser aplicado em contexto real procurando, assim, perceber qual a melhor forma de integrar o cinema no contexto formal de aprendizagem.

Com efeito, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de favorecer a aquisição de competências por parte das crianças no âmbito da literacia para o cinema; implementar a análise e avaliação da linguagem e técnica do cinema; promover e incentivar o consumo de obras cinematográficas, promover o reconhecimento do cinema como meio de comunicação e de expressão artística; conhecer os hábitos de consumo de cinema por parte das crianças e ainda desenvolver e implementar o programa de educação para o cinema "Aprender a ver cinema".

Seguindo esta orientação, o presente estudo foi estruturado em cinco capítulos, sendo que, os três primeiros dizem respeito ao enquadramento teórico do estudo, o quarto aborda a pesquisa empírica e os fundamentos metodológicos e, por fim, no quinto, são apresentados e discutidos os resultados deste projeto.

Assim, no primeiro capítulo procurou-se, em primeiro lugar, salientar a importância do cinema na sociedade atual, neste sentido, destaca-se a sua capacidade para transmitir ideologias, formar opiniões, representar culturalmente as sociedades em que se insere e atuar como repositório das memórias coletivas dessas sociedades (Reia-Baptista, 2011). De seguida foi feita a uma breve referência à história do cinema, desde a primeira projeção pública realizada pelos irmãos Lumière até às transformações na indústria do cinema levadas a cabo nos últimos 20 anos que marcam uma nova era deste meio de comunicação. Neste capítulo, considerou-se também importante mencionar os principais elementos da narrativa fílmica, deste modo, foi desenvolvido

um tópico sobre a linguagem e as técnicas cinematográficas no qual se faz referência ao enquadramento, aos movimentos e ângulos de câmara, aos planos, à linguagem sonora, à iluminação, aos efeitos especiais, ao tempo no cinema, à montagem e aos géneros cinematográficos.

No segundo capítulo desta dissertação começa-se por abordar a importância da literacia mediática na sociedade atual. Pretende-se salientar as profundas alterações que a paisagem mediática tem vindo a sofrer e as consequências destas transformações na relação que as pessoas têm com os media. Neste capítulo cabe também a definição do conceito de educação para os media e dos seus objetivos. É relevante, sobretudo, salientar a importância de incentivar os utilizadores a analisar criticamente as mensagens mediáticas e a utilizar os meios de comunicação de forma consciente e reflexiva. No terceiro ponto deste capítulo são dadas a conhecer algumas iniciativas levadas a cabo por três instituições - UNESCO, Conselho da Europa e União Europeia - que têm vindo a alertar para a importância da implementação de uma educação para os media e têm vindo a desenvolver esforços para que a literacia mediática seja uma realidade em todos os Estados-Membros. Por último, é abordada a importância do papel da escola, dos professores e dos pais na educação das crianças para os media. A família e a escola devem assumir um papel ativo, interagindo e partilhando experiências de forma a que os alunos possam adquirir conhecimentos que lhes permitam desenvolver a capacidade de análise e de compreensão dos conteúdos mediáticos.

Cinema e educação é o tema tratado no terceiro capítulo deste estudo. Explica-se aqui o conceito de literacia cinematográfica, os seus objetivos e a forma como, segundo alguns autores, pode ser implementada no contexto formal de aprendizagem. Sendo este o tema central deste trabalho é importante salientar a necessidade de promover, especialmente entre os jovens, um maior conhecimento do património cinematográfico, assim como, promover a aquisição de competências que permitam uma leitura crítica das mensagens audiovisuais (British Film Institute, 2011c). Neste capítulo são ainda apresentadas as principais iniciativas no que diz respeito à educação para o cinema a nível europeu e português. Com base num estudo desenvolvido pelo British Film Institute em 2011, é feita uma referência a alguns projetos que têm vindo a ser desenvolvidos noutros países e que podem servir como modelo para o caso

português, já que no nosso país as iniciativas a este nível têm sido pontuais, não existindo uma estratégia nacional de educação para o cinema.

O quarto capítulo deste trabalho de investigação é dedicado à pesquisa empírica. Assim, em primeiro lugar, é feita a contextualização e a justificação do estudo em questão. De seguida é abordado, de forma breve, o conceito de investigação em Ciências Sociais, passando-se depois, a apresentar a metodologia adotada para este projeto, assim, como os métodos utilizados para levar a cabo esta investigação. Neste capítulo é ainda apresentado o programa “Aprender a ver cinema”, os seus objetivos e o contexto em que foi realizado.

Finalmente, no capítulo cinco são apresentados e discutidos os resultados referentes a este trabalho. Faz-se, inicialmente, uma caracterização do grupo de crianças que participou nas sessões de formação do programa “Aprender a ver cinema”, de seguida é descrita e analisada a realização do mesmo e por último podem ser encontrados os resultados decorrentes da análise das entrevistas feitas aos participantes.

Pretende-se, assim, com este estudo, desconstruir a problemática da educação para o cinema, abordando os principais elementos narrativos deste meio de comunicação e contextualizando a sua importância no âmbito da literacia mediática e da sociedade atual.

1. A história, a técnica e a linguagem do cinema

1.1. O papel do cinema na sociedade atual

Nos últimos cem anos, a humanidade encontrou no cinema mais uma forma de expressar as suas emoções e de narrar a sua cultura. A história do cinema está intimamente ligada à nossa história, assim, este meio de comunicação constitui-se como um elemento imprescindível para compreender a nossa sociedade. “É arte e técnica, linguagem e imagem, documento e diversão, fantasia e realidade. O cinema é também uma fonte inesgotável de relatos e de temas, de criatividade e de estética cultural” (Martínez-Salanova, 2003, p. 48).

O cinema é, atualmente, um dos meios de comunicação mais complexos e diversificados. Inmaculada Sánchez Alarcón (1999) explica que o cinema distingue-se dos outros meios de comunicação pela sua especificidade como veículo cultural, é um reflexo dos valores e das normas da sociedade e é em simultâneo capaz de formar e de transformar opiniões. A autora acrescenta que, por ser um reflexo dos valores vigentes tem uma grande aceitação por parte dos espetadores, mas, sendo resultado de um processo criativo, é também usado para transmitir valores contrários aos estabelecidos. O cinema, à semelhança de outros meios de comunicação, é transmissor de ideologias, educa, forma opiniões, traça condutas sociais e individuais e influencia a arte, os gostos e as modas (Rubio, 1994).

Vítor Reia-Baptista¹ salienta que o cinema é um meio “extraordinariamente importante para dar corpo às diferentes formas de representação das sociedades em que se insere, quer do ponto de vista documental, quer do ponto de vista simbólico, assumindo ainda um importantíssimo papel enquanto repositório das memórias culturais colectivas dessas sociedades”. Para Reia-Baptista (2011) “as linguagens fílmicas assumem um papel importantíssimo como veículos de comunicabilidade e de literacia colectivas, ou seja, como factores de elaboradas aprendizagens nos mais diversos domínios do conhecimento humano” (p. 770). Neste sentido, o autor explica que as obras cinematográficas constituem-se como um repositório cultural, de memorização e de aprendizagem coletiva respondendo às necessidades coletivas

¹ Vítor Reia-Baptista, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 30 de junho 2014.

artísticas e documentais. Através dos meios de comunicação e das tecnologias é possível efetuar um registo factual dos acontecimentos e ao mesmo tempo refletir sobre a nossa sociedade, sobre a nossa cultura e sobre outras realidades culturais.

Através do cinema é possível documentar épocas históricas, filosofias, pensamentos, modos de vida e costumes, “é difícil encontrar aspetos gerais, quotidianos, científicos ou filosóficos que o cinema não tenha tratado de alguma forma” (Martínez-Salanova, 2002, p. 78). Enrique Martínez-Salanova (2002) explica que os filmes realizados desde o nascimento do cinema, com temas sobre o último século, refletem situações e modos de viver, determinam a forma de ver a realidade e expõe as filosofias e as maneiras de pensar de cada tempo. “Sem o cinema é impossível conhecer a realidade contemporânea” (*ibidem*, p. 78). É indispensável para conhecer outras culturas, facilita a aprendizagem de outras línguas, dá a conhecer as tendências artísticas de pintura, música ou arquitetura, põe os espetadores em contato com o meio ambiente, sendo muitas vezes ativo na sua defesa e expõe a violação de direitos que se consideram ser fundamentais para o ser humano. Neste sentido, é fundamental que se compreenda o cinema e as suas funções histórico-sociais assim como a sua capacidade para transmitir discursos estéticos e ideológicos.

Nos últimos anos o cinema tem vindo a sofrer alterações, surgiram novos géneros e estilos que dependem da tecnologia digital, da Internet e das culturas relacionadas com os videojogos (Reia-Baptista, Burn, Reid, & Cannon, 2014). Os recursos eletrónicos começaram a ser utilizados no início dos anos 60 dando origem às imagens digitais e a novas técnicas de captação e de edição (Tavares, 2008). Mirian Tavares (2008), explica, em relação ao cinema dos nossos dias, que:

“Houve um triunfo da técnica pela técnica. Não há imagens inocentes e muito menos há inocência no discurso por elas construído. E na era da imagem digital há já um discurso que subjaz a todo e qualquer texto artístico: aquele que promove o fascínio pelo desconhecido. A máquina seduz pelo seu poder de criação, pela sua imensa capacidade de ultrapassar a preexistência do real e torná-lo também imagem. Assim sendo, a tentação de deixá-la atuar, exhibir suas possibilidades e transformar-nos em meros utilizadores é muito grande” (*ibidem*, p. 39).

É, por isso, essencial que exista uma preocupação com a desconstrução dos discursos cinematográficos e da linguagem audiovisual. A importância destes meios na sociedade e a sua constante evolução exige que se entendam as suas possibilidades e que se compreendam as mensagens que transmitem e a forma como constroem significados.

Para além do que já foi mencionado, é importante também fazer referência ao papel da indústria cinematográfica na sociedade atual. Produção, distribuição e exibição são as operações que transformam, compram e vendem os filmes. O cinema é um espetáculo que move milhões de espetadores sendo considerado, essencialmente, uma forma de entretenimento. As pessoas procuram uma forma de diversão que lhes permita fugir da rotina vivenciando outras experiências de uma forma segura (Gonçalves, 2009). Segundo Vítor Reia-Baptista “o grande poder de atração do cinema consiste na sua capacidade de elaborar as suas próprias, mais significantes e polissémicas, montagens de atrações”² propiciando um alto grau de identificação e participação emocional por parte do espetador.

Os Estados Unidos são o país com maior produção de filmes, sendo o cinema uma das maiores indústrias deste país. Víctor Amar (2000) explica que o cinema é uma arte que tem presente outras artes, indústria, conhecimentos tecnológicos, sociológicos e antropológicos, “ainda que, por vezes, os conceitos se invertam e, portanto, os resultados variem” (p. 142). Segundo Rodrigo Francisco³:

“A narrativa audiovisual converteu-se numa fórmula simplista, muitas vezes incapaz de se constituir como ponto de reflexão e estímulo. Multiplicam-se, ano após ano, os blockbusters que misturam, mais ou menos sabiamente, elementos básicos que chamam a atenção para o seu visionamento, ao serviço de uma indústria de massas, por vezes, de duvidoso conteúdo”.

Em Portugal a indústria cinematográfica está ainda pouco desenvolvida. Segundo dados do Instituto do Cinema e do Audiovisual em 2013 o cinema obteve receitas de cerca de 65 500 milhões de euros apresentando um decréscimo em relação ao ano

² Vítor Reia-Baptista, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 30 de junho 2014.

³ Rodrigo Francisco, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 22 de maio 2014.

anterior com receitas de cerca de 74 milhões de euros. Em 2103 existiam em Portugal 158 recintos de cinema onde foram exibidas cerca de 558 mil sessões a que assistiram 12,5 milhões de espetadores. Esta oferta está sobretudo localizada nos grandes centros urbanos, com os concelhos de Lisboa e Porto a representarem 27.5% dos recintos e 46% das salas disponíveis. Os dados do Instituto do Cinema e do Audiovisual mostram ainda que em 205 dos 308 concelhos do país não existe um único recinto de cinema. Por fim, os dados relativos ao ano de 2010 indicam que a maioria dos filmes estreados em Portugal é proveniente dos Estados Unidos (110), seguindo-se os filmes portugueses (23) e os franceses (18).

1.2. História do cinema

A história do cinema está repleta de marcos históricos que evidenciam a importância deste meio como forma de entretenimento e de transmissão de valores e normas sociais. Neste capítulo serão identificados apenas os momentos mais significativos da história do cinema que é, não só uma manifestação artística, como também um dos meios de comunicação mais importantes do nosso tempo.

Segundo Mirian Tavares (2008):

"O cinema surge no momento em que as vanguardas, em seu desespero iconoclasta, buscavam novos meios para expressar o novo mundo que se instaura no limiar do séc. XX. As velhas formas de representá-lo, a velha sensibilidade e mesmo o sentido estético que acompanhava as artes precisam ser postos em causa" (p. 38).

São conhecidos vários inventores, tanto nos Estados Unidos como na Europa, que tinham como objetivo projetar imagens em movimento, sendo um dos mais relevantes Edison que em 1889 construiu o "kynetographo". A primeira projeção pública foi realizada a 28 de dezembro de 1895 pelos irmãos Lumière, que criaram o cinematógrafo, com a exibição do filme *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (Gonçalves, 2009).

Os irmãos Lumière foram incapazes de compreender as potencialidades do seu invento, consideravam-no fruto de uma experiência científica, mas Georges Méliès, um ilusionista e diretor de teatro em Paris viu no cinematógrafo uma forma de expressão e construiu a sua própria câmara. Méliès construiu o primeiro estúdio da história do cinema e criou todos os cenários dos mais de 500 filmes que realizou. Utilizou os seus conhecimentos de ilusionismo para criar efeitos especiais tendo-se tornado no pai desta invenção. Uma das suas obras cinematográficas mais conhecidas é *Le Voyage dans la Lune* de 1902.



Fig. 2 - *Le Voyage dans la Lune*, 1902
Fonte: Filmsite⁴



Fig. 2 - Construção do estúdio de Georges Méliès 1897
Fonte: Imaginário Produções⁵

Edwin S. Porter foi um dos realizadores mais conceituados dos anos seguintes com os filmes *Life of an american fireman* (1903) e *The great train robbery* (1903). No entanto, foi David Wark Griffith que revolucionou a linguagem cinematográfica pela sua forma de narrar um filme (Wyver,1992, citado por Gonçalves, 2009).

Em 1919 surge o "expressionismo alemão" que contraria a expressão da realidade. Este movimento luta contra as regras e é caracterizado pela expressão do inconsciente e da imaginação através de criaturas monstruosas e cenários repletos de horror. O primeiro filme do movimento expressionista alemão é *Das Cabinet des Dr. Caligari* (1920) de Robert Wiene que dá origem a outros como *Golem* (1920) de Paul Wegener, *Nosferatu* (1922) de Friedrich W. Murnau y *Metrópolis* (1926) de Fritz Lang e influencia produções cinematográficas de *Hollywood* como as de Orson Welles (Zagalo, 2007).

⁴*Le Voyage dans la Lune*, 1902. Disponível em <http://www.filmsite.org/>, acessido a 24 de março 2014.

⁵ Fig. 2 - Construção do estúdio de Georges Méliès 1897. Disponível em <http://imaginariop.blogspot.pt/>, acessido a 24 de março 2014.



Fig. 3 - *Das Cabinet des Dr. Caligari*, 1920
Fonte: Movieretrospect⁶



Fig. 4 - *Nosferatu*, 1922
Fonte: Outside Perception⁷

Na história do cinema americano destaca-se nesta altura o apogeu da comédia com Charlie Chaplin, com filmes como *The Kid* (1920), *A Woman of Paris* (1923), *The Gold Rush* (1925) e *The Circus* (1927). No final dos anos 20, a chegada do som revoluciona o cinema. A empresa norte americana Warner Bros foi a primeira a acompanhar esta inovação com o filme *Don Juan* (1925), nesta altura a indústria do cinema estava dominada por Hollywood e todos os países seguiram o seu caminho convertendo o cinema mudo em cinema sonoro. Na América do Norte destacam-se, nesta época, cinco empresas distribuidoras de cinema: Paramount, Loew's, Fox Film, Warner Bros e RKO (Gonçalves, 2009).

Entre os filmes de comédia americana desta altura destacam-se as obras *You can't take it with you* (1938) de Frank Capra e *Bringing up baby* (1938) de Howard Hawks. No género comédia musical ficaram famosos Fred Astaire e Ginger Rogers com os filmes *The gay divorcee* (1934) e *Top hat* (1935). Relativamente ao cinema policial destacam-se os filmes *Scarface* (1932) de Howard Hawks e *City Streets* (1931) de Rouben Mamoulian. No que diz respeito a filmes de terror, James Whale foi responsável por *Frankenstein, the man who made a monster* (1931) e *The invisible man* (1933), enquanto Merian C. Cooper e Ernest Schoedsack produziram o filme *King-Kong* (1933). No final dos anos 30 foram produzidos filmes que marcaram uma época e permaneceram como referências no mundo do cinema: *Gone with the wind* (1939) de David Selznick, com Clark Gable e Vivien Leigh e *The Wizard of Oz* (1939) de Víctor

⁶ Fig. 3 - *Das Cabinet des Dr. Caligari*, 1920. Disponível em <http://movieretrospect.blogspot.pt/>, acessido a 24 de março 2014.

⁷ Fig. 4 - *Nosferatu*, 1922. Disponível em <https://outsideperception.wordpress.com/>, acessido a 24 de março 2014.

Fleming. Em 1941 Orson Welles produziu *Citizen Kane* que influenciou a produção cinematográfica dos anos posteriores (Gonçalves, 2009).



Fig. 5 - *Citizen Kane*, 1941
Fonte: Forbes⁸



Fig. 6 - *The Wizard of Oz*, 1939
Fonte: Movie House Memories⁹

Em 1937 a Walt Disney Productions desenvolve a primeira longa-metragem de animação, *Snow White and the Seven Dwarfs* onde são aplicadas várias técnicas de animação até então apenas usadas em curtas-metragens. Foram necessárias centenas de técnicos para concretizar este projeto. Apesar de não se saber se o público ia aderir a um filme longo e com personagens irreais, *Snow White and the Seven Dwarfs* foi um sucesso e ganhou em 1938 o Óscar da Academia de Hollywood (Zagalo, 2007).

Os primeiros desenhos animados foram projetados em 1892 por Emile Reynaud, inventor do "Praxinoscópio" mas só nos anos 20 é que o cinema de animação começa verdadeiramente a desenvolver-se. *Felix The Cat* é um desenho animado da época dos filmes mudos criado por Otto Messmer que entrou em declínio com a chegada da animação sonora. Em 1927 Walt Disney produz *Oswald the Lucky Rabbit* numa série de 26 episódios que se revelou um fracasso mas serviu como experimentação para criar *Mickey Mouse*. *Steamboat Willie* estreia em Nova Iorque em setembro de 1928. Devido aos elevados custos de produção das obras de animação e ao surgimento da Segunda Guerra Mundial, a Disney entrou em declínio tendo alcançado o próximo sucesso em 1939 com *Little Mermaid* (Zagalo, 2007).

⁸ Fig. 5 - *Citizen Kane*, 1941. Disponível em <http://www.forbes.com/sites>, acessado a 24 de março 2014.

⁹ Fig. 6 - *The Wizard of Oz*, 1939. Disponível em <http://www.moviehousememories.com/>, acessado a 24 de março 2014.



Fig.7 - *Felix The Cat*, 1920
Fonte: Felix The Cat¹⁰

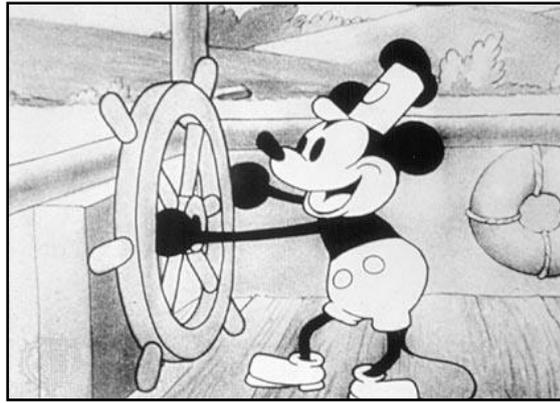


Fig.8 - *Steamboat Willie*, 1928
Fonte: Film-Cine¹¹

Nos últimos 20 anos, a produção cinematográfica tem sido condicionada pelas transformações na indústria do cinema e no consumo por parte dos espectadores que tem vindo a diminuir, em parte, porque a presença da televisão torna possível a visualização de filmes em casa. A preferência dos espectadores vai para filmes de grandes aventuras e ficção científica com efeitos espaciais elaborados como *Star Wars* (1977) de George Lucas, *Alien* (1979) de Ridley Scott e *E.T. The Extra-terrestrial* (1982) de Steven Spielberg.



Fig.9 - *Star Wars*, 1977
Fonte: The Guardian¹²



Fig.10 - *E.T. The Extra-terrestrial*, 1982
Fonte: UCLA Film & Television Archive¹³

James Monaco (1981) explica que as variações entre as épocas do cinema, que são normalmente definidas por diferenças estéticas, são na verdade causadas por desenvolvimentos económicos:

¹⁰Fig.7 - *Felix The Cat*, 1920. Disponível em <http://www.felixthecat.com/>, acedido a 24 de março 2014.

¹¹ Fig.8 - *Steamboat Willie*, 1928. Disponível em <http://movies.film-cine.com/>, acedido a 24 de março 2014.

¹² Fig.9 - *Star Wars*, 1977. Disponível em <http://www.theguardian.com/>, acedido a 24 de março 2014.

¹³Fig.10 - *E.T. The Extra-terrestrial*, 1982 Disponível em <http://www.cinema.ucla.edu/>, acedido a 24 de março 2014.

- Entre os anos 1896 e 1912 o cinema evoluiu de um passatempo marginalizado para uma arte económica em pleno desenvolvimento;
- O cinema mudo situa-se entre os anos 1913 e 1927;
- Entre os anos 1928 e 1932 o cinema esteve numa fase de transição significativa em termos de desenvolvimento tecnológico e económico;
- Entre 1932 e 1946 foi o período marcante de Hollywood, os filmes tiveram um grande sucesso económico;
- Logo após a Segunda Guerra Mundial o cinema teve de enfrentar a televisão. Entre 1947 e 1959 aumentou a internacionalização e Hollywood deixou de dominar a indústria do cinema;
- Entre 1960 e 1980 iniciou-se uma "nova era" do cinema em francês com grandes inovações tecnológicas, uma nova abordagem da economia de produção de filmes e um novo reconhecimento do valor social e político do cinema;
- Em 1980 termina esta "nova era" e começa um novo período na história do cinema. Nos dias de hoje, os filmes são vistos como parte integrante de um vasto leque de meios de comunicação e entretenimento, o cinema já não tem a influência económica que teve no passado, atualmente é mais uma faceta do sistema mediático.

Os primeiros espetáculos cinematográficos portugueses ocorreram a 18 de junho de 1896. Foi feita uma exibição de "fotografias vivas" através do "Electro-Tachiscópio" ou "kynetographo" de Edison na Exposição Imperial em Lisboa. "Funcionava das 16 às 18 horas e das 19 às 20h, todos os dias, sendo o preço do ingresso 100 reis" (Cinemateca Portuguesa, 1996, p. 10). A 6 de março de 1895 foi novamente mostrado o então apelidado de "kinetoscópio" na Tabacaria Neves no Rossio perante os gritos de ansiedade do público que assistia aos "Movimentos duma Dançarina" (Cinemateca Portuguesa, 1996).

Já os irmãos Lumière andavam a filmar e a projetar em toda a Europa quando em 1896 Robert William Paul registou em Portugal o "Animatógrafo". A primeira sala para exibição de filmes, o Salão Ideal, foi construída em 1904 onde os filmes mudos eram

projetados entre a algazarra do público que fazia comentários frequentes. As exibições eram, por isso, acompanhadas por um piano que, para além de enquadrar o ritmo da narrativa servia também para disfarçar o barulho dos espetadores (*ibidem*).

Só nos anos 30, com o aparecimento do cinema sonoro é que os filmes começam a estender-se às classes mais elevadas. Segundo Eduardo Geda (1987), o cinema transformou-se num espetáculo para todas as famílias devido a quatro fatores:

- Instauração de comissões de censura aceites pela profissão;
- Garantia de receitas de bilheteira assente no *star system*;
- Condições técnicas que permitiram a elaboração e o aperfeiçoamento da longa-metragem;
- Construção e manutenção de salas próprias para filmes.

A exibição cinematográfica em Portugal enfrentou dificuldades como a deficiente eletrificação do país, a Segunda Guerra Mundial e o nacionalismo económico que fechou Portugal aos investimentos estrangeiros. O Estado Novo também dificultou a difusão do cinema publicando legislações que exigiam licenças e autorizações muitas vezes difíceis de obter (Geda, 1987).

Em 1959 os empresários de cinema tentam impedir o aparecimento de empresas concorrentes através de diplomas legais que estabeleceram o condicionamento dos recintos de espetáculos não compreendendo que o aumento das salas de exibição poderia contribuir para criar hábitos de consumo que se refletiriam no aumento da frequência de espetadores (*ibidem*).

Em 1973 Portugal tinha 410 salas cinemas e 28 milhões de espetadores por ano, mas perdeu, entre 1974 e 1984, cerca de 60 por cento de espetadores, em parte devido à expansão da televisão (*ibidem*).

1.3. Linguagem e técnicas cinematográficas

O cinema é uma arte que depende bastante da tecnologia, desde as máquinas de projeção, à gravação ou iluminação.

Este meio tem sofrido várias alterações visuais a par da evolução tecnológica como a passagem do cinema mudo ao sonoro ou das imagens a preto e branco para imagens a cores.

Num filme são utilizadas técnicas cinematográficas e culturais, como a iluminação ou os movimentos de câmara, que ajudam a compreender a linguagem fílmica. É importante, por isso, perceber como estas técnicas influenciam a forma como se conta uma história.

Segundo Eduardo Geadá (1987) todos os filmes têm em comum cinco conceitos cinematográficos:

- A perceção visual e auditiva orientada através dos traços pertinentes dos códigos de reconhecimento que são variáveis consoante as culturas;
- Os códigos de nomação icónica, ou seja, o ato de dar um nome aos objetos visuais, o que vem reforçar a interdependência existente entre a analogia perceptiva, o domínio léxico verbal e a fluência da ordem simbólica;
- O sistema de conotações proposto pelo filme, de algum modo determinado pelas condições do contexto sócio-cultural em que se encontra o espetador;
- As configurações significantes cinematográficas, na sua maior parte tributárias de uma multi-articulação de códigos que não são especificamente cinematográficos, à exceção, porventura da imagem em movimento e da montagem em sentido restrito;
- As grandes estruturas narrativas que determinam a vocação espetacular do cinema, apesar de ele ter surgido, primitivamente, mais como um instrumento de investigação científica. O facto de qualquer película constituir uma sequência temporal, organizada numa sucessão encadeada de fragmentos de espaços e sons, faz com que a própria natureza do cinema obedeça aos preceitos do percurso narrativo.

1.3.1. A Narrativa Cinematográfica

Alguns críticos defendem que as estruturas narrativas são todas iguais, apresentam-nos um herói ou uma heroína e mostram-nos o mundo em que vivem. A normalidade

do seu mundo é quebrada ou alterada e o herói/heroína tem de restabelecer essa normalidade. José M^a Aguilera Carrasco (1998) defende, contudo, que cada história é diferente para cada pessoa e isso permite que os espectadores tenham diferentes opiniões quando se trata de avaliar um filme.

Quando vemos um filme estamos perante uma história cuidadosamente contada para produzir um efeito na sua audiência, os movimentos da câmara, as personagens e os cenários são escolhidos de forma a transmitir uma mensagem que pode não ser recebida da mesma forma por todos (*ibidem*).

1.3.2. Enquadramento

"Designa-se por enquadramento o acto, bem como o resultado desse acto, que delimita e constrói um espaço visual para o transformar em espaço de representação" (Gardies, 2007, p. 20). O enquadramento não produz uma cópia da realidade mas sim uma representação do mundo. Enquadrar é escolher o que é retido e o que é afastado, representado e dando sentido à história, o que pode variar conforme o contexto cultural e económico, as condições materiais, os criadores e os géneros (*ibidem*).

Eduardo Geada (1987) explica que "enquadrar é reduzir toda a extensão do visível e do possível aos limites do quadro (da escala, do ângulo, da profundidade, do movimento, da duração, da luz) e valorizar essa redução com a intensidade e a intencionalidade do sentido e do prazer" (p. 21).

1.3.3. Movimentos e Ângulos de Câmara

Os movimentos de câmara dividem-se, em geral, em rotação e translação.

No que diz respeito aos movimentos de rotação incluem-se aqueles em que a câmara se move sobre um eixo fixo, ou seja, as panorâmicas horizontais, verticais ou oblíquas. A escolha dos movimentos pode ser uma questão de estilo, um planeamento narrativo ou uma representação de um estado emocional (Amar, 2000).

Os movimentos de translação referem-se aos *travellings*, ou seja, movimentos sobre carros ou carris, para a frente, para trás ou para as laterais. Estes movimentos têm a

particularidade de permitir registar enquadramentos diferentes sem modificar o plano (*ibidem*).

As utilizações mais frequentes são:

- Descritiva - percorre um espaço fornecendo informações e referências espaciais;
- De relação - o objetivo é que se relacionem protagonistas, lugares e que se estabeleçam associações casuais, afetivas e temporais;
- De acompanhamento - segue o protagonista ou a ação enquanto existe movimento;
- De aproximação ou afastamento - em função da situação dramática ou narrativa a câmara aproxima-se ou afasta-se;
- De reenquadramento - leve movimento de câmara para corrigir um plano (*ibidem*).

No que diz respeito aos ângulos de câmara, é classificado como "normal" aquele que coincide com a altura dos olhos da personagem, quando a câmara se encontra inclinada para o solo denomina-se "ângulo picado", que minimiza a personagem e apresenta-a vulnerável. O "ângulo contrapicado", que situa a câmara de baixo para cima dá enfoque ao sujeito mostrando um perfil de superioridade (*ibidem*).

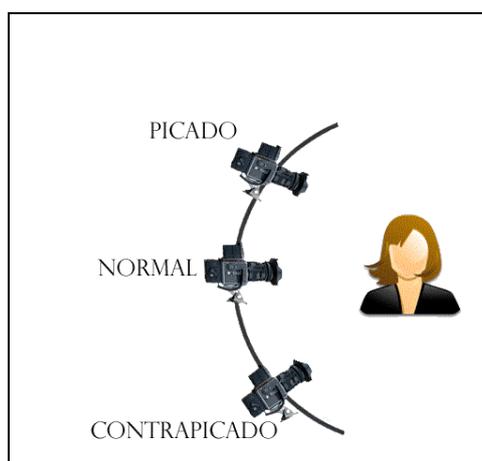


Fig.11 - Ângulos de câmara
Fonte: Wikipedia¹⁴

¹⁴ Fig.11 - Ângulos de câmara. Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Plano_cinematogr%C3%A1fico, acessado a 24 de março 2014.

1.3.4. Os Planos

"Toda a imagem contém uma infinidade virtual de imagens. A questão crucial da prática cinematográfica consiste, portanto, em saber onde colocar a câmara, onde começa e quando acaba o plano, porquê uma imagem em vez de outra, qual a razão e o momento em que um plano deve ser substituído por outro" (Geada, 1987, p. 21).

O plano é uma unidade técnica de visualização e de montagem, no momento da filmagem o plano inclui as imagens e os sons captados e no filme corresponde ao que foi conservado na montagem (Gardies, 2007).

Num filme podemos dizer que a unidade básica é o plano, uma imagem cinematográfica que se relaciona com outras que em conjunto formam uma cena que por sua vez produzem uma sequência narrativa, que, como todas as narrativas, tem um começo, um desenvolvimento e um fim (Carrasco, 1998).

Os planos abertos ou planos distantes - plano geral e plano inteiro ou de conjunto - têm uma importante capacidade descritiva, muito útil para contextualizar as personagens e o ambiente em que se inserem. Os planos médios - plano americano e plano aproximado - possuem uma grande capacidade narrativa, são utilizados para centrar a ação e a atenção tanto de um sujeito como de um objeto. Estes planos contribuem para a evolução da narrativa e devido "ao seu conteúdo estético e às suas características como referente gestual transformam-no no plano cinematográfico por excelência" (Amar, 2000, p. 142).

Os planos de menor escala, ou planos próximos - grande plano e muito grande plano - evidenciam certas características que podem passar despercebidas ao espectador. Através destes planos, que costumam ser usados em situações de intensidade dramática, o filme adquire uma maior intensidade do ponto de vista dramático focando a expressão facial das personagens (Amar, 2000).

Para além destes, existem outros planos como o contra plano que se utiliza, por exemplo, num diálogo em que se vão alterando os planos para mostrar consecutivamente os rostos das personagens enquanto vão falando e o plano de sequência, um plano tão longo que pode corresponder a uma sequência inteira de um filme (*ibidem*).

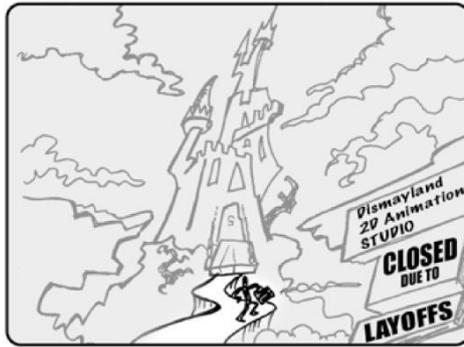


Fig.12 - Plano Geral



Fig.13 - Plano Inteiro ou de Conjunto



Fig.14 - Plano Médio



Fig.15 - Grande Plano



Fig.16 - Muito Grande Plano

Fonte: Unidade curricular Produções Mediáticas

Segundo Jacques Aumont e Michel Marie (2009) podem ser considerados os seguintes parâmetros na análise dos planos de uma obra cinematográfica:

- Duração dos planos, número de fotogramas;
- Grandeza dos planos, incidência angular, profundidade de campo, apresentação das personagens e dos objetos em profundidade, tipo de objetiva utilizada;
- Montagem: tipos de *raccords* usados;

- Movimentos: deslocações dos atores no campo, entradas e saídas de campo, movimentos de câmara;
- Banda sonora: diálogos, indicações quanto à música, escala sonora, natureza da captação de som;
- Relações som-imagem: "posição" da fonte sonora quanto à imagem, sincronismo ou dessincronismo entre a imagem e o som.

1.3.5. A Linguagem Sonora

A banda sonora de um filme não é composta só pela música. Os diálogos, os ruídos de fundo, os pensamentos e os comentários também fazem parte da linguagem sonora cinematográfica (Carrasco, 1998).

Mesmo no período do cinema mudo o acompanhamento musical dos filmes era um componente importante no que diz respeito ao impacto emocional e à narrativa dramática. Segundo Eduardo Geada (1987) "a função prioritária da música na banda sonora é (...) a de aproximar o cinema de uma certa sensação de realidade" (p. 122).

Nesta altura, o som era entendido como um componente da imagem, a música, os sons e os ruídos eram informação suplementar.

No cinema moderno, por outro lado, são atribuídas outras funções à linguagem sonora como explicam Herminia Arredondo e Francisco J. García (1998):

- Função unificadora do fluxo de imagens pelo som: a ligação entre imagens pode ser efetuada através da paisagem sonora ou de sons ambiente;
- Função pontuadora do som: esta tarefa é realizada pelo editor de som que sincroniza os sons com as imagens. O *leitmotif*, criado pelo compositor Max Steiner, é um recurso muito utilizado no cinema que consiste em associar um tema musical a uma personagem, a uma ideia ou a um acontecimento facilitando a memorização por parte do público, contribuindo, assim, para gerar sentido e reduzir ambiguidades (Geada, 1987);
- Função de antecipação: o som pode ser utilizado para criar no espetador uma expectativa que pode ser confirmada ou negada posteriormente;

- Modos de expressar o silêncio: a ausência de sons e ruídos não é única forma de expressar o silêncio. Também podem ser utilizados sons ténues, distantes ou ruídos que sugerem intimidade para caracterizar ambientes em que se faz sentir o silêncio;
- Pontos de sincronização de imagem sonora e visual: neste caso, faz-se referência a imagens visuais de golpes, disparos ou impactos reforçadas por sons instantâneos e pontuais;
- Localização da fonte sonora: sons diegéticos são aqueles que se ouvem acompanhados da visualização da sua fonte sonora e sons não diegéticos são os que não são acompanhados visualmente da causa que os origina. Assim, o som pode aparecer a partir de uma fonte sonora situada no tempo e lugar da ação ou fora desta, sendo possível passar de um a outro ou ocorrerem simultaneamente.

1.3.6. A Iluminação

Durante a maioria das cenas de um filme a iluminação utilizada corresponde à forma como estamos habituados a ver a realidade. Noutros momentos, contudo, a iluminação pode ser usada de forma a mostrar que algo de especial está a acontecer no filme, como um momento dramático ou romântico (Amar, 2000).

Pode-se recorrer a efeitos de luz para transmitir certos pensamentos ou o humor das personagens ou para descrever o tempo meteorológico. O preto e branco ou a gama de cores são muitas vezes usadas artisticamente para influenciar o discurso cinematográfico. "Uma luz de fundo, uma luz no teto, iluminação ténue, a aproximação ou distanciamento de uma personagem de um ponto de luz, além do tamanho e número de focos de iluminação são aspectos verdadeiramente essenciais para decodificar um filme" (*ibidem*, p. 147).

A luz tem como função expressar os elementos narrativos e mostrar o clima que o realizador e a equipa de produção pretendem transmitir aos espetadores.

1.3.7. Os Efeitos Especiais

"Ao que parece, é possível visualizar tudo, até o impossível" (Geada, 1987, p. 84). Os efeitos especiais, utilizados sobretudo em filmes de aventura e ficção científica, servem para apelar à imaginação e representar aquilo que não existe, que não está presente no nosso quotidiano ou que não pode ser filmado de forma tradicional. Os efeitos especiais começaram a ser utilizados em grande escala a partir dos anos 70 quando a tecnologia foi aperfeiçoada pelas indústrias audiovisuais (*ibidem*).

No entanto, os efeitos especiais não são uma técnica recente. Quando os irmãos Lumière inventaram o cinematógrafo já George Méliès utilizava o kinetoscópio procurando criar ilusões e expressar aquilo que não conseguia através do teatro. Alguns meses após a invenção do cinematógrafo, Méliès constrói o seu próprio estúdio e começa a produzir, a realizar, a criar argumentos, cenários e efeitos especiais. Conhecido como o pai dos efeitos especiais, Georges Méliès aprendeu pintura, música, ilusionismo e trabalhou na fábrica de calçado do seu pai. Posteriormente utilizou estes conhecimentos para criar técnicas cinematográficas e construir os cenários dos seus filmes. A estrutura da ilusão meliesiana consiste "na sobreposição de imagem, na edição de movimento, nas transformações, no esconde e mostra constante, criado através do *stop-motion*, nas rápidas movimentações, tudo sempre em busca do fora de comum, do fantástico" (Zagalo, 2007, p. 57).

1.3.8. O Tempo no cinema

Quando se produziram os primeiros filmes, os realizadores posicionavam a câmara e filmavam as cenas ininterruptamente, sendo que o tempo em que decorria a ação era o tempo real. Conforme foram evoluindo as tecnologias e as audiências os cineastas foram experimentando juntar cenas diferentes e editar partes de um filme percebendo que não era necessário que um filme decorresse na sua duração real (Amar, 2000).

De facto, o cinema é uma arte que utiliza o tempo de forma muito particular, permitindo voltar ao passado - *flashback* - ou ir ao futuro - *flashforward*. Para além disso, no cinema, o tempo pode ser alargado, sendo conhecido neste caso como distensão temporal, por exemplo para efeitos de suspense, ou comprimido,

chamando-se condensação temporal. Numa terceira opção, o tempo pode ainda adequar-se ao tempo real, ao tempo presente (*ibidem*).

Outra particularidade do tempo cinematográfico são as elipses. Raramente é possível produzir um filme correspondendo ao tempo real dos acontecimentos, assim sendo, omitem-se informações que podem ser identificadas através do contexto narrativo ou através de diálogos entre as personagens (*ibidem*).

1.3.9. A Montagem

Para que exista consistência na narrativa cinematográfica é necessário que haja uma continuidade entre os planos. É necessário que se estabeleça uma ligação entre os diferentes planos no momento da edição e da montagem de um filme, ou seja, "é preciso não só que os cenários, a luz, os movimentos dos figurantes sejam os mesmos de um plano para outro, mas também que o espectador os sinta como pertencendo a uma mesma unidade" (Gardies, 2007, p. 37).

Através da montagem, é possível, assim, construir uma narrativa utilizando diferentes sequências juntas. Desta forma é possível passar de um plano geral para um muito grande plano acrescentando emoção à narrativa.

A montagem é, portanto, a união de uns planos com os outros, utilizada com o objetivo de "suscitar a adesão do espectador, impor a ordem e a duração dos planos, estabelecer os parâmetros do discurso fílmico e apontar os limites da sua leitura" (Geada, 1987, p. 44).

René Gardies (2007) explica as características da montagem tradicional: deve sempre existir a recuperação de um fragmento do plano anterior para permitir uma sensação de fluidez e evitar os cortes; os ângulos de filmagem devem ser feitos sempre do mesmo lado de uma linha imaginária que divide a cena ao meio, chama-se a regra dos 180°.

Um elemento essencial para ligar os fragmentos da ação são os *raccords*, que dão um sentido de continuidade no que diz respeito à direção, à posição ou à iluminação que os planos devem ter quando são alterados (Amar, 2000).

A utilização de técnicas de edição e montagem permite aos realizadores manipular o tempo e dar coerência às sensações, ao raciocínio e ao discurso cinematográfico relacionando o conteúdo das sequências (*ibidem*).

1.4. Géneros cinematográficos

A questão dos géneros no cinema deriva de áreas artísticas como a literatura - a tragédia, o drama e a comédia - e a pintura. Mais tarde, a arte cinematográfica dá origem a uma forma própria de categorizar os diferentes géneros. Luís Nogueira (2010) explica que um género é "uma categoria ou tipo de filmes que congrega e descreve obras a partir de marcas de afinidade de diversa ordem, entre as quais as mais determinantes tendem a ser as narrativas ou as temáticas" (p. 3).

Segundo o autor, todas as obras cinematográficas pertencem a um determinado género definido pelas suas características, mas um filme pode apresentar elementos de diferentes géneros. A sua identificação mais comum depende de um conjunto de aspetos como o tipo de personagens, o tipo de situações, a narrativa, os diferentes temas ou cenários e a época histórica (Nogueira, 2010). Uma classificação dos géneros mais abrangente e que engloba outras obras audiovisuais indica que:

- Os pressupostos técnicos nos permitem reconhecer o cinema de animação enquanto género;
- A assunção de um programa estético permite identificar as características do cinema experimental;
- As condições de produção e a eleição de certos temas permitem distinguir o cinema independente;
- As premissas criativas são fundamentais para reconhecer e categorizar o cinema de autor;
- As prescrições discursivas permitem falar de cinema documental;
- A configuração do formato permite identificar a curta-metragem;
- A função comunicacional permite reconhecer o vídeo musical;

- A matriz comercial permite identificar o filme publicitário (Nogueira, 2010, p. 5).

Os géneros cinematográficos desempenham valiosas funções em contextos como a produção - permitem avaliar as possibilidades de sucesso através da criação de expectativas no espetador; o consumo - possibilitam ao espetador uma organização da sua experiência, assim como uma melhor interpretação e escolha dos filmes; a criação - o criador poderá desenvolver a sua obra baseado numa tradição ou quebrando os códigos de determinados géneros, podendo de ambas as formas sobressair como autor; a análise - num contexto teórico de quem procura compreender as obras cinematográficas, os géneros são um quadro de referência e a sua interpretação deverá incluir esta análise; a crítica - os críticos avaliam e julgam uma obra em relação ao afastamento ou proximidade desta em relação aos princípios de um género; e a divulgação - em relação à divulgação os géneros revelam a sua utilidade no discurso mediático, no trabalho de programação e no contexto quotidiano de partilha de opiniões entre espetadores (Nogueira, 2010).

Apesar de a definição dos diferentes géneros ser de difícil consenso pelas mutações que cada um sofre ao longo do tempo, é graças a esta dinâmica que se pode compreender melhor a história do cinema (*ibidem*).

Existem, no entanto, géneros cinematográficos instituídos, nomeadamente pela indústria americana, na qual se apoiam muitas vezes outras indústrias, que passaremos a apresentar sucintamente de acordo com a conceção de Luís Nogueira (2010):

- **Ação:** os filmes de ação são os mais populares entre os espetadores e são os que têm maior sucesso comercial privilegiando os atores famosos, os efeitos especiais elaborados e cenários grandiosos. Do ponto de vista da narrativa, existe uma série de situações que se vão repetindo nos diferentes filmes e nas quais os heróis ou vilões são facilmente identificados por traços fisiológicos ou pela indumentária. Este género tem como principal objetivo o entretenimento não pretendendo retratar temas controversos ou desenvolver complexamente

as personagens. A montagem ritmada serve para intensificar a ação assim como as explosões, as batalhas ou as perseguições.

- **Comédia:** a comédia procura suscitar o riso nas mais diversas formas através da exposição das fragilidades humanas. Para isso são utilizadas estratégias humorísticas como o exagero, o equívoco, o absurdo, o insólito, o imprevisto, a sátira, o escárnio, o sarcasmo ou a caricatura. Na comédia podem ser identificados vários subgêneros, entre eles: a comédia romântica que centra a sua narrativa num momento inicial de rutura de um casal até à sua conciliação final; a comédia dramática que concilia a ligeireza com momentos dramáticos criando uma alternância de discursos; a comédia negra que procura inverter valores e exibir o absurdo; a comédia verbal que assenta em trocadilhos e em jogos de linguagem; e a comédia *slapstick* que recorre ao corpo e à mimica para provocar o riso, muitas vezes através de atos de violência exagerada sem consequências.
- **Drama:** o drama procura expressar a seriedade dos factos e retratar o ser humano comum em situações do quotidiano que têm implicações afetivas ou que provocam polémica social. Os filmes dramáticos procuram problematizar a sociedade e os seus valores, as personagens são complexas e as situações que confrontam adversas. Alguns dos subgêneros mais comuns são: o drama social, no qual as personagens se confrontam com os contextos em que se inserem; o drama bélico, que representa cenários de guerra e elevada violência nos quais os indivíduos descobrem a sua identidade; o drama psicológico, que coloca o indivíduo em confronto consigo mesmo; o drama romântico, que se foca nas relações afetivas e nas suas dificuldades; o drama familiar, que se pode centrar na disfuncionalidade familiar, nos conflitos de gerações ou no amadurecimento do indivíduo; o drama político, que questiona ou promove certos valores políticos e as suas implicações sociais e o *biopic* que retrata de forma ficcionada uma personagem com importância histórica expondo as suas fragilidades ou as suas virtudes.
- **Ficção científica:** este género especula sobre mundos ou acontecimentos possíveis a partir do conhecimento científico. Questiona as consequências dos avanços tecnológicos e científicos e expressa uma preocupação com o futuro

da humanidade procurando projetá-lo através de cenários, objetos e personagens. A organização política e social é muitas vezes retratada na forma de distopia expressando uma visão pessimista do futuro da humanidade quer seja pela revolta de *robots*, por invasões extraterrestres, por catástrofes ou sobrepopulação. Na sociedade atual, que tem a tecnologia como base das mais variadas atividades sociais, este género permanece uma área de interesse e em constante desenvolvimento criativo.

- **Musical:** neste género, a música detém um papel extremamente importante na narrativa. Aqui a música não é um complemento das situações ou da caracterização das personagens, surge a partir das suas vivências e influencia os seus comportamentos. Os musicais distinguem-se dos outros géneros pelos momentos cantados e dançados pelas personagens, que expõem os seus sentimentos ou opiniões. São estes momentos que caracterizam as personagens, a narrativa e permitem o desenvolvimento da ação através de coreografias sofisticadas e cenários grandiosos.
- **Terror:** o espetador do filme de terror encontra o prazer no sofrimento e no desconforto que este género provoca. O espetador experimenta as dificuldades das personagens sem sentir na pele o sofrimento por que passam. Este género pode ter efeitos como o medo, o terror, a repulsa, o choque ou o horror com efeitos emocionais que podem manifestar-se com náuseas, gritos ou suores. Existe uma enorme variedade de personagens que podem provocar estas reações como os lobisomens, os vampiros, os *zombies*, os *aliens*, os demónios, os fantasmas ou os assassinos em série que provêm geralmente da literatura ou da especulação popular. Neste género existe um conjunto de situações que se vão repetindo em grande parte dos filmes, mas é também um dos géneros mais criativos e populares entre os espetadores. Na década de 70 começaram a surgir filmes com situações de extrema violência dando origem aos subgéneros *gore* ou *splatter film*. Desde então os limites do suportável e do admissível têm sido constantemente desafiados procurando provocar no espetador sensações de repulsa e de horror.
- **Thriller:** este género tende a criar no espetador uma ansiedade e nervosismo que ajudam ao seu envolvimento na narrativa dos acontecimentos. Provoca

uma constante dúvida sobre o desfecho dos acontecimentos e sobre o destino das personagens através de sugestões enganosas que obrigam o espetador a repensar as suas hipóteses. Neste género, o espetador põe à prova a sua perspicácia (tenta descobrir o desfecho da história), a crença (é induzido a acreditar num desfecho que quase nunca se concretiza), a ingenuidade (porque as personagens e as situações são muitas vezes enganadoras) e a afetividade (porque o espetador toma partido das personagens por quem simpatiza). O *thriller* é o género onde existe mais tensão dramática e onde as expectativas são mais desafiadas. O espetador experiencia uma constante dúvida e incerteza quanto ao destino das personagens o que caracteriza este tipo de filmes como *suspense*. Outro aspeto importante deste género é a escassez de tempo que as personagens têm para resolver os problemas o que contribui para a angústia e ansiedade do espetador.

- **Western:** é um género clássico especificamente criado para o cinema. O *western* é um retrato do oeste americano que expõe a oposição entre a ordem e o caos, entre a lei e os bandidos e entre a cidade e o campo. É um género que retrata múltiplos conflitos e dá a conhecer um herói implacável e indomável, o *cowboy* e os seus adversários que são, em geral, as populações indígenas. Em termos narrativos, existem alguns elementos fundamentais como as batalhas ou os duelos. Outros aspetos que caracterizam este género são os cavaleiros, as roupas de vaqueiro, as botas e o chapéu de *cowboy*, as pistolas e os cantis.
- **Animação:** do ponto de vista técnico, no cinema de animação, as imagens são registadas fotograma a fotograma e não de forma contínua como no cinema convencional. A animação consiste, assim, na persistência de uma sequência de imagens na retina que cria a ilusão de movimento e são as pequenas variações entre cada fotograma (desenhos, objetos ou outros elementos) que permitem a animação. O cinema de animação procura muitas vezes dar vida e ânimo a entidades inanimadas e pela liberdade que permite tem como temas o sonho, a fantasia e as fábulas. Na animação tudo pode ganhar vida e exprimir sentimentos. Este género possui um conjunto de princípios que servem como guia do trabalho criativo, entre eles: o *timing*, que ajuda as personagens ou os objetos a parecer pesados ou leves, tristes ou felizes, agitados ou calmos; o

slow in e *slow out* que descreve a aceleração e desaceleração progressiva das ações; os *movimentos naturais* tendem a descrever arcos, ao passo que o *movimento mecânico* tende a ser linear; a *Ação secundária* é um movimento de segundo plano gerado pelo movimento principal; o princípio do *squash & stretch* consiste em deformar os objetos, mantendo o seu volume; o *exagero* é fundamental na animação *cartoon* e pode incidir sobre diversos aspetos: aparência, personalidade, movimentos, etc; a *antecipação* serve para preparar o espectador para algum movimento importante da personagem, de modo a torná-la mais compreensível; o *desenho sólido* é um princípio importante porque é necessário conhecer os volumes e a anatomia das personagens e dos objetos e o *apelo* que consiste em tornar as personagens carismáticas de forma a criar empatia com o espectador. A animação deve também ser elegante e graciosa e não necessariamente uma cópia do mundo real.

Feita uma abordagem direcionada para o papel do cinema na sociedade atual, para os principais marcos históricos deste meio e para a sua linguagem e elementos técnicos, no sentido de que estes conhecimentos são fundamentais para a literacia fílmica, o próximo capítulo será dedicado à educação para os media em geral, à importância de uma educação a este nível nos dias de hoje e a algumas das principais iniciativas portuguesas e europeias de forma a contextualizar o tema central desta investigação: a educação para o cinema.

2. Literacia Mediática no contexto da sociedade atual

2.1. A importância da educação para os media

A paisagem mediática tem vindo a sofrer significativas alterações com consequências na relação que as pessoas têm com os media. Regista-se um enorme consumo mediático na sociedade atual e é importante que as pessoas tomem consciência da profunda influência que os media têm nas perceções, crenças e atitudes (Koltay, 2011). Televisão, rádio, internet, cinema, jornais e videojogos ocupam cada vez mais tempo no dia a dia de crianças e adultos. Alguns destes meios são muitas vezes utilizados em simultâneo e é possível hoje em dia aceder a uma grande quantidade e variedade de informação.

Isabel Oliveira e Teresa da Fonseca (1995) explicam que " a informação oferecida pelos media, é hoje, para além de fonte inesgotável de conhecimento e de aprendizagem, um fator que condiciona comportamentos e opiniões" e que "a expansão das tecnologias de comunicação alterou profundamente os processos de conhecimento e de transmissão de informação, ao ponto de chegar a conceder aos media um papel fundamental na representação social da realidade" (Oliveira & Fonseca, 1995, p. 86).

As novas tecnologias digitais e a democratização do acesso à internet vieram facilitar o acesso a obras audiovisuais. No que diz respeito ao cinema, é possível, hoje em dia ver filmes em vários suportes: nas salas de cinema, nas televisões da nossa casa, no computador, nos *tablets* ou através de leitores de DVD. James Monaco (1981) explica que "os filmes mudaram a forma como vemos o mundo e como nos vemos a nós próprios" por isso a educação para o cinema é essencial para mudar a forma como o espetador compreende os filmes já que pessoas mais literadas e experientes "veem mais e ouvem mais do que pessoas que raramente vão ao cinema" (p. 121).

A declaração de Grünwald sobre Educação para os Media salienta que " vivemos num mundo onde os media são omnipresentes" e que "em vez de condenar ou apoiar o inquestionável poder dos media, precisamos de aceitar o seu impacto significativo e a sua penetração pelo mundo como um facto consumado, valorizando ao mesmo tempo a sua importância como elemento de cultura no mundo moderno" (UNESCO, 1982).

A crescente disponibilização de informação e a expansão da utilização de novos media tecnológicos proporciona um alargamento de possibilidades mas exige também a

aquisição de competências mediáticas por parte de adultos e crianças. Len Masterman (1985) apresenta algumas razões que evidenciam a importância da educação para os media:

- O alto índice de consumo e a saturação das sociedades contemporâneas pelos media;
- A importância ideológica dos media e sua influência como indústrias de formação de consciência;
- O crescimento na gestão e produção de informações e sua divulgação pelos meios de comunicação;
- A crescente penetração dos meios de comunicação nos processos democráticos centrais;
- A crescente importância da comunicação e da informação visual em todas as áreas;
- A importância de educar os alunos para atender às demandas do futuro.

Estamos perante novos riscos e desafios impostos pelo atual ecossistema mediático que realçam a importância da educação para os media como forma de ajudar os cidadãos a olhar criticamente para as mensagens que lhes são transmitidas. Um estudo realizado por investigadores da Universidade do Minho para a Entidade Reguladora para a Comunicação Social salienta que "a par das competências para ler criticamente e usar judiciosamente os media, as novas redes, plataformas e ferramentas digitais vieram colocar em evidência outras necessidades básicas para a alfabetização e formação básica de todos os cidadãos, de forma a atenuar os riscos crescentes de novas formas de exclusão social" (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011, p. 143). Especialmente as crianças e jovens, utilizadores frequentes e assíduos das novas tecnologias e dos media digitais, enfrentam hoje novos riscos e desafios, sendo importante que sejam incentivados e utilizar os meios de comunicação de forma crítica e informada. Como refere o estudo citado, "a convergência de meios, a combinação de diferentes linguagens e o surgimento de novas, vieram adensar a necessidade de formar (alfabetizar, no dizer de alguns autores) os cidadãos para saberem navegar no ecossistema mediático e comunicacional" (*ibidem*). A 'Declaração de Braga', redigida

por altura do I Congresso Nacional sobre Literacia, Media e Cidadania refere também que "os códigos e linguagens característicos do mundo emergente apelam a um conceito de literacia que tenha por base não apenas a leitura, a escrita e o cálculo, mas também as imagens, os sons, a informação e as redes e, mais amplamente, as formas de comunicação digital e interactiva" (Declaração de Braga, 2011, p. 1).

A literacia para os media deve estabelecer-se como elo de ligação entre os elementos que integram os processos comunicativos. Alguns indivíduos estão mais integrados nas atividades mediáticas devido à crescente presença dos meios de comunicação na sociedade atual enquanto outros elementos se encontram excluídos no que diz respeito a aquisição de competências mediáticas (Reia-Baptista, 2009, p. 5). Vítor Reia-Baptista refere, nesse sentido, que "é necessário contextualizar os processos informativos e comunicativos no que respeita à generalidade das suas dimensões pedagógicas, assim como reflectir sobre as vertentes mais polémicas e problemáticas" (p. 3) implementando um conjunto de ações educativas que poderão ser designadas por Educação para os Media (*ibidem*).

2.2. Educação para os media: conceitos e objetivos

Torna-se relevante refletir sobre o que caracteriza a educação para os media de forma a contextualizar as suas vertentes, algumas iniciativas importantes e a melhor forma de integrar esta área no contexto escolar.

As primeiras investigações relacionadas com os media e as crianças tiveram lugar nos anos 30 com os estudos sobre cinema. Nesta altura a grande preocupação prendia-se com os efeitos potencialmente nocivos dos media sobre os mais jovens (Buckingham, 2005). Atualmente, a crescente exposição de jovens e crianças a uma grande quantidade de mensagens mediáticas é um dos fatores que justifica a necessidade de ações de educação para os media no contexto escolar. Os media assumem um papel central no desenvolvimento democrático, na participação cultural e na cidadania ativa e são ainda capazes de influenciar perceções, crenças e atitudes à medida que a comunicação e informação visual adquirem cada mais importância na sociedade atual (Thoman & Jolls, 2003).

Nos últimos anos a educação para os media tem vindo a adquirir uma importância crescente como suporte para o desenvolvimento de uma cidadania ativa e participativa e como meio para formar uma sociedade mediaticamente literada (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

A Comissão das Comunidades Europeias (2007) define literacia mediática "como a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos *media* e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos" (p. 2) e acrescenta ainda que devem ser considerados os seguintes níveis no que diz respeito à educação para os media:

- Estar à vontade com todos os tipos de media, desde jornais a comunidades virtuais;
- Utilizar ativamente os media, nomeadamente através da televisão interativa, dos motores de pesquisa da Internet ou da participação em comunidades virtuais, e explorar melhor as potencialidades dos media para entretenimento, acesso à cultura, diálogo intercultural, aprendizagem e aplicações quotidianas (p. ex., através de bibliotecas, *podcasts* (publicação de conteúdos audiovisuais na Internet));
- Ter uma visão crítica dos media no que respeita tanto à qualidade como ao rigor do conteúdo (p. ex., ser capaz de avaliar a informação, saber lidar com a publicidade nos diversos media, utilizar motores de pesquisa de forma inteligente);
- Utilizar criativamente os media, atendendo a que a evolução das tecnologias dos media e a presença crescente da Internet como canal de distribuição permitem que um número crescente de europeus crie e difunda imagens, informação e conteúdos;
- Compreender a economia dos media e a diferença entre pluralismo e propriedade dos media;
- Estar consciente das questões dos direitos de autor, essenciais para uma "cultura da legalidade", em especial para os mais novos, na sua dupla qualidade de consumidores e produtores de conteúdos.

Conforme explica David Buckingham (2005) num estudo realizado pela Ofcom “as crianças desenvolvem literacia mediática, mesmo na ausência de tentativas explícitas para a encorajar e promover” (p.3) e acrescenta ainda que "as crianças são compelidas a desenvolver um grau de competência em lidar com os media como resultado de três fatores: o seu nível geral de desenvolvimento cognitivo, emocional e social, a sua experiência do mundo em geral, e a sua experiência específica dos meios de comunicação" (Buckingham, 2005, p. 6).

Segundo a Ofcom, literacia mediática pode ser definida como a "capacidade de aceder, compreender e criar comunicações em uma variedade de contextos" e é a partir desta definição que David Buckingham desenvolve o estudo sobre as competências de literacia mediática de crianças e jovens. O autor realça as seguintes dimensões do conceito:

- *Aceder*: em primeiro lugar, *acesso* refere-se à possibilidade de aceder fisicamente a um equipamento e de o utilizar sem restrições. No que diz respeito aos media tradicionais como a televisão, rádio ou jornais impressos, hoje em dia a acessibilidade é bastante generalizada; relativamente aos novos media, por outro lado, existem ainda significativas desigualdades entre grupos de diferentes classes sociais. Em segundo lugar, *acesso* refere-se também à capacidade de manipular a tecnologia de forma a encontrar a informação que se procura.
- *Compreender*: refere-se àquilo que os utilizadores fazem quando localizam o conteúdo procurado. As crianças desenvolvem desde muito cedo uma compreensão básica da linguagem mediática em função da sua compreensão do mundo e do seu desenvolvimento cognitivo e social. No que diz respeito a esta dimensão existe uma extensa investigação relativamente ao desenvolvimento crítico das crianças em relação à televisão ao contrário dos novos media, como a internet, em relação aos quais não existem estudos significativos que respondam a questões, como por exemplo, a forma como as crianças interpretam e compreendem as páginas *web*.
- *Criar*: o processo de criação passa por "escrever" ideias através de palavras, sons e imagens utilizando vários tipos de tecnologias de comunicação para

criar, editar e partilhar a mensagem. Atualmente, com o aumento do acesso a computadores e a programas informáticos é possível, por exemplo, produzir vídeos, criar blogues ou *web-sites* e editar músicas. Estas atividades implicam a capacidade de aceder e de manipular tecnologia assim como a compreensão da linguagem mediática e da audiência pretendida (Buckingham, 2005).

2.3. O papel das Instituições Europeias e Internacionais

Vivemos atualmente numa sociedade com modelos de informação e comunicação cada vez mais assentes nas novas tecnologias e nos meios digitais. Formar cidadãos literados e capazes de utilizar criticamente os meios de comunicação é uma necessidade que não tem sido ignorada por parte de várias organizações internacionais que demonstram uma preocupação crescente com a educação para os media. Neste ponto serão apresentadas algumas iniciativas levadas a cabo por três instituições: UNESCO, Conselho da Europa e União Europeia (Comissão, Parlamento e Conselho). Estas entidades destacam-se nesta área pela produção de documentos que pretendem alertar para a importância da educação para os media na sociedade atual.

UNESCO

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura tem vindo a promover o direito à educação e em especial a questões ligadas com a comunicação desde 1964 (Silveira, 2011).

Um dos documentos mais importantes a referir é a "Declaração de Grünwald sobre a Educação para os Media" publicada em 1982 na Alemanha. Esta declaração salienta o facto de os media estarem cada vez mais presentes na vida dos cidadãos e realça a necessidade de aceitar o seu impacto na sociedade atual. Os meios de comunicação devem ser aceites como instrumentos de participação dos cidadãos na sociedade pelo que, os sistemas políticos e educativos devem promover a compreensão crítica destes meios. Na declaração referida destaca-se uma especial preocupação com as crianças e os jovens e com o papel da escola e da família na educação para os media e no desenvolvimento de uma consciência crítica em relação aos meios de comunicação.

No que diz respeito a esta Organização destacam-se as seguintes publicações como sendo as mais relevantes na área da educação para os media:

1982 - Grünwald Declaration on Media Education;

1990 - New Directions in Media Education, Toulouse: sistematiza e busca mais exatidão na definição do campo;

1999 - Educating for the Media and the Digital Age, Viena: enquadra o conceito no contexto dos avanços tecnológicos e a nova era de comunicação;

2002 - Youth Media Education Seminar, Sevilha: sublinha a necessidade de se virar para ação, através da criação de políticas em várias áreas, como a investigação, a formação, a cooperação entre escolas, os media, as ONG, instituições públicas e privadas (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011);

2007 - Paris Agenda, twelve recommendations for media education: reafirma a importância da “Declaração de Grünwald” e adverte para a importância da literacia mediática no sentido de proporcionar aos cidadãos competências para analisar criticamente as mensagens mediáticas (Pereira, 2011).

Conselho da Europa

Relativamente ao Conselho da Europa, podem ser destacadas várias publicações muitas vezes elaboradas na forma de Recomendação. Em 1990 foi publicada uma Recomendação “Sobre Cinema para Crianças e Adolescentes” que incentiva a introdução da educação para o cinema e para os media por parte dos Estados-Membros. Em 1993 a Recomendação “Sobre a Ética do Jornalismo” promove a criação de associações de media e incentiva as escolas a educar para os media. Em 1997 foi publicada a Recomendação “Sobre a Representação da Violência nos Media Eletrónicos” que alerta para a responsabilidade de pais e professores relativamente à utilização de meios eletrónicos por parte das crianças (Pereira, 2011).

Em 1999 foi publicado o documento “Educação nos media, Proposta de Recomendação” que refere a importância da educação para os media como forma de resolver os problemas de acesso à informação e às tecnologias. Salienta que deve ser posta em prática a formação de professores com o objetivo de desenvolver programas de formação de jovens e crianças na área da educação para os media. No ano 2000 foi

produzido o relatório “Educação para os Media” que destaca a necessidade de promover uma atitude crítica em relação aos media através da educação de crianças, pais e professores na qual devem estar envolvidas organizações não-governamentais e profissionais dos media (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

Em 2000 foi produzido o relatório “Educação para os Media” que manifesta uma preocupação relativamente ao facto de as pessoas estarem rodeadas de mensagens mediáticas mas poderem não estar realmente informadas e de existir o risco de uma nova forma de exclusão para aqueles que não podem ou não sabem como aceder ou utilizar os media. Este documento salienta a importância da educação para os media como forma de desenvolver competências que permitam às pessoas fazer leituras críticas e tomar decisões informadas. Em 2006 foi publicada uma Recomendação do Comité de Ministros aos Estados-Membros “Sobre a Capacitação das Crianças nos Novos Ambientes de Informação e de Comunicação” que relembra a importância da educação mediática para crianças e jovens como forma de fornecer competências que permitam compreender e analisar conteúdos mediáticos (Pereira, 2011).

Em 2007 o Conselho da Europa publica o documento com Recomendações “Sobre a Política de Educação para os Media” onde salienta que as questões relacionadas com a educação para os media estão ligadas aos direitos do homem e que são um meio de formar cidadãos capazes de tomar decisões informadas baseadas em informações obtidas através dos media. Neste documento volta-se a fazer referência à quantidade de mensagens que as pessoas, incluindo os mais jovens, recebem, não significando, no entanto que estejam bem informadas (*ibidem*).

União Europeia: Comissão, Parlamento e Conselho Europeu

A União Europeia tem vindo a dar força às suas ações através da Diretiva, que exige que os Estados-Membros alcancem um determinado resultado como é o caso da Diretiva 2007/65/CE 11 de Dezembro de 2007 que estabelece o seguinte compromisso: “até 19 de Dezembro de 2011 e, daí em diante, de três em três anos, a Comissão deve apresentar ao Parlamento Europeu, ao Conselho e ao Comité Económico e Social Europeu um relatório sobre a aplicação da presente diretiva e, se necessário, formular propostas destinadas à sua adaptação à evolução no domínio dos

serviços de comunicação social audiovisual, em especial à luz dos progressos tecnológicos recentes, da competitividade do sector e dos níveis de Educação para os Media em todos os Estados-Membros”.

Em dezembro de 2007 é publicada uma comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social e ao Comité das Regiões. Na comunicação “Uma abordagem europeia da literacia mediática no ambiente digital” define-se literacia mediática como “a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspectos dos media e dos seus conteúdos e de comunicar em diferentes contextos” (p. 3) e salienta-se a importância de “conhecer e compreender melhor o modo como os *media* funcionam no mundo digital, os novos protagonistas na economia dos *media* e as novas possibilidades e desafios que o consumo dos *media* digitais poderá trazer” (p. 2).

Em dezembro de 2008 o Parlamento Europeu apresenta uma Resolução “sobre literacia mediática no mundo digital” onde salienta a importância da educação para os media como forma de adquirir competências úteis no uso das novas tecnologias informáticas. “Assinala ainda o papel dos pais na promoção da literacia mediática, a qual, desejavelmente, se inicia no quadro familiar e prossegue no ambiente escolar e no quadro da aprendizagem ao longo da vida” (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011, p. 44).

Em 2009 a Comissão publica uma Recomendação “sobre literacia mediática no ambiente digital para uma indústria audiovisual e de conteúdos mais competitiva e uma sociedade do conhecimento inclusiva” onde se considera a literacia mediática uma condição essencial para o exercício de uma cidadania ativa e uma forma de evitar a exclusão social. É recomendado que se inclua a disciplina de educação para os media no programa escolar de forma a favorecer o desenvolvimento de competências que possibilitem a compreensão e a utilização informada das novas tecnologias digitais.

Por fim, é importante fazer referência às Conclusões do Conselho “sobre a literacia mediática no ambiente digital” de novembro de 2009 que focam o papel dos media na promoção da literacia mediática e evidenciam que diferentes grupos sociais e diferentes contextos correspondem a diferentes necessidades e comportamentos. O Conselho recomenda que é essencial reconhecer a importância dos meios de

comunicação digitais e tratar essa revolução como algo positivo e enriquecedor (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

Em Dezembro de 2009 foi elaborada a Diretiva 2007/65/CE do Parlamento e do Conselho Europeu que entre outros temas destaca a obrigatoriedade da Comissão apresentar um relatório sobre o que vai sendo feito na área da educação para os media e da importância de os cidadãos serem capazes de fazer escolhas informadas e de compreender os conteúdos e a linguagem mediática (Silveira, 2011).

2.4. O papel da escola, dos professores e dos pais

Os meios de comunicação estão em constante mudança, expansão e desenvolvimento tornando-se em muitos casos componentes centrais de atividades sociais, políticas e económicas, sendo que a educação deve acompanhar esta mudança e tornar-se igualmente flexível (Masterman, 1985).

A escola e a família devem assumir, no que diz respeito à educação para os media, um papel ativo na relação das crianças com os meios de comunicação favorecendo o conhecimento e a reflexão crítica. A Declaração de Grünwald adverte para a necessidade de os mais jovens serem preparados "para viverem num mundo de poderosas imagens, palavras e sons" sendo que "a educação para os media será mais eficaz quando pais, professores, profissionais dos media e decisores políticos, enfim todos reconhecerem que têm um papel a exercer no desenvolvimento de uma maior consciência crítica entre ouvintes, espectadores e leitores" (UNESCO, 1982).

A sociedade da informação tem apresentado enormes desafios à educação formal. Elizabeth Thoman e Tessa Jolls (2003) consideram que até aos dias de hoje a escola tem tido como objetivo ensinar aos alunos factos sobre o mundo, contudo, esse sistema deixa de fazer sentido quando a informação está à distância de um clique. Atualmente os alunos precisam de "aprender a encontrar o que precisam de saber quando eles precisam de o saber, e ter as habilidades de pensamento para analisar e avaliar se a informação que encontram é útil para o que eles querem saber" (*ibidem*, p 7). Para isso, é importante que as escolas incentivem a exploração, a experimentação e a descoberta e os professores assumam o papel de guias encorajando o processo de aprendizagem (*ibidem*).

Jacques Gonet (2007) defende que é importante que a escola combine a ação preventiva, que tem como objetivo prevenir os mais jovens contra a manipulação e influência mediática com o incentivo para criar a partir dos media, ou seja, tirar o máximo partido das informações dos media através do seu próprio ponto de vista. O autor salienta ainda a importância do papel dos professores e o facto de muitas vezes estes não possuírem as habilitações ou a preparação necessária para este tipo de formação (*ibidem*).

A escola não pode continuar a ignorar a realidade mediática atual e a sua influência na vida das pessoas. Deve, portanto, favorecer a integração dos meios de comunicação na sala de aula e o diálogo sobre os media já que estes podem ser uma preciosa ajuda na transformação da escola tradicional numa escola aberta e participativa que ajude a construir conhecimentos atualizados e aplicáveis à realidade promovendo uma atitude crítica e uma leitura informada das mensagens mediáticas (Santos, 1994).

Isabel Oliveira e Teresa da Fonseca (1995) explicam que "o reconhecimento deste novo papel da escola pressupõe uma consciencialização coletiva para compreender não só a renovação constante de conhecimento, mas também o modo de ser e de pensar do mundo" (p. 86). As autoras defendem a necessidade de desenvolver nos alunos a capacidade de análise e compreensão fundamentais para a descodificação da informação mediática, assim como de os motivar a utilizar diferentes fontes de informação e a participar em atividades democráticas. Defendem ainda que a interação entre a escola e os media deve ser feita a partir do diálogo entre educadores, alunos e profissionais dos meios de comunicação.

Tanto para alunos como para professores a literacia mediática é uma aptidão imprescindível para fazer escolhas informadas, afetar a mudança e exercer um certo grau de poder sobre as decisões que tomamos em nossas vidas diárias (Wilson, 2012).

A aposta na formação de professores e a integração dos conteúdos ligados aos meios de comunicação no sistema formal de educação podem ser o caminho para uma sociedade mediaticamente literada.

Em 2011 a UNESCO desenvolveu um currículo sobre literacia mediática para professores com o objetivo de promover uma melhor compreensão do papel dos media nas suas vidas e nas dos seus alunos. Neste sentido, reconhece-se que docentes mais capacitados em relação aos media e com mais conhecimentos informacionais

terão mais competências para ensinar os seus alunos a aprender de maneira autónoma.

O currículo apresenta uma serie de objetivos e competências relacionadas com o professor que incluem:

- Aumentar a capacidade dos professores para avaliar as fontes e aceder a informações com base em determinadas funções de serviço público normalmente atribuídos aos media, a bibliotecas, a arquivos e a outros fornecedores de informação;
- Equipar os professores com o conhecimento de ações que podem ser tomadas quando estes sistemas se desviam dos papéis esperados;
- Fornecer aos professores instrumentos que lhes permitam ensinar a analisar e a compreender como o conteúdo dos media e outras informações são produzidas, como as informações apresentadas por esses sistemas podem ser avaliadas, e como os meios de comunicação e informação podem ser usados para diferentes fins;
- Proporcionar aos professores condições para explorar a questão da representação em diversos sistemas mediáticos e de informação assim como as formas como a diversidade e a pluralidade são abordadas tanto nos media locais quanto nos globais;
- Dar aos professores meios para desenvolverem a capacidade de avaliar o modo como os alunos interpretam as mensagens dos media e as informações de varias fontes (Wilson *et.al.*, 2011).

A pedagogia dos media está focada nos alunos estimulando a investigação e o pensamento reflexivo. É fundamental que os professores assumam um papel ativo nesse processo para que os alunos possam desenvolver competências para uma aprendizagem prática e participativa, assente na produção e criação de conteúdos mediáticos (Wilson *et.al.*, 2011).

No entanto, não devem ser apenas as escolas a educar para os media, este trabalho pode ser desenvolvido com a ajuda dos pais e através da colaboração entre estes e os professores. Os pais são os primeiros modelos de identificação das crianças, Jacques

Gonnet explica que "a vantagem de primeiro olhar para os pais para depois poder compreender a escola é que, de certo modo, eles constituem o ponto de partida" (p. 79). Assim sendo, é importante que os pais deem continuidade ao trabalho desenvolvido pelos professores e que exista uma interação entre estes de forma a partilhar experiências e a enfrentar dificuldades (Pereira, 2000). " Pais, professores, e educadores em geral têm um importante papel de mediação das experiências mediáticas das crianças. Os meios de comunicação social fornecem informações mas é necessário que os pais e as escolas ajudem as crianças a transformá-las em saber e conhecimento " (*ibidem*, p. 6).

Os objetivos da educação para os media e da educação para o cinema são praticamente idênticos: "incentivar uma maior literacia que incorpore uma ampla experiência cultural, apreciação estética, compreensão crítica e produção criativa" (Reia-Baptista, *et.al.*, 2014, p. 356). Neste sentido a educação os media pode ser vista como um conceito mais amplo que engloba a educação fílmica, sendo fundamental ter em conta a especificidade da linguagem cinematográfica que é diferente da dos outros meios de comunicação (*ibidem*). Assim, no próximo capítulo será abordada a literacia cinematográfica, a importância da educação fílmica e as principais iniciativas portuguesas e europeias.

3. Cinema e educação

3.1. Literacia para o cinema

"Se 'literacia' no seu sentido mais abrangente reflete uma ampla competência cultural, então o papel imensamente importante das imagens animadas na nossa cultura e sociedade deve ser justificação suficiente para assegurar a sua integração no ensino escolar" (British Film Institute, 2003, p. 14).

Os meios de comunicação audiovisuais são um elemento imprescindível para compreender a nossa sociedade. O cinema é um veículo transmissor de valores e conhecimentos capaz de exprimir ideias e opiniões e é uma forma de arte que reflete a nossa cultura.

Como meio de comunicação é necessário que seja interpretado de forma a que as mensagens que transmite possam ser compreendidas. "A análise fílmica é uma atividade essencial para a formação de cidadãos críticos, e constitui um 'background' imprescindível para abordar o estudo e a análise de outros meios de comunicação audiovisuais, com cujas formas de expressão e narração mantém uma estreita relação epistemológica" (Felici, 2007, p. 64).

Todas as imagens possuem uma mensagem, as obras audiovisuais têm a sua lógica assente em códigos próprios que devem ser estudados a partir das estruturas de funcionamento. Os meios de comunicação audiovisuais têm sido, desde sempre, um meio de transmissão ideológico pelo que deve ser valorizado o estudo da sua mensagem (Miguel, 1999). A educação para o cinema deve procurar formar espíritos reflexivos capazes de analisar as imagens com sentido crítico.

Segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2007) a educação para os media audiovisuais visa:

- Promover, especialmente entre os jovens europeus, uma maior consciencialização e conhecimento do nosso património cinematográfico e um maior interesse nestes filmes e em filmes europeus recentes;
- Promover a aquisição de qualificações que potenciem as capacidades criativas e de produção de obras audiovisuais;

- Compreender a importância dos direitos de autor tanto na perspectiva dos consumidores como na dos criadores de conteúdos.

Em 2011, o British Film Institute publicou um estudo que apresenta várias recomendações no que diz respeito à educação para o cinema, à importância da cultura fílmica e à relação entre literacia para o cinema e literacia mediática. Este relatório define literacia para o cinema como:

"O nível de compreensão de um filme, a capacidade de ser consciente e curioso na escolha de filmes; a competência para assistir criticamente a um filme e analisar o seu conteúdo, cinematografia e aspectos técnicos; e a capacidade de manipular a sua linguagem e recursos técnicos produzindo imagens em movimento" (p. 8).

Segundo Vítor Reia-Baptista (2012) é possível desenvolver literacia para os media apenas através da exposição, sem recorrer a qualquer processo formal de educação. Conforme explica o autor, o processo de exposição por si só pode contribuir para o desenvolvimento da interpretação dos meios de comunicação. Por outro lado, Adolfo Bellido López (1998) considera que a avalanche de imagens a que crianças e jovens são sujeitos desde muito cedo na sua vida não possibilitam um maior entendimento ou uma melhor compreensão dos media já que "não se procura ensinar ou fazer-se entender mas sim avassalar" (p. 13). O autor defende que sem um processo de reflexão e de análise é impossível compreender o cinema já que este não é apenas uma expressão técnica mas sim uma representação do mundo. Salienta, portanto, que o visionamento de filmes, sem qualquer ensinamento, não conduz à obtenção de conhecimento sobre o meio. Deve-se, por isso, iniciar a educação para a linguagem cinematográfica nos centros de ensino através da projeção e análise de filmes. "Vendo, comentando e analisando filmes chegamos, sem dúvida, a saber algo mais sobre cinema, a conhecer de que forma funciona a linguagem fílmica" (*ibidem*, p. 17).

Segundo Federico Ruiz Rubio (1994) as escolas devem reconhecer as capacidades educativas dos meios de comunicação e as atitudes e valores que transmitem. As

mensagens audiovisuais em particular "propiciam um alto grau de identificação e participação emocional por parte do recetor" (p. 74).

Para o autor a necessidade de uma educação para o cinema justifica-se pelas seguintes razões:

- O cinema é uma manifestação estética e cultural, em vez de técnica, de modo que pode ser objeto de estudo humanístico, em relação com a literatura, com a arte, com a língua ou com a história, e objeto de estudo tecnológico;
- Considerado a primeira arte verdadeiramente de massas, o seu conhecimento é necessário para compreender certos aspetos histórico - sociais do nosso século;
- Precisamente pelo seu carácter de meio de grande difusão, o cinema tem sido e é um sistema transmissor de ideologias, de atitudes, de normas e valores, através de um consumo massivo por vezes indiscriminado, que se intensificou com o surgimento da televisão, e nos últimos anos, com o uso do vídeo. Assim, é necessária uma formação neste meio de comunicação para que o espetador possa descobrir novas dimensões estéticas, assim como adotar uma postura crítica e ativa perante a mensagem;
- Neste sentido, o cinema pode ser um bom auxílio no desenvolvimento de currículos transversais, não só por ser, em si, um bem de consumo, mas também pelos conteúdos que apresenta;
- Por outro lado, o estudo da imagem cinematográfica é essencial no estudo integrado da imagem animada: os códigos cinematográficos constituem um ponto de referência no conjunto dos meios de suporte audiovisual, tais como a publicidade, o vídeo ou a televisão.

Rubio (1994) explica também que é necessário tirar partido das possibilidades que o currículo escolar oferece para integrar os meios de comunicação no sistema de ensino. A educação para o cinema deve ser implementada através de duas vertentes:

1) O conhecimento das características do meio cinematográfico; 2) uso didático do material cinematográfico. Segundo o autor, os conteúdos cinematográficos podem ser objeto de estudo de várias disciplinas, como exemplifica a seguinte tabela:

Conteúdos de estudo	Disciplinas abrangentes	Tópicos de aprendizagem
Recursos técnicos	Ciências da Natureza, Tecnologia e Educação Visual	Película de celuloide, a sua estrutura e formato, a câmara, tipos de objetivas e os seus fundamentos óticos, a iluminação, a gravação de som e os efeitos sonoros, os efeitos especiais e as técnicas de animação
Processos humanos que intervêm na perceção	Ciências da Natureza, Educação Visual e Ciências Sociais	Perceção visual e auditiva, a memória, os sentimentos e as reações afetivas e o pensamento crítico
Processo de produção, publicidade e consumo	Educação Visual, Matemática e Tecnologia	A equipa humana, os estudos de mercado e a publicidade, a difusão e o consumo
A linguagem fílmica	Educação Visual e Língua Portuguesa	Os signos, a planificação, os tipos de planos, o enquadramento, os ângulos, os movimentos de câmara, a iluminação, a cor, os códigos sonoros, os códigos gráficos, os códigos sintáticos, o tempo, as elipses, o espaço fílmico e a montagem e os seus tipos
O cinema como manifestação artística	Educação Visual, Língua Portuguesa, Ciências Sociais, Geografia e História	História do cinema, os géneros no cinema, cinema e sociedade, relações do cinema com outras áreas e a crítica cinematográfica

Tabela 1. Cinema na sala de aula: estudo do meio cinematográfico (adaptado de Rubio, 1998).

Contudo, ensinar cinema não é fácil, é necessário conhecê-lo e admirá-lo como uma arte. O filme não consiste apenas na gravação de imagens numa película de celuloide, é uma representação da realidade que se transforma segundo a perspetiva do realizador, pelo que, para compreender as imagens cinematográficas não se deve ver filmes de forma passiva, deve-se ser reflexivo e crítico (Benito, 1996).

Vítor Reia-Baptista (1995) defende uma reforma curricular e uma política de formação de professores de modo a capacitar adequadamente os docentes. Diz o investigador:

"O professor deverá ser capaz de explicar que o facto real ou herói histórico podem não ter muito a ver com a ação dramática e o seu protagonista, que estas ações não têm as mesmas características quando repetidas no cinema ou no vídeo, que o personagem não é percebido da mesma forma em casa ou na escola, que esta atividade de consumo de produtos dos media no contexto educativo é apenas uma parte sistemática e controlada do amplo currículo que, formal ou informalmente, nos apresentam os media" (Reia-Baptista. 1955, p. 108).

A educação para o cinema e para os media em geral tem estado praticamente ausente dos currículos escolares portugueses. De acordo com o estudo do British Film Institute (2011a) a introdução destas matérias nos programas educativos formais seria a forma mais eficaz de transmitir a cultura mediática a todos. A literacia para o cinema é passível de ser integrada em várias disciplinas e pode ser ensinada em todas as idades. A partir dos três anos de idade as crianças são já capazes de aprender a forma como as imagens animadas contam uma história. Faz sentido que a escola ajude no desenvolvimento destas capacidades e favoreça uma leitura crítica e atenta da linguagem cinematográfica (British Film Institute, 2003).

Através da introdução da leitura e da discussão da linguagem fílmica no currículo escolar é possível alcançar os seguintes objetivos de aprendizagem:

Resultados de aprendizagem especificamente relacionados com os media audiovisuais:

- Usar palavras-chave para discutir o texto de uma imagem animada;
- Identificar como um filme introduz uma personagem;
- Compreender que o som e as imagens são usados para contar uma história.

À medida que as crianças progridem, os objetivos que podem ser atingidos através da análise de imagens animadas incluem a compreensão:

- Da estrutura narrativa;
- Dos planos e cenários da história;
- Dos perfis das personagens;
- Da linguagem da imagem, da música e dos sons.

Desenvolver a compreensão das imagens animadas por si próprio em colaboração com as metas curriculares formais pode contribuir para:

- Reconhecer que os filmes contam uma história através de imagens;
- Compreender os filmes como uma sequência de eventos;
- Identificar a estrutura narrativa;
- Discutir como o cinema pode mostrar as personagens e o seu comportamento;
- Reconhecer a relação entre as personagens e os cenários.

A discussão e a escrita inspiradas por e relacionadas com textos cinematográficos ajuda a alcançar objetivos de alfabetização como:

- Aquisição de novo vocabulário;
- Identificação e formação de frases e questões;
- Reconhecimento da estrutura dos relatos;
- Utilização da linguagem dos textos cinematográficos como modelo para escrever relatos simples.

Durante uma fase inicial, as crianças que realizam atividades de aprendizagem relacionadas com a linguagem fílmica poderão atingir metas em relação à leitura e escrita, tais como:

- Desenvolvimento da escrita descritiva;
- Compreensão das aberturas e finais dos filmes;
- Entendimento dos cenários da história;
- De que forma os cenários podem influenciar os acontecimentos e as personagens;

- Distinção entre os relatos na primeira ou na terceira pessoa;
- Utilização de linguagem expressiva e figurativa.

A aprendizagem relacionada com as imagens animadas pode ainda permitir compreender:

- A importância dos cenários;
- Como a cor afeta o humor e a atmosfera;
- Como um filme conta uma história através de uma sequência de planos e cenas;
- Como os diferentes planos podem ser usados para mostrar diferentes pontos de vista das personagens;
- Como a narração pode ser usada para contar a história.

(British Film Institute, 2003)

O estudo das obras cinematográficas é um ato de aquisição de conhecimentos e de reflexão sobre uma área relevante da nossa história cultural. No caso do cinema, é importante reconhecer o valor das suas dimensões pedagógicas e as implicações e efeitos que este meio pode ter no público (Reia-Baptista, 1995).

3.2. Principais iniciativas a nível Europeu e Português

Os principais objetivos da maioria das iniciativas no que diz respeito à educação para o cinema têm sido o desenvolvimento da linguagem fílmica e da capacidade de produção cinematográfica, a compreensão do filme como uma forma de arte, o visionamento crítico e a análise de textos fílmicos. Segundo o estudo do British Film Institute (2011b), alguns países incluem também categorias como a formação cívica e social, o incentivo do gosto pelo cinema, o conhecimento do património cinematográfico nacional e europeu e o acesso ao cinema mundial.

O estudo referido abrangeu todos os países da União Europeia com o objetivo de cobrir os setores formais, informais e audiovisuais da educação cinematográfica e publicar um relatório sobre as principais iniciativas a este nível.

A tabela seguinte apresenta alguns dos projetos de educação para o cinema mais relevantes de vários países europeus:

Países	Principais Iniciativas
Noruega	O Norwegian Film Institute tem vindo a coordenar uma estratégia nacional de educação para o cinema por vários anos e publicou dois sites de filmes online.
Dinamarca	Não há uma estratégia governamental de educação para o cinema, mas o Danish Film Institute tem programas desenvolvidos em conjunto com parceiros regionais. Oferecem distribuição de filmes online, materiais de ensino, formação de professores e outras atividades que permitem a compreensão e criação de filmes.
França	A educação para o cinema é baseada na parceria entre o Ministério da Cultura, Educação e Agricultura, as autoridades locais e profissionais da cultura do cinema.
Alemanha	Todos os estados federais têm estratégias de educação para os media. O VISION KINO criou um programa que leva o cinema às escolas. Em 2010 o Länderkonferenz Medien Bildung em colaboração com o VISION KINO publicou um documento com normas de educação para o cinema. Em 2012 a conferência dos Ministérios Federais da Cultura e Educação publicou uma declaração com tarefas para a educação para o cinema nas escolas.
Grécia	Apesar de não existir uma estratégia nacional de educação para o cinema, em 2012 foi implementado um programa piloto " Audiovisual Expression" em 250 escolas.
Islândia	Em 2012 foi publicado um relatório ('Film Education in Iceland') que aponta para a necessidade de estabelecer a cultura cinematográfica no ensino primário e secundário. No mesmo ano o Ministro da Educação, Ciência e Cultura nomeou um grupo para formar uma política de educação para cineastas para fortalecer a educação para o cinema.
Itália	O MIUR (Ministério da Educação, Universidade e Investigação Científica) escreveu um conjunto de diretrizes e objetivos de aprendizagem para a educação cinematográfica, a ser ensinado a partir de Setembro 2012, em escolas secundárias de artes plásticas (Liceo Artistico).
Portugal	Não existe uma estratégia nacional de educação para o cinema, mas há um programa nacional no Algarve, JCE - Juventude - Cinema - Escola, com o apoio da Direção Regional de Educação do Algarve. Fora da escola a educação cinematográfica é feita através de agências locais e voluntários

	difundindo a cultura cinematográfica nacional e regional. Há uma federação nacional de Cineclubes altamente desenvolvida alguns dos quais oferecem iniciativas educativas ocasionais. Em 2012 a Lei do Cinema e do Audiovisual propôs a criação de um Plano Nacional de Cinema. No ano letivo 2013/2014 foi criado um Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema de forma a implementar o programa nas escolas.
Espanha	Não há uma estratégia de educação para o cinema em Espanha. No entanto, existem muitas campanhas regionais e locais, assim como iniciativas e organizações que promovem a educação fílmica para jovens. Exemplo disso é o projeto FilmEd ¹⁵ , coordenado pela Universidade Autónoma de Barcelona.
Reino Unido	Cada nação tem uma agência cultural ou de cinema que promovem a educação para o cinema. Foi inaugurada em Junho de 2008 uma estratégia para a educação cinematográfica no Reino Unido, sob a direção do UK Film Council. O BFI assumiu a responsabilidade do UK Film Council e publicou a sua própria estratégia em 2013.

Tabela 2. Principais projetos de educação para o cinema na Europa (adaptado de British Film Institute, 2011b).

No dia 25 de Julho de 2012 foi aprovada pela Assembleia da República portuguesa a Lei do Cinema e do Audiovisual (Lei nº 55/2012) que inclui artigos sobre a formação de público em idade escolar e propõe o desenvolvimento de um programa de formação com o objetivo de promover a literacia para o cinema. Dos artigos relacionados com esta temática destacam-se os seguintes:

Artigo 3.º

Princípios e objetivos da ação do Estado

1. Princípios

d) Promoção da interação com os agentes dos setores cinematográfico e audiovisual, da comunicação social, da educação e das telecomunicações;

¹⁵ FilmEd – Film Education in Europe: “Showing films and other audio-visual content in European School – Obstacles and best practice” é uma investigação desenvolvida com o objetivo de apoiar a Comissão Europeia na procura de introduzir a literacia mediática e em especial a educação para o cinema nos currículos escolares. Este projeto vai ser posto em prática por um consórcio composto pela Universidade Autónoma de Barcelona, pela organização europeia Think Tank on Film and Film Policy, a agência de cultura e media CUMEDIAE e a associação europeia de professores AEDE. Este projeto irá decorrer até 28 de outubro de 2014 e abrange os 28 Estados-Membros da União Europeia, os Estados-Membros do Espaço Económico Europeu e a Suíça. O principal objetivo desta investigação é fornecer um estudo sobre o uso educacional de conteúdos audiovisuais nas escolas em particular especificando os obstáculos e as boas práticas tendo em conta os níveis educacional, legal e a relação com a indústria cinematográfica. Desta forma a investigação consiste, numa primeira fase, em identificar e analisar a situação existente para posteriormente ser elaborado um conjunto de recomendações de forma a fortalecer o trabalho da Comissão no contexto da literacia mediática e em outros domínios políticos.

2. Objetivos

k) Contribuição para a formação de públicos, nomeadamente através do apoio a festivais de cinema, cineclubes, circuitos de exibição em salas municipais e associações culturais de promoção da atividade cinematográfica e, em particular, através da promoção da literacia do público escolar para o cinema;

3. Incumbências do Estado

d) Promover e contribuir para a fruição pelo público das obras apoiadas pelo Estado.

Artigo 4º

Conservação e acesso

2 — O Estado promove o acesso público às obras que integram o património cinematográfico e audiovisual nacional para fins de investigação artística, histórica, científica e educativa, com respeito pelas regras de conservação patrimonial, salvaguardando os legítimos interesses dos titulares de direitos de autor e dos direitos conexos, bem como dos detentores de direitos patrimoniais ou comerciais.

Artigo 6º

Programas de apoio

6 — Com o objetivo de promover a literacia do público escolar para o cinema, o Estado desenvolve um programa de formação de públicos nas escolas.

Artigo 23.º

Formação de público escolar

O Estado promove um programa de literacia para o cinema junto do público escolar para a divulgação de obras cinematográficas de importância histórica e, em particular, das longas - metragens, curtas - metragens, documentários e filmes de animação de produção nacional.

No ano letivo de 2012/2013 foi criado o Plano Nacional de Cinema (PNC) resultando da colaboração entre o Secretário de Estado da Cultura e a Secretaria de Estado da Educação. Foi iniciado um projeto piloto que pretendia implementar o plano em 23 escolas do ensino público e privado em todo o país, sendo que em Lisboa e Faro estão previstas seis escolas, no Porto duas e em Braga uma escola.

Em cada uma das escolas o plano será desenvolvido por um professor coordenador, sob a direção e com a responsabilidade do diretor da escola ou do agrupamento, com o objetivo de impulsionar a criação de novos públicos, sensibilizá-los para as práticas cinematográficas, em particular, para o cinema português e divulgar filmes de vários géneros. O PNC é semelhante ao programa “Juventude - Cinema - Escola” existente no

Algarve e liderado por Graça Lobo, antiga responsável pelo Cineclube de Faro e atual coordenadora do PNC.

As ações de formação de professores foram interrompidas em dezembro de 2012 devido a uma mudança de tutelas na Cultura e na Educação, o que levou a que o Despacho se atrasasse. No entanto, durante o ano letivo de 2012/2013, ano piloto, houve Formação Inicial de Professores e trabalho junto dos 24 Agrupamentos de Escolas envolvidos¹⁶.

No dia 26 de novembro de 2013 foi publicado no "Diário da República" o Despacho n.º 15377/2013 que diz respeito à "criação e constituição do Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema".

O Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema (GPPNC) tem como missão estabelecer as orientações gerais do Plano Nacional de Cinema (PNC), colaborar com as entidades envolvidas na realização das ações a desenvolver, em particular com os estabelecimentos de ensino, e coordenar todos os procedimentos necessários à boa execução do PNC durante o ano letivo de 2013/2014. Segundo o Despacho n.º 15377/2013 o GPPNC é constituído por quatro membros, um representante do Instituto do Cinema e do Audiovisual, I. P., um representante da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, I. P. e dois representantes do Ministério da Educação e Ciência sendo que a coordenação do programa continua a cargo de Graça Lobo.

O Plano Nacional de Cinema previa inicialmente três sessões por cada ano, uma por período escolar, do 5º até ao 12º ano. Cada sessão tem articulação direta com diferentes disciplinas, conforme os conteúdos a lecionar. Estes passam pela história do cinema, pela caracterização dos vários géneros, pelas técnicas cinematográficas e pela indústria e audiências.

Entre os filmes previstos para visionamento e para análise estão "O Estranho Mundo de Jack", de Tim Burton (1993), "Aniki-Bobó", de Manoel de Oliveira (1942), "O Garoto de Charlot", de Charles Chaplin (1921), "ET, o Extraterrestre", de Steven Spielberg (1982), "A Invenção de Hugo", de Martin Scorsese (2011), "Adeus, Pai", de Luís Filipe Rocha (1996), "Persepolis", de Marjane Satrapi e Vicent Paronnaud (2004) e "A Cortina Rasgada", de Alfred Hitchcock (1966).

¹⁶ Graça Lobo, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 6 de agosto 2014.

Em Portugal, o papel dos cineclubes tem sido de extrema importância no que diz respeito à divulgação cinematográfica. As iniciativas dos cineclubes portugueses contribuíram para o reconhecimento do cinema como obra de arte através de palestras, críticas e discussões que acompanhavam as exibições de filmes (Pereira, 2010).

Os primeiros cineclubes surgiram por volta de 1940 e o movimento começa a desenvolver-se em 1947 quando foi criada a Federação Internacional de Cineclubes. Em 1978, é dado outro importante passo na consagração deste movimento, com a fundação da Federação Portuguesa de Cineclubes (*ibidem*).

Atualmente estão registados 52 cineclubes nacionais na Federação Portuguesa de Cineclubes. Muitas iniciativas de educação para o cinema são fruto de atividades realizadas por cineclubes que ajudam, desta forma, a promover a literacia para o cinema e de um modo geral a educação para os media.

O Cineclube de Viseu, fundado em 1955, privilegia a exibição de filmes que favoreçam a divulgação da cultura cinematográfica e que promovam a discussão crítica. Em 1999 foi criado o programa "Cinema para as Escolas" de forma a preencher as lacunas existentes na área da educação para o cinema. Segundo Rodrigo Francisco, diretor do Cineclube de Viseu, "as actividades propostas cumprem objectivos complementares, promovendo experiências de visionamento e reflexão, convocando, simultaneamente, a experimentação do cinema e a desconstrução da sua linguagem"¹⁷. As iniciativas do projeto consistem em oficinas de cinema nas escolas, realização de curtas-metragens de cinema de animação, ida dos alunos à sala de cinema, espetáculos, filmes musicados e formações teórico-práticas. "As sessões de visionamento de filmes têm uma média de mil alunos por ano e três dezenas de escolas e procuram funcionar como complemento às disciplinas de História, Língua Portuguesa, Biologia, Inglês, Sociologia, Alemão, Inglês e Francês" (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

O Cineclube de Viseu desenvolveu também o programa de formação "Vanguardas Estéticas do Cinema" que promove o estudo e discussão "do trabalho de alguns cineastas e épocas em cujas obras se desenvolvem caminhos particulares, plenos de

¹⁷ Rodrigo Francisco, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 22 de maio 2014.

referências e significados, que influenciam o espaço de um cinema crítico" como é explicado no site.

O Cineclube de Faro, fundado em 1956, organiza semanalmente sessões de cinema com exibição de filmes. "Os géneros são variados, incluindo curtas e longas-metragens de ficção, animação e documentários, mas sobretudo de origem europeia, com especial destaque para o cinema português" (Pereira, 2010, p. 12). Antes de cada sessão é feita uma apresentação crítica do filme em questão, por um representante do cineclube, de forma a incentivar o debate sobre as obras cinematográficas.

Em 1997 o cineclube de Faro desenvolveu o projeto "Juventude - Cinema - Escola" com a colaboração da Direção Regional de Educação do Algarve. Este programa de formação já passou por quase todas as escolas portuguesas abrangendo 25 mil alunos e 1.250 professores e tem como objetivos o estudo dos estilos de planos, das escolhas do realizador e da equipa de produção de filmes procurando, desta forma, fazer com que os alunos pensem de forma crítica sobre as imagens em movimento e compreendam o processo que envolve uma produção cinematográfica (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

Com base neste projeto, as escolas de Quarteira e de Faro criaram, em 2004, uma disciplina de cinema que pretende desenvolver os conhecimentos culturais e artísticos recorrendo a disciplinas como a Língua Portuguesa e a Educação Visual. Os alunos são incentivados a produzir elementos característicos de uma produção fílmica assim como a conhecer a história e a linguagem do cinema (*ibidem*).

Outro caso de destaque no que diz respeito à promoção da educação para o cinema é a Escola Secundária Eça de Queirós, na Póvoa de Varzim, que desenvolveu um concurso de vídeo através do seu "Clube de cinema Oito e Meio". O projeto baseia-se na organização de um festival de vídeo escolar como forma de permitir aos alunos que se expressem através dos meios audiovisuais e que desenvolvam o gosto pelo cinema. Em 2007, "Clube de cinema Oito e Meio" organizou um ciclo de Cinema e Literatura no qual participou o escritor Valter Hugo Mãe e onde foram projetados filmes como "Drácula" de Todd Browning (1931), "Livro de Cabeceira" de Peter Greenaway (1995),

“As Horas” de Stephen Daldry (2002) e “Palavra e Utopia” de Manoel de Oliveira (1999) (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011).

Outra iniciativa especialmente dirigida para os mais novos é o Play, 1º Festival Internacional de Cinema Infantil e Juvenil que se realizou entre os dias 1 e 9 de fevereiro de 2014 no Cinema São Jorge, em Lisboa. É um festival pensado para crianças a partir de um ano de idade até aos treze anos, com exibição de sessões de curtas e médias metragens programadas por faixas etárias. Os filmes para crianças até aos dois anos são histórias simples e sem diálogos, para crianças dos três aos cinco anos são exibidas sessões temáticas dedicadas aos alimentos, aos seres estranhos, à amizade, à mudança ou aos animais, feitas sobretudo com filmes de animação, recorrendo a diferentes técnicas, tal como explica o programa do festival. Depois de Lisboa o festival pretende chegar a outros pontos do país levando programação cultural a outras regiões.

Por fim, é importante fazer referência a um conjunto de recomendações do British Film Institute (2011a) que dizem respeito à educação para o cinema e para as imagens em movimento e que oferecem uma série de sugestões relativamente às medidas que podem ser tomadas pelos países da União Europeia de forma a contribuir para a literacia para o cinema:

- 1.** Elaborar um modelo de educação fílmica para a Europa, que inclua a apreciação do filme como uma forma de arte, a compreensão crítica, o acesso à herança nacional, ao cinema mundial e ao cinema popular e habilidades criativas de produção de filmes;
- 2.** A Comissão Europeia deve apoiar a criação de um grupo que redija um modelo de educação para o cinema e que possa aconselhar sobre iniciativas de outras recomendações;
- 3.** Os Estados - Membros poderiam beneficiar de valiosas estratégias políticas e instrumentos como a criação de um "fundo de tradução" que apoie agências nacionais na adaptação de estratégias de outras nações e territórios semelhantes e apoie o desenvolvimento dos profissionais da área que podem aprender através de reuniões com colegas de outros países;

- 4.** Os Estados-Membros devem garantir que os programas de educação para os media, com um robusto elemento de educação cinematográfica, sejam fornecidos em ambos os níveis primário e secundário;
- 5.** A Comissão Europeia deve fornecer orientações sobre modelos curriculares eficazes e pedagogias adequadas, relacionando-os com a língua materna, a educação artística, e os novos meios de comunicação / TIC;
- 6.** A Comissão Europeia deve considerar a extensão de esquemas de financiamento para os novos Estados-Membros, com base em modelos europeus de sucesso na área da educação cinematográfica informal;
- 7.** Os Estados-Membros devem promover parcerias entre a indústria cinematográfica, a educação e agências e departamentos governamentais. Tais parcerias devem procurar garantir um retorno, em benefício da educação, de qualquer investimento de dinheiro público na produção de cinema. O apoio deve incluir o fornecimento de materiais para melhorar a aprendizagem, em especial: acesso a materiais de produção, o envolvimento de talentos da indústria em eventos e a isenção de taxas de exibição em contextos não-teatrais;
- 8.** A Comissão Europeia deve fornecer orientações sobre a liberação de material nacional e regional de arquivos filmográficos para uso na sala de aula, incluindo orientações sobre licenças e direitos de autor;
- 9.** Deve-se considerar o apoio a programas de educação para comunidades de adultos mais amplas, com foco na diversidade, nos migrantes e nas pessoas mais velhas, talvez através do financiamento da tradução de tais programas de um território para outro;
- 10.** A Comissão Europeia deve patrocinar, em conjunto com a indústria, um banco europeu de recursos *online* elaborado com base nas boas práticas em toda União Europeia;
- 11.** Os Estados-Membros devem incorporar a educação para os media, com um robusto componente de educação cinematográfica, no âmbito de programas iniciais de educação para os professores;

12. A Comissão Europeia deve fornecer orientações *online* sobre as melhores práticas na prestação de serviços em toda a União Europeia;

13. A Comissão Europeia deve investigar modelos colaborativos para o fornecimento de formação credenciada, por exemplo, em associação com o Programa Erasmus Mundus;

14. A Comissão Europeia deverá patrocinar financeiramente pesquisas para a educação para os media e educação para o cinema, de forma a fornecer orientações sobre as prestações mínimas, modelos de financiamento conjunto e estratégias para a direção efetiva de recursos financeiros.

4. O caminho metodológico

4.1. Contextualização e justificação do estudo

A evolução das novas tecnologias de informação e comunicação tem vindo a transformar os modelos de ensino. As crianças e os jovens vivem, hoje em dia, rodeados de imagens, sons e informações provenientes dos diferentes meios de comunicação e é fundamental que a escola se adapte a esta nova realidade social.

A crescente presença e importância dos meios de comunicação audiovisuais na nossa sociedade justifica, por si só, a necessidade de integrar a educação para os media nos modelos de ensino atuais (British Film Institute, 2003).

Perante isto, é importante que o sistema educativo desenvolva conteúdos que permitam a aquisição de novos saberes relacionados com os meios de comunicação, em particular com as mensagens audiovisuais e cinematográficas.

As imagens em movimento estão presentes na vida das crianças desde muito cedo e fazem parte do seu quotidiano contribuindo para o seu desenvolvimento. São veículos transmissores de ideologias e de influências educativas e contribuem para a formação de opiniões e condutas sociais e individuais (Rubio, 1994). Vítor Reia-Baptista (1995) chama a atenção para o facto de o cinema possuir um efeito educativo e pedagógico e de existirem mecanismos que vale a pena conhecer e controlar de forma a que as crianças possam assumir uma atitude reflexiva perante este meio.

Apesar de as crianças e os jovens terem experiência como consumidores de imagens audiovisuais não são muitas vezes capazes de observar criticamente e de analisar as mensagens transmitidas por estes meios de comunicação. A educação para o cinema deve, portanto, favorecer a compreensão dos processos, da linguagem e das técnicas fílmicas para que os alunos desenvolvam uma percepção crítica sobre as mensagens cinematográficas (Rubio, 1998).

O cinema tem sido tradicionalmente utilizado nas salas de aula como meio para ilustrar os conteúdos lecionados ou como forma de entretenimento, não sendo, normalmente, explorada a sua estrutura enquanto meio de comunicação (*ibidem*).

Vítor Reia-Baptista (1995) defende, neste sentido, que deveria existir uma "reforma curricular e uma inovação pedagógica" assim como uma "política de formação de profissionais da educação" de forma a capacitar devidamente os professores (p. 107).

Face ao reduzido número de iniciativas de educação para o cinema em Portugal e de investigação relativa à literacia fílmica, considerou-se importante desenvolver um estudo que, em primeiro lugar, fizesse um levantamento do que de mais importante tem sido feito nesta área, a nível europeu e nacional, e que, em segundo lugar, pudesse ser um ponto de partida para o desenvolvimento de atividades educativas com base no programa “Aprender a ver cinema”. Não se pretende fazer uma abordagem exaustiva ao mundo do cinema, este programa educativo foi desenvolvido com o objetivo de dar algumas pistas sobre os conteúdos que podem ser abordados relativamente a este tema, podendo ser adaptado a diferentes idades e usado como complemento de diferentes áreas curriculares. Pretende-se acima de tudo incentivar o reconhecimento do cinema como meio de comunicação e de expressão artística e promover a criação de iniciativas a este nível contribuindo, assim, para uma mudança de atitude, mais crítica e reflexiva, por parte das crianças e dos jovens.

4.2. A investigação em Ciências Sociais

Segundo Clara Pereira Coutinho (2011) "investigar, etimologicamente, significa *procurar* e investigação *procura*" (p. 5). A autora explica que uma investigação implica investigar algo, pressupõe intenção por parte do investigador e inclui um conjunto de métodos e técnicas. "A investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objectivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais" (*ibidem*, p. 7).

No processo de investigação social é importante que o investigador siga um método de trabalho que não se constitui como um conjunto de técnicas mas sim como um percurso que deve ser adaptado a cada trabalho (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Um trabalho de investigação que estuda os fenómenos sociais deve procurar a autenticidade e o rigor metodológico ajudando a compreender os significados de um acontecimento. O investigador deve procurar fazer o ponto de uma situação, refletir sobre a forma como as pessoas encaram e representam determinados problemas, compreender o funcionamento de certas organizações sociais e perceber como certas decisões afetam o funcionamento social (*ibidem*).

Neste estudo procurou-se, essencialmente, fazer uma recolha bibliográfica e um levantamento das iniciativas mais relevantes no que diz respeito à educação para o cinema com o objetivo de criar um programa educativo para crianças a frequentar o 1º ciclo que possa ser aplicado em contexto formal de aprendizagem. Pretende-se, com este estudo, perceber como as crianças compreendem o cinema e qual a sua relação com ele, promover o desenvolvimento de competências cinematográficas por parte das crianças e perceber qual a melhor forma de integrar a educação para o cinema no contexto formal de aprendizagem.

4.3. Metodologia de trabalho

Clara Pereira Coutinho (2011) define metodologia como a análise e descrição dos métodos de investigação, sendo mais ampla que estes já que questiona os seus fundamentos. Segundo a autora a metodologia "distancia-se da prática para poder tecer considerações teóricas em torno do seu potencial na produção do conhecimento científico" (p. 23).

A nível concetual a metodologia qualitativa distingue-se pelo seu objeto de estudo, "trata-se de investigar *ideias* e de descobrir *significados* nas *ações individuais* e nas *interações sociais* a partir da perspectiva dos actores intervenientes no processo" (Coutinho, 2011, p. 26). A nível metodológico este tipo de investigação baseia-se no método indutivo já que a teoria se constrói a partir do terreno onde são recolhidos os dados empíricos e através da análise da informação recolhida. Para obter e analisar esses dados são muitas vezes utilizadas técnicas de observação, mas por vezes poderá ser útil recorrer a uma metodologia mista em que se integra o quantitativo e o qualitativo (*ibidem*).

Robert G. Burgess explica que a investigação qualitativa permite ao investigador "apreender o mundo social em primeira mão", sendo esta perspetiva mais especulativa e subjetiva, permitindo esclarecer o significado de certas situações sociais e possibilitando o estudo das situações do ponto de vista dos participantes (p. 3).

O autor adverte para a diversidade de tarefas com que o investigador se depara, sendo por isso, essencial desenvolver técnicas para reunir e analisar dados assim como para validar essas informações. Para além disso, é de grande importância a relação que o

investigador estabelece com os que são investigados já que uma pesquisa deste tipo "depende de uma complexa interacção entre o problema a investigar, o investigador e os investigados" (Burgess, 1984, p. 6).

Considerando a natureza deste projeto de investigação, consideramos que a metodologia mais apropriada para desenvolver o estudo em questão é a qualitativa. Assim sendo, serão utilizados métodos próprios da metodologia qualitativa, como a investigação participativa, a observação e as entrevistas semi-estruturadas. No entanto, será também utilizado um instrumento quantitativo, o questionário, como forma de conhecer os hábitos de consumo de cinema por parte dos participantes das sessões de formação e como ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho empírico com as crianças.

A seguinte tabela descreve cronologicamente as diferentes fases desta investigação e as etapas seguidas para a realização do estudo:

Etapas da investigação	
Fase exploratória	Recolha bibliográfica e revisão da literatura Redação do enquadramento teórico Desenvolvimento e planificação do plano de formação Negociação de acesso ao ATL Contacto com especialistas da área e aplicação de entrevistas
Fase de investigação	Aplicação do questionário Aplicação de algumas sessões do plano de formação Recolha de informação qualitativa através de observação Realização de entrevistas aos participantes das sessões de formação
Fase da verificação	Análise quantitativa dos questionários Análise qualitativa da informação recolhida durante as sessões de formação Análise das entrevistas realizadas aos especialistas e aos participantes das sessões de formação
Fase conclusiva	Análise de resultados e confrontação de dados Apresentação dos resultados

Tabela 3. Etapas da investigação

4.4. Métodos de investigação

4.4.1. Recolha bibliográfica e revisão literária

Na primeira fase desta investigação foi elaborada a fundamentação teórica a partir da recolha e da revisão bibliográfica. Nos três primeiros capítulos deste estudo foi feita uma reflexão sobre a educação para o cinema e as principais iniciativas a nível português e europeu assim como uma exposição dos principais marcos da história do cinema e uma descrição das técnicas e da linguagem cinematográfica.

Através da bibliografia consultada foi feita ainda uma reflexão sobre as principais questões deste projeto: a literacia cinematográfica e as relações entre o cinema e a educação para os media em geral. Foi possível descrever, ainda que de forma breve, o conceito e os objetivos da educação para os media na sociedade atual e o papel das principais instituições europeias e internacionais, recorrendo a estudos empíricos e a documentos de instituições como a UNESCO, o Conselho da Europa e a União Europeia.

Nesta fase, procedeu-se também a uma revisão bibliográfica e a uma recolha de materiais didáticos para o desenvolvimento do plano de formação de cinema através da consulta do programa do Plano Nacional de Cinema, de atividades realizadas por diversos cineclubes portugueses e de relatórios do British Film Institute.

A revisão de literatura é importante no sentido de assegurar a qualidade do enquadramento teórico e de permitir que o investigador adquira conhecimento teórico sobre o seu objeto de estudo que lhe permitirá progredir nas fases posteriores da investigação (Quivy & Campenhoudt, 1992).

É necessário tomar conhecimento dos trabalhos de referência realizados sobre o tema tratado e sobre o fenómeno social em estudo de forma a potenciar "a *credibilidade* da investigação ao *relacionar e conectar a investigação prévia com o problema objecto da investigação*" (Coutinho, 2011, p. 55).

É relevante também salientar a importância da análise dos métodos de investigação utilizados por outros investigadores como apoio para a planificação dos procedimentos metodológicos que vão ser usados na investigação empírica.

4.4.2. Investigação participativa

A investigação participativa é um processo de "produção e reprodução de conhecimentos necessários para a transformação social" (Gabarrón & Landa, 1994, p. 5). Este método de investigação surge de forma a preencher uma lacuna no que diz respeito ao desenvolvimento de planos que questionem e modifiquem o funcionamento social oferecendo novas alternativas. Procura-se investigar transformando a realidade social em que se atua, sendo, neste sentido, necessário que a prática e a teoria, assim como o investigador e o objeto de investigação se relacionem ao longo do processo de investigação. Luis R. Gabarrón e Libertad Landa (1994) explicam que a investigação participativa se foca em três temas essenciais: a ação transformadora, a produção de conhecimentos e a participação.

Segundo os autores referidos o processo da investigação participativa permite uma análise objetiva da realidade social assim como a transformação da mesma, tendo o investigador um papel participativo neste processo que envolve os beneficiários na produção de conhecimentos.

Com base neste procedimento metodológico, foi criado um plano de educação para o cinema para crianças a frequentar o 1º ciclo. O plano de atividades "Aprender a ver cinema", desenvolvido no âmbito deste projeto, foi elaborado com base no Plano Nacional de Cinema e nos programas educativos do British Film Institute e tem os seguintes objetivos:

- Promover a análise crítica dos filmes;
- Proporcionar o conhecimento da linguagem, técnica e história do cinema;
- Desenvolver a compreensão da cultura e da indústria cinematográfica;
- Incentivar o gosto e o consumo de obras cinematográficas;
- Despertar o sentido crítico das crianças e promover uma atitude reflexiva sobre o cinema;

- Conhecer as práticas cinematográficas das crianças e a sua relação com o cinema.

A recolha de dados durante a implementação das sessões de formação foi feita através da observação-ação já que esta permite obter informação sobre os comportamentos enquanto estes ocorrem em determinada situação social (Anguera, 1997). "A observação participante baseia-se no facto de um observador externo à situação ou grupo entrar com o propósito de realizar as suas observações" (*ibidem*, p. 137). A observação participante permite, assim, partilhar a vida diária do grupo estudado possibilitando a obtenção de dados acerca da sua conduta. A técnica utilizada para esta pesquisa consistiu um tipo de observação em que a investigadora se integra nas atividades do grupo e observa e entrevista os participantes de uma forma informal mas como membro externo do grupo.

O diário de observações ou as notas de campo são um registo de situações e acontecimentos nos quais o investigador participa e que permitem a preparação da análise dos resultados (Burgess, 1984). Desta forma, durante o período de formação foi feito um registo de todos os dados considerados importantes para a pesquisa em questão e que se pense serem úteis para a análise e apresentação dos resultados das sessões de formação, de forma a dar sentido ao contexto em que se desenvolveu a aplicação do programa "Aprender a ver cinema".

Caracterização do contexto do estudo

O programa "Aprender a ver cinema" foi aplicado no centro de Atividades de Tempos Livres da escola EB 1 de Gualtar, em Braga, durante o período de férias da Páscoa. O ATL de Gualtar situa-se na rua da Lameira e tem inscritas 67 crianças entre os 6 e os 10 anos de idade. Este centro de Atividades de Tempos Livres encontra-se associado à escola EB 1 de Gualtar e foi escolhido para acolher a implementação deste programa pela proximidade geográfica e pela facilidade de acesso.



Fig. 17 – Centro de Atividades de Tempos Livres, Gualtar, Braga
 Fonte: Elaboração própria

A autorização para a realização das atividades previstas e para a recolha de dados foi feita através do contato com a coordenadora do ATL, Mariana Cardoso, que se mostrou entusiasmada e disponível para acolher o programa de formação advertindo, no entanto, para as limitações de tempo já que existiam outras atividades programadas pelo ATL para o mesmo período. O tempo disponibilizado para a realização das sessões de formação foi, por isso, limitado não tendo sido possível aplicar o programa na totalidade por razões que não nos foi possível controlar. Assim sendo, foram realizadas 7 das 10 sessões de atividades previstas.

Caraterização dos participantes no estudo

O grupo de participantes deste estudo é constituído por 67 crianças que frequentam o ATL de Gualtar, em Braga, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos. No entanto, o número de participantes de cada sessão varia de acordo com as crianças que estiveram presentes no centro de Atividades de Tempos Livres nos diferentes dias em que o programa foi implementado.

Sendo esta investigação de natureza essencialmente qualitativa, a amostra é intencional dado que não se procura representar uma população.

Caraterização dos participantes			
Ano escolar			
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano

18	14	12	23
Sexo			
Masculino		Feminino	
38		29	

Tabela 4. Caracterização dos participantes da investigação

Desenvolvimento e aplicação do programa "Aprender a ver cinema"

Face ao reduzido número de iniciativas de educação para o cinema em Portugal considerou-se relevante o desenvolvimento e a aplicação em contexto real de um programa que preenchesse esta lacuna. Através de uma metodologia assente na investigação participativa, o programa “Aprender a ver cinema” procurou favorecer a aquisição de competências por parte das crianças no âmbito da literacia para o cinema, implementar a análise da linguagem e técnica do cinema, incentivar o consumo de obras cinematográficas e promover o reconhecimento do cinema como meio de comunicação e de expressão artística.

Este programa de educação para o cinema procurou ser inovador, abordando uma temática pouco presente nos currículos escolares; motivador, já que tem como objeto de estudo o cinema, o qual faz parte dos momentos de entretenimento das crianças e dos jovens; funcional, pois está organizado de forma clara e simples apresentando os objetivos que se pretendem atingir o que facilita a sua aplicação; e dinâmico, pois para além de apresentar atividades educativas práticas através do visionamento e da análise de filmes, estimula ainda o recurso a tecnologias.

No final pretende-se que os participantes sejam capazes de refletir e analisar criticamente uma obra cinematográfica e a sua narrativa, tenham consciência da evolução da história do cinema e reconheçam algumas obras marcantes, conheçam e identifiquem alguns termos da linguagem cinematográfica, distingam diferentes tipos de géneros cinematográficos e sejam capazes de produzir mensagens audiovisuais, desenvolvendo a criatividade e a capacidade de manusear aparelhos técnicos relacionados com a produção cinematográfica.

A realização deste em programa procura, sobretudo, contribuir para o processo cumulativo de conhecimentos por parte dos participantes e para a futura utilização dessas competências. Assim sendo, neste estudo destaca-se o processo e a participação mais do que os resultados finais.

A análise dos dados foi feita com base na informação recolhida através da observação durante a implementação das atividades educativas e das entrevistas realizadas aos participantes de forma a elaborar conclusões sobre a aplicação do programa.

Plano de atividades do programa “Aprender a ver cinema”

Sessão de apresentação
<p>Na primeira sessão do programa "Aprender a ver cinema" será feita uma apresentação do projeto e das atividades a desenvolver durante as sessões do programa.</p> <p>A investigadora irá explicar aos participantes o conceito de literacia para o cinema e a importância da educação fílmica na sociedade atual.</p> <p>Finalmente decorrerá uma conversa com os participantes sobre os seus hábitos de consumo de cinema e ser-lhes-á pedido que preencham um questionário de forma a recolher dados para análise posterior.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Dar a conhecer o programa "Aprender a ver cinema" e o projeto no qual se encontra inserido;• Introduzir e explicar brevemente o conceito de literacia para o cinema;• Recolher informações sobre os hábitos de consumo de cinema dos participantes através da aplicação de um questionário.
O que é o cinema?
<p>Nesta sessão os participantes vão assistir ao excerto introdutório do filme <i>Up</i> da Disney/Pixar de forma a iniciar um debate sobre o filme, em particular e o cinema em geral.</p> <p>Pretende-se que os participantes compreendam o que é uma narrativa cinematográfica e sejam capazes de descrever os diferentes momentos da história.</p> <p>Procura-se ainda dar a conhecer os vários elementos da linguagem técnica e a forma como estes contribuem para a construção da narrativa.</p>

Objetivos:

- Estimular uma atitude de espetador atento por parte das crianças;
- Desenvolver a capacidade de análise crítica de textos cinematográficos;
- Promover a compreensão da narrativa cinematográfica e da linguagem técnica do filme através da análise de elementos visuais, sonoros e do conceito de tempo cinematográfico.

Vamos ao cinema!

Esta atividade consiste em ver um filme escolhido pelas crianças numa sala de cinema. Esta sessão tem como objetivo incentivar a criação de hábitos de consumo de cinema e estimular os participantes a analisar criticamente os filmes. No final da sessão decorrerá uma discussão sobre a narrativa do filme e sobre a linguagem técnica.

Objetivos:

- Incentivar o consumo de obras cinematográficas;
- Estimular a análise crítica dos filmes;
- Desenvolver a reflexão sobre a linguagem e técnicas do filme assistido;
- Promover o debate sobre textos cinematográficos.

Vamos ver curtas – metragens!

Nesta sessão vai ser explicado aos participantes o que é uma curta - metragem, em que consiste e qual a sua duração. Em seguida vão ser vistas seis curtas-metragens de diferentes períodos e de diferentes géneros. Pretende-se dar a conhecer um pouco da história do cinema através da visualização de obras de diferentes países que marcaram grandes épocas do cinema.

Filmes:

- *Le Voyage dans la Lune*, Georges Méliès, 1902, 14 min, França
- *Steamboat Willie*, Walt Disney, Ub Iwerks, 1928, 8 min, EUA
- *The Grasshopper and the Ants*, Walt Disney, 1934, 8 min, EUA
- *Estória do Gato e da Lua*, Pedro Serrazina, 1995, 5'24 min, Portugal
- *DODU o rapaz de cartão*, José Miguel Ribeiro, 2010, 5 min, Portugal
- *La Luna*, Enrico Casarosa (Pixar), 2012, 7 min, EUA

Objetivos:

- Compreender e comparar diferentes técnicas de animação;
- Conhecer obras cinematográficas de diferentes épocas e países;
- Conhecer a origem dos efeitos especiais;
- Analisar o significado de elementos visuais e sonoros;
- Incentivar o interesse pela história do cinema.

O cinema como indústria

Esta sessão tem como objetivo explicar as campanhas publicitárias dos filmes e as diferentes técnicas utilizadas pela indústria cinematográfica para atrair audiências.

Pretende-se que os participantes compreendam a complementaridade entre os filmes e os produtos promocionais e que entendam que certos produtos são criados para tipos específicos de audiências.

Para isso será visionado o trailer do filme *Monsters University* da *Disney/Pixar*, serão mostradas imagens de produtos promocionais e cartazes de filmes.

Finalmente será pedido aos participantes que desenhem um cartaz para um filme.

Objetivos:

- Perceber o que é o *marketing* e o *merchandising*;
- Compreender como as estratégias promocionais são importantes para a indústria do cinema;
- Entender que os filmes podem ser publicitados de diferentes formas;
- Perceber que muitas vezes as crianças são alvo de determinados produtos;
- Promover o conhecimento sobre a indústria do cinema.

A linguagem do cinema - Planos de câmara

Esta sessão centra-se na linguagem visual das imagens em movimento. Serão explicados os diferentes planos de câmara, os seus significados e de que forma ajudam a contar uma história. Será visto o filme *Monsters University* da *Disney/Pixar* e através da pausa nas imagens será pedido aos participantes que identifiquem os diferentes planos de câmara ensinados anteriormente.

Objetivos:

- Perceber o que são planos de filmagem;
- Compreender o significado de cada plano;
- Entender de que forma os planos de filmagem ajudam a contar uma história;

- Aprender a analisar as imagens em movimento.

Vamos fazer um filme! O *storyboard*

Será pedido aos participantes que desenvolvam um argumento para um filme e que criem um *storyboard*. Esta atividade tem como objetivo dar a conhecer o conceito de *storyboard*, a sua origem e a sua utilidade no processo de criação audiovisual. Através desta atividade os participantes serão incentivados a planear e a preparar a sequência de cenas que serão filmadas posteriormente.

Objetivos:

- Perceber como se cria um argumento e qual a sua importância;
- Compreender o que é um *storyboard* e quais as suas vantagens;
- Criar um *storyboard* de forma a preparar o processo de filmagem;
- Promover a criatividade e a capacidade de planeamento de uma sequência de cenas.

Vamos fazer um filme! As filmagens

Nesta sessão será pedido aos participantes que planeiem e ponham em prática o processo de filmagem da história criada na sessão anterior. Pretende-se incentivar o desenvolvimento das capacidades de planeamento e de trabalho em equipa, assim como de competências básicas para a utilização de câmaras de vídeo e dos acessórios necessários para as filmagens.

Para desenvolver esta atividade será necessário ter uma câmara de vídeo com captação de som ou com microfones externos, é desejável que exista um tripé de forma a posicionar a câmara de forma segura e focos de luz caso seja necessário.

Objetivos:

- Desenvolver capacidades básicas de utilização de aparelhos de filmagem;
- Compreender como os diferentes planos e ângulos de câmara contribuem para criar uma narrativa e para dar ênfase a diferentes emoções;
- Incentivar a criação e produção de conteúdos audiovisuais;
- Despertar o sentido crítico das crianças e promover uma atitude reflexiva sobre o cinema.

Vamos fazer um filme! Editar as imagens

Nesta sessão será feita a montagem e edição das imagens e sons captados durante as

filmagens. Procura-se que os participantes compreendam que as sequências das imagens em movimento influenciam o significado da história e que estas são criadas durante o processo de edição e montagem e que a edição sonora contribui para acrescentar significado às imagens ou para desenvolver estados de espírito.

Para esta sessão é necessário ter um computador com software de edição de imagem e som instalado, como o *Windows Movie Maker* ou o *Adobe Premiere*.

Objetivos:

- Desenvolver competências básicas de edição de som e de imagem;
- Perceber como as sequências de imagens contribuem para criar uma narrativa;
- Compreender como o som e a música podem transformar o significado de uma sequência de imagens;
- Perceber que o tempo dos filmes é diferente do tempo real e é alterado durante a edição das imagens.

O nosso filme!

Nesta sessão as crianças vão assistir ao filme que produziram e de seguida deverão comentar e debater o processo de produção. Pretende-se que os participantes sejam capazes de identificar o que correu bem e o que poderia ser feito de maneira diferente de forma a que conheçam a complexidade que envolve uma produção cinematográfica.

Para este estudo considerou-se importante a realização de entrevistas individuais de forma a recolher a opinião dos participantes sobre as atividades realizadas assim como a sua opinião sobre a importância da educação para o cinema.

Após as entrevistas individuais todos os participantes deverão ter oportunidade de dar a sua opinião e avaliarem o que foi feito, pelo que se realizará uma conversa para que todos possam dizer o que mais gostaram e o que menos gostaram.

Objetivos:

- Dar a conhecer a complexidade do processo de criação de um filme;
- Promover o gosto pela produção cinematográfica;
- Incentivar o interesse sobre a cultura fílmica;
- Recolher testemunhos e opiniões sobre as atividades realizadas através de entrevistas individuais e de uma conversa de grupo.

Tabela 5. Plano de atividades do programa “Aprender a ver cinema”.

4.4.3. Questionário

A aplicação de um questionário no âmbito desta investigação teve como objetivo recolher dados e descrever determinadas características dos participantes das sessões de formação. Através de um questionário é possível conhecer uma população, os seus comportamentos e opiniões, bem como, analisar um fenómeno social através de informações fornecidas pelos indivíduos em questão (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Este método apresenta vantagens na medida em que possibilita a quantificação e a análise dos dados recolhidos, podendo, no entanto, a superficialidade das respostas fazer com que os dados recolhidos sejam simples descrições que não contribuem para a compreensão da questão fundamental a ser estudada (*ibidem*).

Assim, o questionário aplicado teve como propósito conhecer os hábitos de consumo de cinema por parte das crianças pelo que este método se apresenta como o mais indicado. O questionário (anexo 2), aplicado durante as sessões de formação, tem 12 perguntas, sendo que o primeiro ponto se destina a recolher os dados de caracterização dos inquiridos. As partes seguintes são constituídas por perguntas fechadas de escolha múltipla e por perguntas abertas que permitem recolher a opinião dos participantes de forma direta.

Os dados recolhidos através de um questionário devem ser analisados estatisticamente de forma a precisar com rigor as informações e a apresentar com clareza os resultados. As informações foram tratadas quantitativamente com o objetivo de comparar as respostas e analisar as relações entre elas. As respostas obtidas através do inquérito foram processadas com recurso ao programa informático SPSS Statistics 17.0 que permitiu obter dados estatísticos relativos às diferentes questões e variáveis, os resultados obtidos através do processo estatístico serão apresentados no capítulo seguinte.

4.4.4. Entrevistas aos participantes e a especialistas

O método da entrevista permite um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores através do qual os entrevistados exprimem as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação assim como as suas experiências. O grau de

profundidade das respostas permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Para este estudo considerou-se relevante realizar entrevistas a 12 crianças (anexo 1) que participaram nas sessões de formação, de forma a recolher as suas opiniões sobre o programa de formação e sobre as atividades que experienciaram. Foi-lhes perguntado se não se opunham a ser entrevistados e a que as entrevistas fossem gravadas em formato áudio de forma a existir um consentimento informado por parte dos participantes.

As entrevistas realizadas são semi-estruturadas sendo o objetivo “explicar o ponto de vista dos participantes, como pensam, interpretam ou explicam o seu comportamento no contexto natural em estudo” (Coutinho, 2011, p. 291) e foram analisadas tendo como base as dimensões presentes na seguinte tabela:

Guião de análise das entrevistas	
1. Opinião dos participantes em relação ao programa “Aprender a ver cinema” e às atividades desenvolvidas	Compreender quais as atividades que os participantes gostaram mais e quais gostaram menos no âmbito da implementação do programa
2. Opinião sobre a importância da educação para o cinema	Conhecer a visão dos participantes e a importância que atribuem à educação para o cinema
3. Motivação em aprender sobre cinema em contexto escolar	Perceber se os participantes demonstram interesse relativamente à introdução de conteúdos relacionados com o cinema no currículo escolar

Tabela 6. Guião de análise das entrevistas.

Foram ainda realizadas 3 entrevistas a especialistas na área da educação fílmica, através de correio eletrónico, já que a distância geográfica dificulta as entrevistas presenciais.

Um dos entrevistados foi Rodrigo Francisco (anexo 1), diretor do cineclube de Viseu que criou o programa "Cinema para as Escolas" que abrange uma média de 30 dezenas de escolas por ano.

Graça Lobo, coordenadora do Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema foi também entrevistada (anexo 1) pela vasta experiência no que diz respeito à educação

para o cinema já que presidiu o cineclube de Faro e criou o projeto "Juventude - Cinema - Escola" que já abrangeu cerca de 25 mil alunos de escolas por todo o país.

Por último, foi ainda feita uma entrevista ao professor Vítor Reia-Baptista (anexo 1), Coordenador na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, diretor do Departamento de Comunicação, Artes e Design e Coordenador do Núcleo de Estudos Fílmicos e de Comunicação do Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

O método das entrevistas está associado a um método de análise de conteúdo, sendo que os resultados dessa análise serão apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

A análise de conteúdo "é uma técnica que consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto (ou material audiovisual), por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados chave que possibilitam a comparação posterior" (Coutinho, 2011, p. 193).

Assim sendo, a análise das entrevistas será feita em três momentos distintos: - pré-análise, momento em que se organiza e seleciona os documentos a serem analisados e formulam os objetivos; - exploração do material, nesta fase aplicam-se as decisões tomadas na fase anterior e consiste em codificar, decompor ou enumerar de forma a transformar os dados e a descrever o seu conteúdo e - tratamento dos resultados obtidos e interpretação, esta fase consiste no tratamento dos dados obtidos de modo a comparar as informações e os conceitos fornecidos pela análise (Bardin, 1977).

Os resultados obtidos através da análise das entrevistas serão apresentados e discutidos no capítulo relativo à apresentação e análise dos resultados.

5. “Aprender a ver cinema”: implementação e avaliação do programa de educação para o cinema

5.1. Hábitos de consumo de cinema dos participantes do estudo

Um dos objetivos deste estudo era conhecer os hábitos de consumo de cinema dos participantes do programa “Aprender a ver cinema” e a sua relação com o cinema. Para isso foi criado um questionário que foi aplicado durante a segunda sessão do programa.

No primeiro ponto do questionário foi pedido aos inquiridos que dessem a conhecer os seus dados de identificação. Para este estudo considerou-se relevante recolher dados relativos à idade, ao sexo, ao ano de escolaridade, à profissão e às habilitações escolares dos pais e à freguesia de residência.

Foram inquiridos 42 sujeitos na totalidade, com idades entre os 6 e os 10 anos. A maioria dos participantes – 36% (15) - tem 9 anos, 23% (10) dos inquiridos tem 7 anos, 17% (7) tem 8 anos, 12% (5) corresponde à percentagem de participantes com 6 anos e finalmente 12% (5) das crianças têm 10 anos de idade.

Relativamente a este ponto, e no que diz respeito às diferentes idades dos participantes e à forma como estes se mostravam motivados e capazes de adquirir novas competências cinematográficas, foi possível verificar que as crianças mais novas demonstraram, por vezes, alguma dificuldade em compreender tanto a importância da literacia fílmica como alguns dos conteúdos que foram sendo lecionados ao longo das sessões. As crianças mais velhas, por outro lado, demonstraram, em geral, mais motivação e facilidade em compreender as matérias expostas, intervindo frequentemente, fazendo comentários ao longo das sessões e executando as tarefas que lhes eram propostas sem dificuldade.

A segunda variável analisada corresponde ao género dos participantes. Foi possível verificar que foram inquiridas 24 crianças do género masculino e 18 do género feminino o que corresponde a um total de 57% de participantes masculinos e 43% de participantes femininos. Nas sessões do programa “Aprender a ver cinema” existiu, portanto, uma maioria de participantes do género masculino.

No que diz respeito ao ano escolar dos participantes nesta investigação, verifica-se a predominância de alunos do 4º ano – 17 (41%). O 1º ano é, de seguida, o que

apresenta maior número de alunos – 12 (29%), seguido do 2º ano, com 7 alunos (17%) e por fim do 3º ano com 6 alunos (13%).

Quanto à profissão do pai destaca-se uma frequência de 13 (32%) trabalhadores de comércio, seguido de 6 (14%) operários, 6 (14%) engenheiros informáticos e 6 (14%) trabalhadores da construção civil. 7% (3) dos pais dos inquiridos são funcionários administrativos, 5% (2) são professores, 5% (2) são agentes policiais, 2% (1) são desempregados, 2% (1) são desempregados e finalmente 5% (2) dos inquiridos respondeu não saber a profissão do pai.

Relativamente à profissão da mãe predomina a frequência de 12 (31%) trabalhadoras de comércio, seguida de 10 (26%) professoras. 18% (7) são operárias, 13% (5) são funcionárias administrativas, 6% (2) são enfermeiras, 3% (1) são médicas e 3% (1) são engenheiras informáticas.

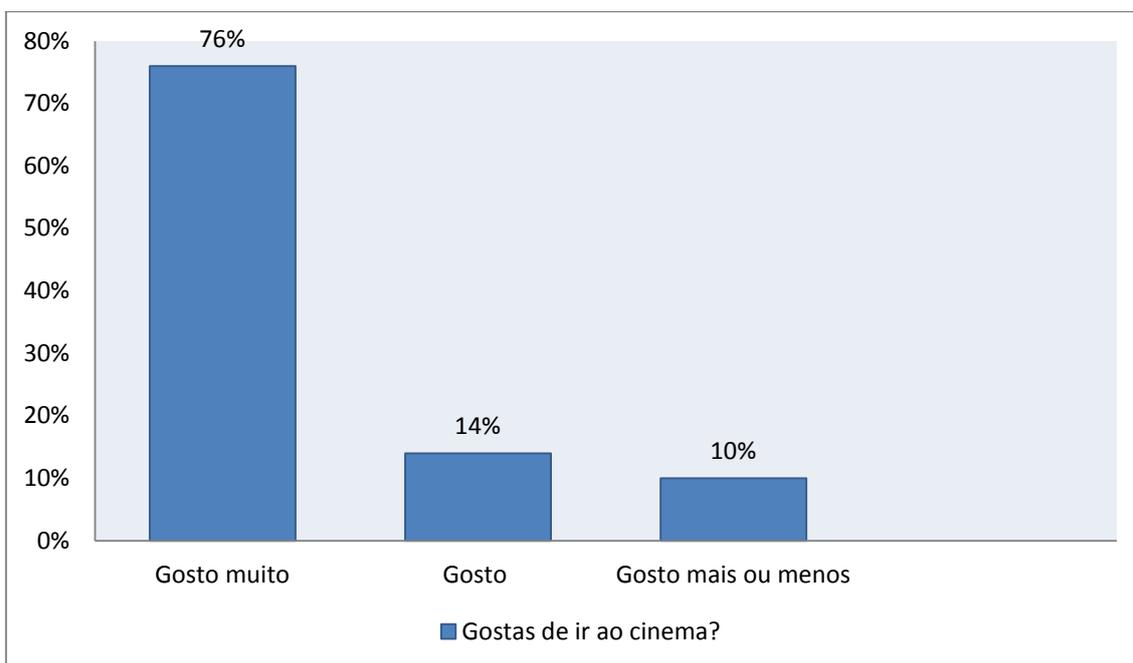
A variável seguinte refere-se às habilitações escolares dos pais dos participantes. Relativamente às habilitações escolares da mãe verifica-se uma percentagem de 38% (16) com o Ensino Superior, 29% (12) com o Ensino Secundário, 7% (3) estudaram até ao 3º ciclo e 26% (11) dos inquiridos respondeu não saber as habilitações escolares da mãe. As opções “nunca estudou”, “até ao 4º ano” e “até ao 6º ano” não foram assinaladas pelos inquiridos.

No que diz respeito às habilitações escolares dos pais foi possível recolher os seguintes dados: 29% (12) estudaram até ao 12º ano, 24% (10) completaram o Ensino Superior, 9% (4) estudaram até ao 9º ano e 5% (2) estudaram até ao 6º ano. 33% (14) dos participantes revelou não saber as habilitações escolares dos pais.

Por fim, a última variável diz respeito à freguesia de residência dos participantes. Foi possível verificar que 57% (24) dos inquiridos reside em Gualtar, 15% (6) em São Vítor e 7% (2) em Monsul. Espinho, Amares, Palmeira, Nogueiró, Este São Pedro, Lamações, Ferreiros e Cividade detêm uma percentagem de 2% (1) cada e 5% (2) dos participantes responderam não saber a sua freguesia de residência.

Recolhidos os dados de identificação dos participantes passamos para a primeira pergunta relacionada com os hábitos de consumo de cinema que pretende saber se os inquiridos gostam de ir ao cinema. Como é possível verificar no gráfico seguinte, 76% (32) dos participantes revelou gostar muito de ir ao cinema, 14% (6) respondeu

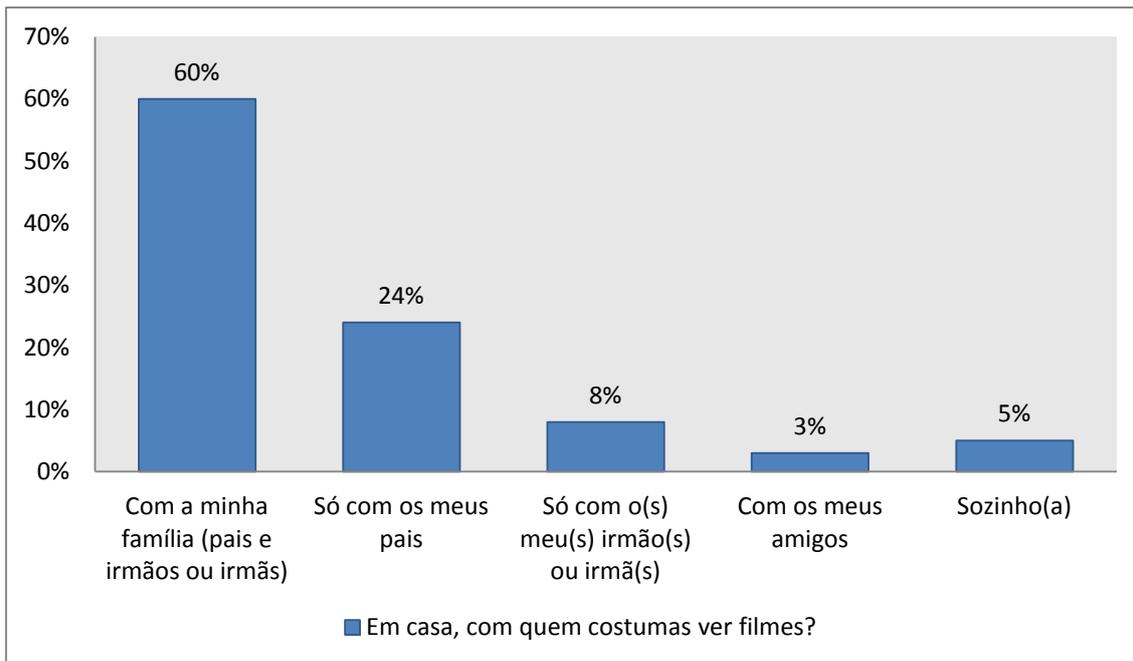
“gosto” e 10% (4) responder “gosto mais ou menos”. As opções “gosto pouco” e “não gosto” não foram assinaladas pelos inquiridos.



De seguida foi perguntado aos inquiridos onde preferiam ver filmes, se na televisão ou na sala de cinema. 90% (38) respondeu gostar mais de ver filmes na sala de cinema enquanto apenas 10% (4) respondeu gostar mais de ver filmes na televisão o que demonstra que o cinema é um meio atrativo para os participantes.

A quarta pergunta deste questionário inquirir os participantes sobre a frequência com que veem filmes em casa. 52% (22) diz ver filmes em casa uma vez por semana, 24% (10) revela ver todos os dias, 14% (6) dos participantes vê duas a três vezes por semana e 10% (4) assinalou a opção “não vejo”.

A pergunta seguinte inquirir os participantes sobre a forma de consumo de cinema, em casa, do ponto de vista da companhia. A opção “com a minha família (pais e irmãos ou irmãs)” tem uma frequência de 23 respostas com uma percentagem válida de 60%, de seguida destaca-se a opção “só com os meus pais” com uma percentagem válida de 24% (9). Com 8% (3) segue-se a opção “Só com o (s) meu (s) irmão (s) ou irmã (s)”, 5% (2) costuma ver filmes em casa sozinho e 3% (1) costuma ver filmes com os amigos. A percentagem de 10% (4) de casos perdidos corresponde ao total de participantes que na pergunta anterior revelaram não ver filmes em casa.



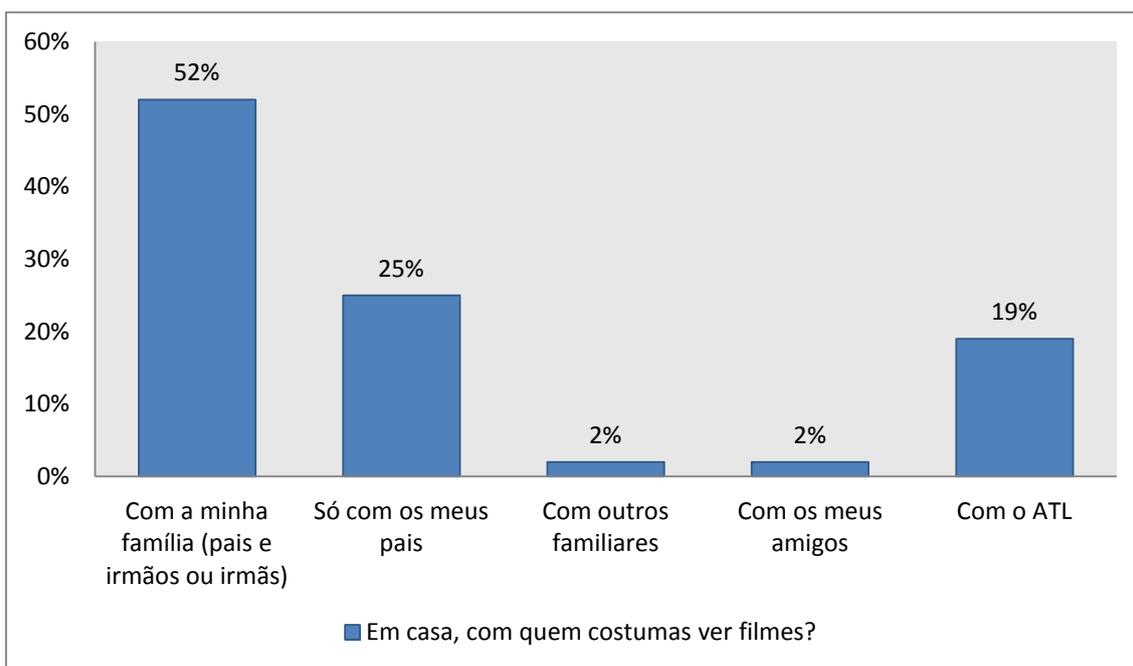
No que diz respeito à altura em que os participantes costumam ver filmes em casa os resultados mostram que a maioria – 58% (22) – vê filmes habitualmente durante o fim de semana enquanto 42% (16) dos inquiridos respondeu que costuma ver filmes durante a semana. Mais uma vez 10% (4) corresponde à percentagem de participantes que não veem filmes em casa.

A pergunta seguinte questiona sobre o número de vezes que os participantes vão ao cinema por mês. As percentagens mostram que a maioria – 64% (27) - assinalou a opção “uma vez por mês”, seguido de uma percentagem de 24% (10) que diz ir ao cinema em média “duas a três vezes por mês” e por fim 12% (5) revelaram não ir ao cinema. A opção “todos os dias” não foi escolhida por qualquer inquirido.

Seguido do número médio de idas ao cinema por mês foi perguntado se os participantes costumam ver filmes na sala de cinema durante a semana ou durante o fim de semana. As estatísticas mostram que a opção mais assinalada foi “durante o fim de semana” com uma percentagem válida de 73% (27) frente à opção “durante a semana” com uma percentagem válida de 27% (10). O número de casos perdidos relativos a esta pergunta representa a percentagem de inquiridos que assinalaram na pergunta anterior a opção “não vou ao cinema” – 12% (5).

A pergunta seguinte diz respeito a quem costuma acompanhar os participantes na ida ao cinema. A opção “com a minha família (pais e irmãos ou irmãs) ” foi assinalada por

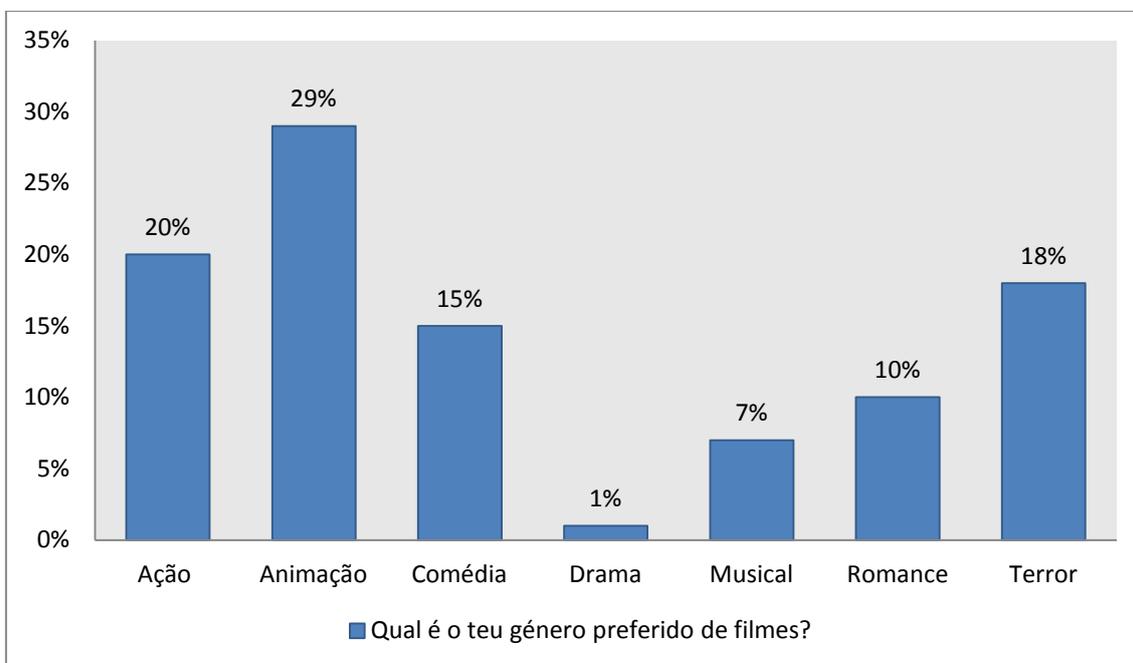
52% (19) dos inquiridos, 25% (9) respondeu que costuma ir ao cinema só com os pais e 2% (1) com os amigos. A opção “com outras pessoas” foi assinalada por 19% (7) dos inquiridos que acrescentaram que costumam ir ao cinema com o ATL de Gualtar e 2% (1) assinalaram a opção “com outros familiares” informando que costumam ser acompanhados pelos avós. Assim como na pergunta anterior o número de casos perdidos – 12% (5) – corresponde aos inquiridos que não costumam ir ao cinema.



Relacionado com a ida ao cinema foi também perguntado aos inquiridos, através de uma pergunta aberta, quais foram os 3 últimos filmes que viram numa sala de cinema. Nesta questão verifica-se a influência da aplicação do programa “Aprender a ver cinema” já que na primeira sessão os participantes foram ao cinema assistir ao filme “Rio 2” pelo que, todos os inquiridos responderam na primeira opção o filme referido. Nas opções seguintes os participantes fizeram referência aos filmes “Frozen - O Reino do Gelo”, “Carros 2”, “A Idade do Gelo”, “Smurfs”, “Croods”, “Madagáscar”, “Aviões”, “Aquele Estranho Momento”, “A Origem dos Guardiões”, “O Hobbit”, “Mr. Peabody e Sherman” e “O Filme Lego”.

A pergunta seguinte pretendia saber quais os géneros cinematográficos preferidos dos inquiridos e pedia que estes assinalassem até 3 das opções disponibilizadas. O género “Animação” destaca-se com uma percentagem de 29% (27) seguido do género “Ação”

com 20% (19). “Terror” foi o terceiro gênero mais escolhido pelos inquiridos com uma percentagem de 18% (17), “Comédia” apresenta uma percentagem de 15% (14), “Romance” 10% (9), “Musical” 7% (6) e por fim “Drama” foi escolhido apenas por uma criança (1%).



De seguida foi perguntado aos participantes, através de uma pergunta aberta, quais os 3 últimos filmes que mais gostaram de ver até ao momento. Mais uma vez nesta pergunta é possível verificar a influência das atividades realizadas durante a aplicação do programa “Aprender a ver cinema”. Apenas cinco de um total de quarenta e dois inquiridos não fizeram referência ao filme “Rio 2” como um dos seus preferidos. Os restantes filmes mencionados coincidem, na sua maioria, com os últimos filmes que os inquiridos assistiram no cinema. Para além desses já referidos anteriormente foram também escolhidos os seguintes filmes: “A Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela”, “Kung Fu Panda”, “Guerra Mundial Z”, “Sininho - O Segredo das Fadas”, “Rio”, “As Aventuras de Tintin: O Segredo de Licorne”, “Entrelaçados”, “as Crônicas de Nárnia”, “O Lorax: Em Busca da Trúfula Perdida”, “Hotel Transilvânia” e “Homem - aranha 3”.

Por fim, no último item deste questionário os inquiridos foram interrogados sobre a importância de saber como funciona o cinema. Nesse sentido foram apresentadas três

frases sobre este assunto e foi pedido aos participantes que assinalassem as opções “concordo”, “nem concordo nem discordo” e “discordo”.

Na primeira afirmação – “Não, para mim não é importante, gosto de ver filmes mesmo sem saber como são feitos” – a opção mais assinalada foi “discordo” com uma percentagem de 55% (23). A opção “nem concordo nem discordo” foi assinalada por 29% (12) dos inquiridos e por último a opção “concordo” foi assinalada por 7 participantes o que corresponde a uma percentagem de 16%.

Na segunda frase apresentada – “É importante para os especialistas de cinema porque precisam de saber como produzir os filmes” – a opção “concordo” foi escolhida por 71% (30) dos inquiridos, seguida da opção “nem concordo nem discordo” com uma percentagem de 19% (8). Finalmente a opção “discordo” foi assinalada por 4 participantes o que corresponde a uma percentagem de 10%.

Na última afirmação apresentada – “Sim, para mim é importante porque se souber como funciona o cinema consigo compreender melhor os filmes que vejo” – a opção mais escolhida foi “concordo” com uma percentagem de 71% e uma frequência de 30 inquiridos. De seguida é possível verificar que a opção “discordo” foi selecionada por 19% (8) dos participantes e finalmente a opção “nem concordo nem discordo” por 10% (4) dos inquiridos.

Em conclusão, foi possível verificar que as crianças que participaram neste estudo gostam de ver filmes, especialmente nas salas de cinema, às quais se dirigem, na sua maioria, uma vez por mês, acompanhados pela família ou pelo ATL. Em casa, as crianças veem filmes, em geral uma vez por semana, mais uma vez na companhia de familiares. Quanto a este aspeto é relevante referir que o acompanhamento dos pais no que diz respeito a este tipo de experiências é importante para o desenvolvimento da literacia cinematográfica por parte das crianças sendo fundamental que os pais interajam com estas de forma a desenvolver competências que lhes permitam refletir criticamente sobre os filmes. O mesmo sucede em contexto escolar, neste caso, seria fundamental que o ATL que as crianças frequentam promovesse, não só idas ao cinema, mas também sessões de esclarecimento nas quais se incentivasse uma leitura crítica das obras audiovisuais e se fomentasse um debate sobre a narrativa e a linguagem técnica dos filmes assistidos. É sobretudo fundamental que exista uma

interação e uma partilha de experiências entre a escola e o contexto familiar de forma a que exista, em casa, uma continuidade do trabalho desenvolvido na escola (Pereira, 2000).

Através dos dados recolhidos foi possível verificar que algumas crianças não veem filmes em casa enquanto outras não têm o hábito de ir ao cinema. Relativamente a este aspeto, James Monaco (1981) refere a importância de incentivar o consumo de obras cinematográficas já que pessoas que veem filmes frequentemente desenvolvem mais facilmente competências para analisar a linguagem cinematográfica.

A maioria dos participantes desta investigação já tinha visto filmes numa sala de cinema, no entanto, um pequeno grupo nunca tinha tido essa possibilidade. Uma das sessões do programa “Aprender a ver cinema” consistia numa ida ao cinema possibilitando, assim, a essas crianças a experiência de ver um filme num ecrã de grandes dimensões.

No que diz respeito ao género de filmes que as crianças mais gostam de ver, animação foi o mais escolhido, seguido dos géneros ação e terror. Nesta pergunta verificou-se, no entanto, uma influência do grupo em que os participantes estavam inseridos já que algumas crianças perguntaram aos colegas que opções tinham assinalado respondendo depois de forma semelhante.

Por fim, no que se refere à necessidade de uma aprendizagem que permita a compreensão das imagens em movimento, a maioria dos participantes assinalou que considera importante saber como funciona o cinema porque lhes possibilita uma melhor compreensão dos filmes. Algumas crianças, por outro lado, não consideram importante a educação para o cinema, concordam que é relevante para os profissionais da área, mas revelam gostar de ver filmes mesmo que por vezes não compreendam certos aspetos das obras assistidas.

5.2. “Aprender a ver cinema” – um programa em ação

Um dos objetivos principais desta investigação era desenvolver e realizar o programa “Aprender a ver cinema”, com vista a promover a análise crítica dos filmes, proporcionar o conhecimento da linguagem, técnica e história do cinema, desenvolver a compreensão da cultura e da indústria cinematográfica, incentivar o gosto e o

consumo de obras cinematográficas, despertar o sentido crítico das crianças e promover uma atitude reflexiva sobre o cinema e conhecer as práticas cinematográficas das crianças e a sua relação com o cinema.

O material que constitui este programa foi desenvolvido de forma a ser inovador, motivador, funcional e dinâmico. Apesar de não ter sido ajustado ao currículo educativo atual, a flexibilidade do programa permite adaptar os conteúdos aos diferentes objetivos, áreas e disciplinas de forma a introduzir a educação para o cinema na sala de aula e a contribuir para o desenvolvimento da literacia fílmica nas crianças.

Como já foi referido anteriormente, as sessões de formação deste programa foram postas em prática no centro de Atividades de Tempos Livres de Gualtar, em Braga. O tempo para a realização do programa foi limitado pelo que não foi possível aplicá-lo na totalidade, foram postas em práticas as 7 primeiras sessões analisadas nos parágrafos seguintes.

1ª Sessão	07 / 04 / 2014 10:00 -12:00
Vamos ao cinema!	54 Participantes

Um dos objetivos desta investigação consistia em promover e incentivar o consumo de obras cinematográficas. Esta primeira sessão de aplicação do programa possibilitou o visionamento de um filme numa sala de cinema, sendo, para alguns dos participantes a primeira vez que esta experiência se realizou. Pretendia-se, assim, não só incentivar o consumo de filmes como também estimular a sua análise crítica, desenvolver a reflexão sobre a linguagem e técnicas do filme assistido e promover o debate sobre textos cinematográficos.

Cerca das 10:00 horas as crianças reuniram-se em frente ao cinema e foram entrando ordeiramente para a sala sob a orientação das colaboradoras do ATL. O filme escolhido foi o “Rio 2” produzido pela Blue Sky Studios, escolhido pelos participantes já que a maioria tinha visto o “Rio”, o primeiro filme da sequência.

Enquanto aguardavam pelo início do filme as colaboradoras distribuíram pipocas e os participantes conversavam entre si. Algumas crianças prestaram atenção às

curiosidades cinematográficas que estavam a ser projetadas e fizeram comentários sobre estreias de filmes e informações sobre atores. Durante a exibição do filme foi possível ouvir algumas conversas assim como muitos risos quando uma situação cômica se desenrolava.

No final da sessão, de regresso ao ATL realizou-se uma conversa sobre o filme visionado de forma a promover uma análise da narrativa e a incentivar uma reflexão crítica sobre a linguagem técnica. Foi perguntado aos participantes se tinham gostado do filme, todos responderam que sim com entusiasmo e aqueles que tinham assistido ao primeiro filme da sequência revelaram ter gostado mais do “Rio 2”. Algumas crianças ficaram muito satisfeitas por terem tido a possibilidade de, pela primeira vez, assistir a um filme numa sala de cinema.

De seguida foi pedido aos participantes que explicassem a narrativa e contassem resumidamente a história do filme. Várias crianças quiseram participar e enquanto os colegas recriavam a narrativa alguns participantes foram intervindo acrescentando detalhes da história. Quando questionados sobre as suas cenas preferidas a maioria fez referência à parte em jogam futebol, à dança na floresta ou quando os protagonistas, araras azuis, conseguem salvar o seu habitat natural. Os participantes revelaram ter compreendido a história e foram capazes de identificar as diferentes personagens e de distinguir os heróis dos vilões.

De forma a introduzir alguns conceitos relativos à linguagem técnica do cinema foi perguntado às crianças se tinham reparado em elementos que se destacassem no filme como a cor ou a música. Vários participantes fizeram referência à constante presença de cor no filme, apontando, por exemplo, o facto de as personagens principais serem araras de cor azul ou vermelha e um dos vilões ser uma rã venenosa cor de rosa. Algumas crianças chamaram a atenção para as várias cenas em que as personagens dançam e cantam e um dos participantes fez ainda referência a um concurso musical organizado paralelamente à história principal.

No final desta sessão foi possível verificar que as competências que as crianças adquirem apenas por assistirem a filmes são uma importante base para uma compreensão mais profunda dos textos cinematográficos. As crianças mostram mais confiança sabendo que têm algum conhecimento sobre este assunto que pode ser partilhado. Foi ainda possível concluir que, apesar de os participantes não dominarem

a linguagem, a técnica e a forma de ler criticamente um filme, são capazes de compreender o que veem no ecrã e de descrever com grande detalhe a narrativa de um filme (British Film Institute, 2003). Neste sentido esta sessão é um importante incentivo, como foi dito anteriormente, ao consumo de filmes e à análise crítica dos mesmos, mas também uma forma de aprender a recontar histórias, de ampliar o vocabulário, de identificar personagens e reconhecer as relações entre estas.



Fig. 18 – Entrada na sala de cinema
Crédito: Elaboração própria



Fig. 19 – Acomodação das crianças na sala de cinema
Crédito: Elaboração própria

2ª Sessão	07 / 04 / 2014 14:30 -16:30
Apresentação do programa “Aprender a ver cinema”	42 Participantes

De forma a dar a conhecer aos participantes as atividades a realizar durante a realização do programa “Aprender a ver cinema” durante esta sessão foi explicada a investigação em que este programa se insere e os seus objetivos. Pretendia-se ainda explicar o conceito de literacia mediática, educação para o cinema e a sua importância na sociedade atual de forma a que as crianças compreendessem o propósito da realização deste programa.

Neste sentido foi, em primeiro lugar, feita uma referência ao facto de estarmos atualmente rodeados de meios de comunicação e de informações mediáticas. Foi perguntado aos participantes se costumam utilizar os meios de comunicação diariamente, a maioria revelou ver televisão e usar o computador todos os dias. Quando ao cinema, grande parte das crianças, disse ver filmes pelo menos uma vez por semana. De seguida foi explicado aos participantes que é importante, não só saber

manusear aparelhos como o computador, os *tablets* ou os telemóveis, mas também conhecer as vantagens e riscos que estes podem ter e compreender as mensagens que nos são transmitidas pelos meios de comunicação. No que diz respeito ao cinema é importante, neste sentido, ser capaz de analisar os filmes, compreender a forma como são feitos e as técnicas que são utilizadas assim como conhecer um pouco da história desse meio e a forma como pode influenciar as nossas opiniões e valores.

Os participantes mostraram-se capazes de compreender que, sendo o cinema um meio de comunicação e expressão artística com uma presença acentuada no nosso quotidiano, é importante que sejamos capazes de fazer uma leitura crítica sobre os seus conteúdos e que possamos desenvolver as competências adequadas para compreender as mensagens que são transmitidas.

De seguida foi introduzido um novo tópico relacionado com a próxima tarefa a realizar: preenchimento de um questionário com o objetivo de recolher informações sobre os hábitos de consumo de cinema dos participantes. Neste sentido, foi pedido aos participantes que expressassem as suas opiniões sobre este assunto, que partilhassem as suas experiências e os seus hábitos de consumo. Com base nesta conversa foi possível fazer uma observação inicial de alguns dados que viriam a ser posteriormente recolhidos e analisados a partir dos questionários: a maioria das crianças costuma ir ao cinema e tem como hábito ver filmes em casa, apenas alguns dos participantes nunca tinham visto um filme numa sala de cinema e fizeram-no pela primeira vez durante a primeira sessão do programa “Aprender a ver cinema”.

Seguidamente foram distribuídos os questionários que foram preenchidos com a ajuda das colaboradoras e da investigadora já que algumas crianças expressaram dúvidas em relação a certas perguntas.

As crianças foram acompanhadas durante todo o processo de aplicação dos questionário de forma a garantir que as informações fossem recolhidas com rigor para que posteriormente os dados pudessem ser analisados de forma válida.

Nesta sessão pretendia-se, essencialmente, dar a conhecer às crianças os conceitos de literacia mediática e de educação para o cinema de forma a que estas compreendessem a importância dos conteúdos que iam ser lecionados durante a realização do programa “Aprender a ver cinema”.

3ª Sessão	08 / 04 / 2014 14:30 -16:30
O que é o cinema?	29 Participantes

Através desta atividade procurou-se desenvolver, por parte das crianças, uma análise crítica da narrativa e da linguagem técnica cinematográfica. Os objetivos desta sessão consistiam em estimular uma atitude de espetador atento por parte das crianças, desenvolver a capacidade de análise crítica de textos cinematográficos e promover a compreensão da narrativa cinematográfica e da linguagem técnica do filme assistido através da análise de elementos visuais, sonoros e do conceito de tempo cinematográfico.

Foi explicado aos participantes que todos os filmes podem ser analisados através de diversos elementos visuais e sonoros e que estes influenciam a forma como uma história é construída. De seguida os participantes assistiram ao excerto inicial do filme *Up* da Disney/Pixar realizando-se depois um debate sobre a narrativa da história e o que esta pretende transmitir.

Foi então pedido às crianças que contassem o que tinham acabado de ver e explicassem a história deste excerto e das personagens. Vários participantes demonstraram vontade de participar, foi então dada autorização pela investigadora para que um deles pudesse começar. Tal como tinha acontecido na primeira sessão deste programa, várias crianças foram interrompendo e acrescentando pormenores que consideravam importantes.

As crianças participaram ativamente e a maioria mostrou-se capaz de compreender o sentido geral da história, em parte, porque já tinham visto o filme anteriormente. Alguns detalhes da história não foram referidos pelas crianças pelo se considerou importante explicar alguns dos elementos mais importantes como o facto de os protagonistas não poderem concretizar o desejo de ter um filho ter levado a que se dedicassem a seguir o sonho de viajar até as Cataratas do Paraíso na América do Sul.

De forma a que as crianças conhecessem os diversos elementos técnicos que formam uma narrativa cinematográfica e a forma como estes contribuem para dar sentido à história foi feita referência aos componentes mais relevantes do excerto assistido. Neste caso, cor, ou a ausência dela, é um elemento importante que nos indica que a

narrativa reporta a um tempo passado. A par deste, outros elementos do cenário ou da indumentária das personagens também nos dão essa indicação. O excerto introdutório deste filme desenrola-se praticamente sem diálogos pelo que foi explicado aos participantes que é possível contra uma história mesmo que não exista comunicação verbal entre as personagens.

Em cerca de 12 minutos é contada a vida do protagonista até aos 78 anos sendo, por isso, importante explicar aos participantes o conceito de tempo no cinema e a forma como este pode ser manipulado de diversas formas. Nesta situação recorreu-se a uma elipse de forma a sintetizar a narrativa e a omitir informações que podem facilmente ser compreendidas pelo espectador.

É importante referir que foi possível verificar, ao longo da realização desta sessão, que as crianças mais velhas participaram mais ativamente, demonstram-se capazes de compreender e explicar a história do excerto deste filme.

É fundamental, por isso, salientar a importância de estimular as crianças desde cedo a assistir a filmes com um olhar crítico e com uma atitude que lhes permita refletir e ir adquirindo conhecimentos e competências que facilitem a leitura das mensagens transmitidas pelas obras audiovisuais, já que estas podem ser uma ferramenta útil para compreender a sociedade.

Este tipo de atividades são fundamentais para desenvolver competências como compreender a sequência de um filme, identificar a estrutura narrativa e descrever a história, discutir como as personagens são retratadas, qual o seu comportamento e como se relacionam entre si. De um modo mais geral as crianças podem ainda adquirir novo vocabulário, desenvolver a capacidade de contar histórias, reconstruir narrativas e utilizar linguagem expressiva e figurativa (British Film Institute, 2003).

4ª Sessão	09 / 04 / 2014 14:30 -16:30
Vamos ver curtas - metragens!	28 Participantes

A educação fílmica engloba não só o conhecimento da linguagem técnica do cinema como também da sua história e dos diferentes géneros que o integram. Como tal, considerou-se importante dar a conhecer aos participantes um género

cinematográfico com uma presença pouco frequente nas salas de cinema – a curta-metragem.

Pretendia-se, portanto, incentivar nos participantes o interesse pelo conhecimento da história do cinema, assim como de obras cinematográficas de diferentes épocas e países.

Foi explicado aos participantes o que é uma curta-metragem, qual a sua duração e os diversos subgéneros em que se pode dividir. Uma curta – metragem é um filme de pequena duração, o termo começou a ser utilizado nos Estados Unidos em 1910 e refere-se ao facto de a fita de celuloide ter poucos metros de comprimento. Pode ter até 40 minutos embora a maioria não exceda os 15 minutos e o género mais comum é a animação. Foi ainda dada a conhecer aos participantes a existência da Agência da Curta - Metragem criada em 1999 em Vila do Conde com o objetivo de promover internacionalmente as curtas – metragens portuguesas.

De seguida as crianças assistiram a 6 curtas que foram sendo explicadas pela investigadora à medida que eram transmitidas. O primeiro filme visionado foi *Le Voyage dans la Lune* de Georges Méliès. Foi explicado aos participantes que o realizador deste curta – metragem tinha sido ilusionista e carpinteiro e com base nesses conhecimentos criou os primeiros efeitos especiais do cinema. As crianças comentaram o facto de atualmente os efeitos especiais serem tecnicamente mais avançados mas ficaram admiradas por em 1902 já ser possível fazer um filme com este tipo de efeitos visuais. *Steamboat Willie* da Walt Disney foi a curta – metragem vista em seguida. Relativamente a esta animação de 1928 foi explicado o facto de ser o primeiro desenho animado sonoro e de ter sido a partir deste momento que a personagem *Mickey Mouse* fica conhecida. As crianças mostraram-se bastante divertidas durante o visionamento deste filme e riram-se com os vários momentos cómicos desta animação.

A curta – metragem assistida de seguida já era conhecida de todos os participantes: *The Grasshopper and the Ants*, de 1934 da Walt Disney. Após o visionamento desta animação foram abordados alguns aspetos técnicos do filme, salienta-se, a forma como a música acompanha a narrativa e é mais ritmada e alegre durante o verão, quando as formigas trabalham para reunir alimentos para o inverno, altura em que, a melodia se torna mais lenta e triste acompanhando a cigarra no seu estado de fome,

frio e solidão. Assim como os elementos sonoros, também a cor está mais presente durante a época de verão começando a desvanecer assim que as primeiras folhas caem no outono.

As duas curtas – metragens que se seguiram são portuguesas: *Estória do Gato e da Lua*, de Pedro Serrazina, vencedora de um prémio em Portugal e 7 em festivais internacionais e *DODU o rapaz de cartão* de José Miguel Ribeiro, ambas interessantes tanto do ponto de vista da narrativa como da técnica, a primeira criada a partir de desenho sobre papel e a segunda recorrendo à animação de volumes através de materiais como o cartão, a areia ou caricas.

Por último, foi exibida uma curta – metragem mais recente, *La Luna* de Enrico Casarosa, produzida pela Pixar em 2012. Este filme de animação digital conta, sem diálogos entre as personagens, a história de um menino que tenta encontrar a sua identidade apesar das influências e das opiniões divergentes do seu pai e do seu avô. As crianças gostaram deste filme pelo seu aspeto visual já que a história tem lugar na lua enquanto as personagens tentam perceber qual a melhor maneira de fazer o seu trabalho, varrer as estrelas. No entanto, alguns participantes demonstraram não compreender a narrativa pelo que no final da sessão esta foi explicada mostrando como os pequenos detalhes ajudam a contar a história e a transmitir a mensagem do filme, neste caso, por exemplo, o facto de o pai e o avô discordarem sobre a forma como o menino deve usar a boina ou qual a vassoura mais adequada para o trabalho que têm de fazer. No final o menino acaba por fazer as suas próprias escolhas e consegue mesmo resolver um problema para o qual nem o pai nem o avô tinham solução.

As curtas – metragens visualizadas contribuíram para assinalar marcos da história do cinema, permitiram aos participantes compreender e comparar diferentes técnicas de animação, conhecer a origem dos efeitos especiais e analisar o significado de elementos visuais e sonoros.



Fig. 20 – Visionamento da curta-metragem *Steamboat Willie*
Crédito: Elaboração própria

5ª Sessão	10 / 04 / 2014 14:30 -16:30
O cinema como indústria	26 Participantes

Saber como funciona o cinema significa também saber que se trata de uma indústria de massas constituída por empresas que produzem diversos tipos de produtos cinematográficos. Através desta sessão pretende-se explorar a forma como as obras cinematográficas são divulgadas, explicar as campanhas publicitárias dos filmes e as diferentes técnicas utilizadas pela indústria cinematográfica para atrair audiências. Procurou-se ainda que os participantes compreendessem a complementaridade entre os filmes e os produtos promocionais e que entendessem que certos produtos são criados para tipos específicos de audiências.

Algumas destas empresas são as mais bem sucedidas na área do entretenimento e produzem filmes capazes de arrecadar milhões em vendas de bilhetes e de produtos promocionais. Através dos conteúdos abordados nesta sessão pretende-se que as crianças compreendam o que é o *marketing* e o *merchandising*, de que forma estas técnicas contribuem para atrair audiências e quais são os seus objetivos.

Através da visualização de trailers de filmes, de produtos de merchansing e de cartazes publicitários procurou-se dar a conhecer às crianças as diferentes formas de promover uma obra cinematográfica, de atrair determinadas audiências e de vender produtos relacionados com os filmes.

Neste sentido começou-se por explicar, através de uma apresentação em *PowerPoint* o que é a indústria do cinema, ou seja, todas as empresas que produzem, divulgam e distribuem conteúdos audiovisuais. Algumas destas empresas, como a Walt Disney ou

a Pixar, foram imediatamente reconhecidas pelos participantes. De seguida foi apresentado o conceito de *merchandising*, uma técnica de *marketing* que tem como objetivo divulgar, publicitar ou informar sobre as obras fílmicas. Foram então mostradas as diversas formas como o *merchandising* pode ser feito, em primeiro lugar através do visionamento do trailer do filme *Monsters University*, já conhecido da maioria das crianças. De seguida através da exibição de cartazes explicando a informação que estes devem conter de forma a dar a conhecer ao público o título do filme, o género, quem o realizou, qual a produtora quem são os atores principais. Por fim foram mostradas algumas imagens de produtos promocionais e de brindes de filmes e foi explicado que este tipo de produtos são normalmente destinados ao público infantil como forma de divulgar os filmes mas também com objetivo de lucrar com a sua venda. Algumas crianças exemplificaram mostrando acessórios escolares como uma mochila do filme “Carros” ou um porta lápis dos “Smurfs”.

É importante que as crianças tenham oportunidade de assumir o papel de produtores de forma adquirir competências relativas à produção de conteúdos cinematográficos pelo que lhes foi pedido que criassem um cartaz de um filme pensando na mensagem que pretendem promover e no público a que se destina. Os participantes tiveram como exemplo diversos cartazes que foram expostos na sala de aula e criaram filmes como: “Fonte e a Aliança dos felinos”, “Gatos Espaciais”, “Tragédia em Hollywood” e “André, o cientista maluco” acrescentando, também, as seguintes informações: “um filme realizado por Alexandre Clemente”, “em 2D e em 3D”, “*directed by Rui*” e “brevemente nos cinemas”.

A indústria das imagens em movimento é vasta e as obras cinematográficas são compradas e vendidas por empresas multinacionais que têm como alvo diversos tipos de audiência. Conhecer esta indústria e aprender a identificar os seus interesses contribui para fazer escolhas informadas acerca do consumo deste tipo de mensagens mediáticas. Ao identificarem-se a si próprias como membros de um público - alvo as crianças podem tomar consciência dos seus interesses em relação a este tipo de indústria (British Film Institute, 2003). Nesta sessão procurou-se, assim, que as crianças compreendessem os conceitos de *marketing* e *merchandising*, percebessem como as estratégias promocionais são importantes para a indústria do cinema, entendessem que os filmes podem ser publicitados de diferentes formas e soubessem

que muitas vezes as crianças fazem parte de um público-alvo de determinados produtos promocionais.



Fig. 21 – Exposição de cartazes de filmes
Crédito: Elaboração própria

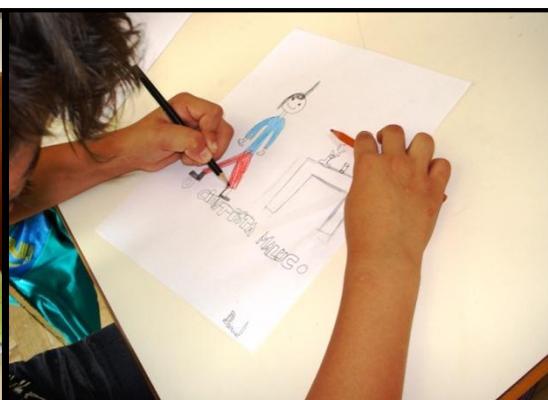


Fig. 22 – Exemplo de cartaz em produção
Crédito: Elaboração própria

6ª Sessão	11 / 04 / 2014 10:00 -12:00
A linguagem do cinema – Planos de câmara	29 Participantes

O enquadramento é a chave para a estruturação de qualquer filme. É com base nele que se escolhem os ângulos e os planos que vão compor a sequência de imagens de uma obra cinematográfica. Escolher onde se coloca a câmara, o que é filmado e em que momento se muda de plano é determinante para construir a mensagem que se transmite ao espectador.

Perceber o que são planos de filmagem, compreender o significado de cada plano, e entender de que forma os planos de filmagem ajudam a contar uma história contribui para aprender a analisar as imagens em movimento.

Nesta sessão foi explicado aos participantes em que consistem os planos de câmara, o que representam e de que forma podem contribuir para o significado de uma narrativa fílmica. Através de uma apresentação em *PowerPoint* foram mostrados os planos Geral, Inteiro, Médio, Grande e Muito Grande explicando o que cada um representa, que a sua duração e sequência contribuem para o significado da narrativa, que cada novo plano deve acrescentar nova informação à história, que as transições sonoras podem não corresponder às transições entre cada plano, criando assim suspense, e

que a forma como as imagens são editadas durante a montagem dos filmes também contribui para atribuir significado à narrativa.

De seguida as crianças assistiram ao filme *Monsters University* e foi-lhes pedido que identificassem os diferentes planos de câmara explicados anteriormente. Foi distribuída uma folha com imagens exemplificativas de cada plano e durante a exibição o filme foi pausado em diversos momentos sendo pedido aos participantes que dissessem qual o plano de câmara que estava representado na imagem. Inicialmente algumas crianças não responderam corretamente confundindo o Plano Médio com o Grande Plano. As coordenadoras foram corrigindo e explicando às crianças as diferenças entre os planos provando compreender os conteúdos lecionados e mostrando facilidade em por em prática o programa didático. No final já todas as crianças eram capazes de identificar os diferentes planos de câmara respondendo em unísono cada vez que a imagem do filme era pausada.

Cada meio de comunicação tem a sua própria forma de transmitir significado e as imagens em movimento têm vindo a desenvolver uma linguagem particularmente poderosa. Compreender a forma como as imagens em movimento criam significado através da edição, dos planos e dos ângulos de câmara é fundamental para desenvolver as competências necessárias para a literacia fílmica (British Film Institute, 2003).

7ª Sessão	11 / 04 / 2014 14:30 -16:30
Vamos fazer um filme! O <i>storyboard</i>	29 Participantes

O objetivo desta sessão é que os participantes sejam capazes de criar um argumento e de planear a sequência em que as cenas devem ser filmadas de forma a desenvolver competências relativas à criação e à produção de conteúdos.

Pretende-se, através desta atividade, que as crianças percebam como se cria um argumento e qual a sua importância, compreendam o que é um *storyboard* e quais as suas vantagens, criem um *storyboard* de forma a preparar o processo de filmagem e desenvolvam a criatividade e a capacidade de planeamento de uma sequência de cenas.

Para isso, foi explicada a técnica do *storyboard*, como se constrói e quais as suas vantagens na preparação das filmagens. *Storyboard* significa “quadro da história” e é, por isso mesmo, a organização gráfica de uma sequência de imagens em quadrinhos que serve para planejar como vai ser feito um filme. O *storyboarding* foi desenvolvido pela Walt Disney em 1930 e tem sido utilizado desde então como apoio ao planeamento de um filme marcando todas as etapas do projeto.

Foram mostrados vários exemplos e de seguida foi pedido aos participantes que criassem um argumento para um filme e que desenhassem o *storyboard* de forma a desenvolver competências de planeamento de uma sequência de cenas.

As crianças não demonstraram dificuldades em executar esta tarefa e os resultados foram surpreendentes: histórias originais, argumentos bem construídos e *storyboards* bem planeados. Os participantes criaram argumentos com títulos como: “O cão falante na selva”, “Atlântica”, “A erupção”, “Lox no paraíso”, “Os *aliens* chega à Terra” e “O gato abandonado”. Algumas crianças optaram por colorir os desenhos e outras consideraram útil explicar brevemente cada cena de forma a facilitar o processo posterior de filmagem.

Estas atividades práticas e criativas foram, em geral, as preferidas dos participantes, que demonstraram maior dinamismo durante a sua execução e confessaram a sua preferência em relação a outras atividades mais expositivas. Este tipo de práticas são fundamentais para desenvolver a criatividade, o trabalho independente, a linguagem descritiva e para compreender a estrutura narrativa das imagens em movimento e como criar uma sequência de imagens de forma a contar uma história.



Fig. 23 – Exemplo de storyboard em produção
Crédito: Elaboração própria



Fig. 24 – Exemplo de storyboard em produção
Crédito: Elaboração própria

Depois de efetuadas 12 entrevistas individuais com objetivo de recolher a opinião dos participantes sobre as atividades realizadas durante a implementação do programa “Aprender a ver cinema” considerou-se importante fazer uma avaliação final de forma a que todas as crianças pudessem exprimir a sua opinião.

O entusiasmo e o dinamismo que as crianças demonstraram durante as sessões de formação foi comprovado pelos seus comentários, todas disseram ter gostado muito das diversas atividades realizadas. A visualização de filmes e as atividades práticas relacionadas com a criação de cartazes de filmes e do *storyboard* foram as preferidas da maioria dos participantes. Poucas crianças fizeram referência a algo que não tenham gostado, apenas duas revelaram ter gostado menos de ver filmes antigos. Em geral, os participantes mostraram vontade de aprender mais sobre cinema, tanto no ATL como em contexto escolar, alguns por gostarem de ver filmes e terem achado as atividades divertidas, outros porque considerarem importante compreender como funciona o cinema.

Em toda esta fase de experimentação do programa “Aprender a ver cinema” foi possível observar o interesse e a motivação, tanto por parte dos participantes, como das coordenadoras do ATL. O facto de esta temática ser do interesse das crianças, mesmo já lhes sendo familiar, tem um carácter inovador, já que não são conteúdos habitualmente lecionados em contexto escolar, o que contribui para o dinamismo na sala de aula fomentando nas crianças uma intervenção participativa e ativa.

Verificou-se que os participantes foram capazes de desenvolver o trabalho autonomamente ou em cooperação, quando necessário e as coordenadoras demonstraram interesse pelos materiais, foram capazes de compreender os conteúdos lecionados e a forma como o programa está organizado comprovando, assim, a possibilidade de o implementar autonomamente.

Apesar das limitações de tempo e de não ter sido possível aplicar o programa “Aprender a ver cinema” na totalidade, a realização destas atividades contribuiu para as crianças adquirirem conhecimentos e competências fundamentais para a compreensão do mundo audiovisual. O desenvolvimento de capacidades de leitura e análise do meio audiovisual é um importante ponto de partida para a aprendizagem crítica e significativa da sociedade de informação e de comunicação.

5.3. As opiniões das crianças

Tentando trabalhar no sentido de reunir a opinião de alguns dos participantes em relação às atividades do programa “Aprender a ver cinema” e à importância da literacia cinematográfica foram efetuadas entrevistas a 12 crianças com idades entre os 6 e os 10 anos, das quais 8 rapazes e 4 raparigas. Nos seguintes parágrafos segue-se a análise das respostas obtidas nas entrevistas, as transcrições integrais podem ser consultadas no anexo 1.

Uma das categorias de análise das entrevistas diz respeito às preferências das crianças relativamente às atividades realizadas. As respostas mostram que o trabalho desenvolvido foi do seu agrado e que algumas das atividades que mais gostaram foi “de ir ao cinema e de ver as curtas – metragens” (Daniel, 9 anos), “de aprender sobre o cinema e sobre os planos de câmara (Ricardo, 9 anos) e “de ver os filmes e de fazer os desenhos do *storyboard* e do *cartaz*” (João Ponte, 9 anos).

Das 12 crianças entrevistadas apenas 3 fizeram referência a atividades de que gostaram menos. É o caso do João Nuno, 10 anos, que diz: “não gostei de ver alguns filmes, o da lua (*La Luna*), porque não percebi muito bem”. Também o João Ponte, 9 anos, disse não ter gostado de ver alguns filmes, “aqueles que não têm som, têm piada mas é a preto e branco e não tem cor nenhuma”.

No que diz respeito à opinião dos entrevistados sobre a importância da educação para o cinema é possível verificar através das suas respostas que a maioria valoriza este tipo de aprendizagem: “Porque sabemos como funciona (o cinema) e percebemos mais dos filmes que vemos” (João Nuno, 10 anos). A Carolina, 9 anos, acrescenta: “porque era melhor para a nossa aprendizagem nós sabermos como funciona e assim compreendíamos melhor os filmes”.

Das crianças entrevistadas 3 consideram, por outro lado, que a educação para o cinema será importante apenas se as suas escolhas profissionais se debruçarem sobre esta área. É o caso do Miguel, 8 anos, que diz: “porque se nós quisermos, quando formos grandes, trabalhar no cinema e fazer filmes já sabemos”, do David, 10 anos, que justifica: “se um dia for trabalhar para o cinema tenho de saber algumas coisas” e do Alexandre, 9 anos, que considera: “se quisermos ser realizadores de algum filme sabemos como se faz”.

A última dimensão analisada diz respeito à vontade que as crianças demonstram em aprender sobre cinema na escola. Mais uma vez o Miguel, 8 anos, revela que gostaria de aprender mais sobre este tema apenas “se quiser ir trabalhar para o cinema quando crescer”. Os restantes entrevistados mostram motivação para adquirir conhecimentos sobre esta área, como é possível verificar através das seguintes citações: “gostava, porque é um assunto que me interessa e costumo ver muitos filmes e assim percebia melhor e sabia como eram feitos” (Carolina, 9 anos), “porque assim sabia mais sobre essas coisas, como se trabalha, como é composto, como se fazem os filmes e como se chamam os autores” (Daniel, 9 anos) e “porque assim posso saber como funciona o cinema e como se fazem os filmes (Duarte, 8 anos).

Posto isto, apesar de todas as crianças terem demonstrado bastante agrado em relação ao programa “Aprender a ver cinema”, as atividades mais práticas, que envolvem a criatividade, e o visionamento de filmes revelaram-se as preferidas dos participantes. Os filmes mais antigos, a preto e branco e sem diálogos, mais distantes do que as crianças veem habitualmente hoje em dia, foram referidos por alguns participantes como sendo os que gostaram menos. Os filmes de animação infantil são, atualmente, técnica e graficamente bastante avançados, com personagens que se aproximam da realidade humana com efeitos especiais capazes de criar tudo o que estiver ao alcance da imaginação. Em termos narrativos, a mensagem dos filmes de animação antigos, apresenta-se para uma plateia jovem como um prolongamento excessivo do óbvio. Relativamente a este aspeto é fundamental sublinhar a importância de educar o olhar e de incentivar o consumo de filmes de todas épocas.

As crianças demonstraram capacidade de reconhecer a importância da educação para o cinema ainda que algumas considerem que este tipo de conhecimento poderá ser útil na sua vida apenas se escolherem trabalhar no meio audiovisual. Ainda assim, a maioria das crianças, demonstra vontade de adquirir mais conhecimentos sobre as imagens em movimento em contexto escolar.

No entanto, no atual sistema educativo, ensina-se através dos meios audiovisuais mas as crianças não possuem conhecimento deste tipo de linguagem, sendo que mesmo os professores não possuem, muitas vezes, as competências necessárias para ajudar os alunos a decodificar a linguagem cinematográfica tornando-os espetadores críticos e reflexivos.

Segundo Vítor Reia-Baptista¹⁸ é fundamental que exista, portanto, a formação de professores nesta área a par da implementação de programas bem delineados de educação fílmica em contexto escolar. Segundo o autor é importante que este tipo de programas sejam desenvolvidos tendo em conta os resultados, os métodos e as estratégias de outros programas que têm vindo a ser desenvolvidos noutros países, evitando os erros e assimilando qualidades, e tomando em consideração os resultados da investigação já realizada de forma a encontrar as melhores estratégias e metodologias. Vítor Reia-Baptista salienta ainda a importância de preservar o carácter lúdico e afetivo do cinema.

Graça Lobo¹⁹, coordenadora do Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema, explica que a arte cinematográfica e o cinema português podem beneficiar de um programa deste género que contribuirá para a formação de um público informado e instado a prosseguir o consumo do cinema, valorizará o cinema enquanto arte, valorizará o património cinematográfico português e europeu e ajudará a aumentar o número de espetadores de cinema. Segundo Graça Lobo a educação para o cinema deve ser proporcionada pela escola de forma a democratizar o acesso à cultura, mas esta aprendizagem pode também ser adquirida através da autoformação assistindo, por exemplo, a filmes em Cineclubes, ou através da utilização dos novos meios de comunicação.

¹⁸ Vítor Reia-Baptista, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 30 de julho 2104.

¹⁹ Graça Lobo, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 6 de agosto 2014.

Conclusão

Os meios de comunicação audiovisuais são um importante elemento da nossa cultura. O cinema, em particular, é uma forma de arte, uma fonte de histórias, de ideias, de opiniões e uma expressão da herança cultural da sociedade em que se insere.

As imagens em movimento são uma das primeiras experiências culturais da maioria das crianças (British Film Institute, 2003), no entanto, em Portugal, a educação para o cinema tem vindo a ser negligenciada (Reia-Baptista, 1995). Assim, este trabalho foi desenvolvido com o intuito de destacar a importância da literacia fílmica, especialmente entre os mais jovens, e, se possível, contribuir para o desenvolvimento de projetos nesta área, para os quais poderá ser útil o programa “Aprender a ver cinema” criado no âmbito deste estudo.

Neste sentido, os primeiros objetivos deste estudo consistiam em favorecer a aquisição de competências por parte das crianças no âmbito da literacia para o cinema, implementar a análise e avaliação da linguagem e técnica do cinema, promover e incentivar o consumo de obras cinematográficas e promover o reconhecimento do cinema como meio de comunicação e de expressão artística. Através das atividades do programa “Aprender a ver cinema” procurou-se que as crianças tivessem oportunidade de assistir a diversos filmes, de diferentes géneros e de diferentes países, e que fossem incentivadas a analisar o seu conteúdo e a sua estrutura. Foi dada a conhecer a história do cinema através do visionamento de filmes que marcaram épocas importantes e promoveu-se a discussão de diferentes elementos técnicos como o som, a cor, a iluminação e os efeitos especiais. Procurou-se explicar o que são planos e ângulos de câmara e que as crianças compreendessem o que é uma sequência fílmica. Foi feita referência à indústria do cinema, dando a conhecer as diferentes estratégias e técnicas promocionais e explicando os conceitos de público-alvo e de *merchandising* e foram ainda desenvolvidas atividades práticas que dessem oportunidade às crianças de produzir um *storyboard* e um cartaz para um filme.

Essencialmente procurou-se promover o gosto pelo cinema, incentivar o consumo de obras cinematográficas diversificadas e desenvolver, por parte das crianças, uma atitude crítica e reflexiva em relação às narrativas cinematográficas que as acompanhe

no futuro e que lhes permita utilizar os meios de comunicação audiovisuais de uma forma ativa e consciente.

Conhecer os hábitos de consumo de cinema por parte dos participantes do programa “Aprender a ver cinema” era outro dos objetivos deste estudo. Através de um questionário aplicado a 42 inquiridos foi possível verificar que a maioria das crianças gosta muito de ver filmes na sala de cinema, embora a maioria só o faça uma vez por mês, na companhia da família e durante o fim de semana. Antes de ser realizada a sessão “Vamos ao cinema!” algumas crianças revelaram nunca ter tido oportunidade de ver um filme numa sala de cinema comercial. Através desta atividade, foi então possível levar as crianças a disfrutar da experiência de ver um filme num ecrã de grandes dimensões. Quando se trata de ver filmes em casa foi possível concluir que a maioria dos participantes vê um filme por semana, mais uma vez durante o fim de semana e na companhia da família. Quanto ao género cinematográfico preferido, os participantes selecionaram “animação”, “ação” e “terror” como sendo os que mais gostam.

No que diz respeito à literacia para o cinema e à importância de uma educação a este nível a maioria das crianças considera relevante saber como funciona o cinema pois permite-lhes uma melhor compreensão dos filmes. Algumas crianças, no entanto, consideram que a educação para o cinema é importante apenas para os profissionais da área.

Tendo por base um conjunto de estudos anteriores sobre a educação para o cinema, um relatório publicado em 2011 pelo British Film Institute e o projeto para o Plano Nacional de Cinema foi desenvolvido o programa “Aprender a ver cinema” com o objetivo de ser experimentado no ATL de Gualtar, em Braga. Foram encontradas algumas limitações à aplicação do programa já que o tempo disponibilizado não foi suficiente para realizar as 10 sessões de formação que fazem parte do programa “Aprender a ver cinema”, tendo, por isso, sido realizadas apenas 7 dessas mesmas sessões. Considerou-se que filmar e editar imagens são atividades que requerem uma preparação teórica e prática e uma familiarização com os meios necessários para a sua concretização pelo que foram excluídas as sessões nas quais estas atividades são desenvolvidas.

O programa “Aprender a ver cinema” foi realizado durante o período das férias da Páscoa, contando com a participação das crianças inscritas no ATL de Gualtar e com a colaboração das coordenadoras. Todas as crianças se encontravam a frequentar o 1º ciclo e tinham idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos. A sessão que propunha uma ida ao cinema contou com a participação de 54 crianças, nas restantes atividades o número de participantes variou, rondando uma média de 30 crianças.

Em todas as fases da realização do programa foi possível observar o interesse e o entusiasmo, tanto da parte das crianças como das coordenadoras do ATL. O cinema é um meio muito diversificado pelo que, em geral, agrada a todos e é uma forma de entretenimento para muitas pessoas. Vítor Reia-Baptista²⁰ salienta que este tipo de programas educativos deve preservar o carácter lúdico e afetivo do cinema mesmo em contextos escolares. O carácter inovador dos conteúdos do programa, normalmente ausentes dos currículos escolares, permitiu às crianças o contato com uma nova dinâmica na sala de aula, promovendo uma intervenção bastante ativa e participativa em todas as atividades desenvolvidas. Os participantes mostraram-se sempre interessados e motivados, por vezes interagindo e comentando os temas tratados durante a realização do programa. O facto de as crianças conviverem com o cinema desde muito cedo faz com que sintam que já sabem algo sobre este meio e que podem contribuir com o seu conhecimento o que motiva a sua participação (British Film Institute, 2003).

As coordenadoras demonstraram bastante interesse no programa “Aprender a ver cinema” questionando os seus objetivos e estando sempre presentes durante as sessões de formação. Foi possível também verificar, através de determinadas atitudes, que compreenderam os conteúdos lecionados, por vezes ajudando a explicar as matérias às crianças ou corrigindo-as quando se enganavam.

As atividades do programa “Aprender a ver cinema” foram desenvolvidas para crianças a frequentar o 1º ciclo, no entanto, foi possível verificar que as crianças mais novas demonstraram algumas dificuldades em relação a certos conteúdos, como a compreensão de elementos técnicos como os planos de câmara ou a produção de um *storyboard*, tendo, neste caso, dificuldade em respeitar todas as regras que esta

²⁰ Vítor Reia-Baptista, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 30 de junho 2014.

técnica pressupõe. Neste sentido, seria vantajoso separar as crianças por ano escolar e adaptar os conteúdos a cada idade.

É fundamental que as crianças mais novas sejam incentivadas a ver filmes, que devem ser adequados à sua idade e ao seu gosto, sendo que este pode variar de acordo com a cultura e as condições económicas (Martínez-Salanova, s.d.). Para os mais novos a animação é o género mais atrativo, este permite compreender as possibilidades das imagens em movimento e de que forma estas podem ser utilizadas para expressar ideias, sentimentos e experiências. É fundamental que as crianças conheçam os meios de comunicação que utilizam a imagem para criar mensagens e que tomem consciência da importância de olhar para estas mensagens de uma forma crítica. Nesta fase é também importante que as crianças possam comunicar e expressar a sua criatividade, quer seja contando a história do filme que acabaram de ver ou criando desenhos sobre as personagens ou o que mais lhes chamou a atenção na narrativa cinematográfica.

Numa fase seguinte é importante que seja ensinada a história do cinema, dando a conhecer algumas das primeiras imagens, a forma como eram capturadas e projetadas e a evolução que as técnicas sofreram até aos dias de hoje. A análise de filmes pode também começar a ser introduzida nesta fase de forma a que as crianças compreendam que a expressão cinematográfica é uma linguagem e deve, por isso, ser interpretada (Martínez-Salanova, s.d.). Identificar personagens, descrever a narrativa fílmica, discutir a forma como os sons contribuem para construir a história e reconhecer alterações nos cenários, são alguns dos elementos que devem ser analisados.

Na próxima etapa as crianças devem ser capazes de interpretar os códigos e os elementos da linguagem cinematográfica, devem conhecer os diferentes tipos de planos, ângulos, sequências, a forma como a montagem é feita e a importância do som. Compreender que o cinema é uma indústria e conhecer a forma como esta funciona e quais os seus objetivos é fundamental para a educação fílmica. As crianças devem aprender o que são estratégias e produtos promocionais, quais os seus objetivos e a que públicos se dirigem.

Numa última fase as crianças poderão ter a possibilidade de criar um argumento, compreender a necessidade de criar um guião, conhecer a câmara e praticar os

diferentes tipos de ângulos e planos, filmar segundo aquilo que foi planeado, ultrapassar obstáculos e aprender com erros cometidos, compreender a complexidade do processo de produção de um filme, conhecer as principais técnicas de montagem e edição e produzir efeitos especiais e de som. Desenvolver as competências e o conhecimento necessário para produzir mensagens audiovisuais permite expandir a criatividade das crianças, a capacidade de planeamento e de trabalho em equipa, as habilidades técnicas para utilizar câmaras e editar imagens e ajuda-as a compreender que os meios audiovisuais transmitem uma mensagem e que esta pode ter um forte impacto em quem a recebe (British Film Institute, 2003).

Em todas as fases do processo educativo é fundamental que os gostos das crianças e dos jovens sejam tidos em conta, pelo que, os filmes escolhidos devem corresponder às suas preferências e devem ser de fácil compreensão (López, 1998). Os educadores devem respeitar o facto de os gostos dos mais jovens serem, muitas vezes, orientados para o cinema mais popular, não fazendo, por isso, sentido excluir os filmes comerciais dos programas educativos. É importante que exista uma abordagem tolerante, que inclua diversos géneros e estilos podendo, assim, atrair os mais jovens para filmes com menos destaque nos circuitos comerciais (British Film Institute, 2011c).

No sentido de democratizar o acesso à cultura é fundamental que a escola se adapte à realidade atual desenvolvendo programas de educação fílmica e contribuindo para a construção de novos públicos capazes de compreender e de analisar criticamente as mensagens audiovisuais. O Plano Nacional de Cinema foi criado de forma a preencher as lacunas existentes ao nível da educação para o cinema procurando assegurar que os alunos a partir do 2º ciclo de escolaridade tenham acesso “à literacia do cinema em particular e do audiovisual em geral, ao conhecimento de uma arte enquanto objeto de apreciação e estudo, assim como a visão crítica sobre um instrumento de transmissão de cultura e educação, à gradual consolidação de saberes informais e não formais, transformados em conhecimento escolar e formal e à formação cívica para o usufruto de uma forma de arte coletiva”²¹.

A formação de professores, prevista pelo Plano Nacional de Cinema, é essencial para por em prática uma reforma curricular. É importante que os educadores sejam capazes de analisar os diferentes géneros cinematográficos, conheçam a história, as técnicas,

²¹ Graça Lobo, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 6 de agosto 2014.

as teorias e as correntes estéticas do cinema e decodifiquem as mensagens interculturais, políticas, económicas, sociais, étnicas, éticas e poéticas da arte cinematográfica (Reia-Baptista, 2010).

Em Portugal os cineclubes têm dado um importante contributo no que diz respeito à educação para o cinema diversificando os espaços e as possibilidades de formação de novos públicos. Estes asseguram não só a exibição de filmes normalmente ausentes dos circuitos comerciais, como também criam espaços de discussão com a presença de realizadores e desenvolvem projetos escolares dirigidos para os mais jovens ²².

Ainda que atualmente o cinema seja utilizado como recurso didático para o ensino, é importante que este seja também objeto de estudo e de análise crítica. A educação para o cinema deve procurar desenvolver competências de análise de obras cinematográficas, em particular, dos textos fílmicos, da linguagem técnica e da influência social e comportamental.

Assim, esta investigação foi desenvolvida precisamente com o intuito de dar um contributo para a promoção da educação para o cinema e de incentivar a criação de ações que tenham em vista a literacia fílmica em particular e a literacia audiovisual de uma forma geral.

²² Rodrigo Francisco, entrevista realizada no âmbito desta investigação a 22 de maio 2014.

Bibliografía

- Alarcón, I. S. (1999). El cine, instrumento para el estudio y la enseñanza de la Historia. *Comunicar 13*, pp. 159-164. Disponible em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=13&articulo=13-1999-25>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Alvermann, D. E. (2004). Media, Information Communication Technologies, and Youth Literacies: A Cultural Studies Perspective. *American Behavioral Scientist*, pp. 77-83. Disponible em <http://abs.sagepub.com/content/48/1/78>, accedido a 24 de outubro 2013.
- Amar, V. (2000). La alfabetización audiovisual a través de la educación con el cine. *Comunicar 15*, pp. 141-149. Disponible em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=15&articulo=15-2000-22>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Anguera, M. T. (1997). *Metodología de la observación en las Ciencias Humanas*. Madrid: Cátedra.
- Arredondo, H., & García, F. J. (1998). Los sonidos del cine. *Comunicar 11*, pp. 101-105. Disponible em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=11&articulo=11-1998-16>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Aumont, J., & Marie, M. (2009). *A Análise do Filme*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bazin, A. (1992). *O que é o cinema?* Paris: Horizonte de Cinema.
- Benito, J. L. (1996). Psicología, cine y educación. *Comunicar 7*, pp. 129-134. Disponible em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=7&articulo=07-1996-25>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Benjamin, W. (1992). *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'Água.
- British Film Institute. (2003). *Look Again! A teaching guide to using film and television with three- to eleven-year-olds*. Londres: bfi Education.
- British Film Institute. (2011a). *Screening Literacy: Case Studies*. Londres: British Film Institute.
- British Film Institute. (2011b). *Screening Literacy: Country Profiles*. Londres: British Film Institute.
- British Film Institute. (2011c). *Screening Literacy: Executive Summary*. Londres: British Film Institute.
- Buckingham, D. (2005). *The Media Literacy of Children and Young People*. London: Centre for the Study of Children Youth and Media Institute of Education.
- Burgess, R. G. (1984). *A Pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Burn, A. (2010). Thrills in the Dark: Young People's Moving Thrills in the Dark: Young People's Moving. *Comunicar 35*, pp. 33-41. Disponible em <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=35&articulo=35-2010-05>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Burnett, C. (2010). Technology and literacy in early childhood educational settings: A review of research. *Journal of Early Childhood Literacy*, pp. 257-270. Disponible em <http://ecl.sagepub.com/content/10/3/247>, accedido a 24 de outubro 2013.

- Carrasco, J. M. (1998). Veo, veo ¿qué cine ves? *Comunicar 11*, pp. 43-49. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=11&articulo=11-1998-07>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Castillo, Á. M. (2001). Films etnográficos. La construcción audiovisual de las «otras culturas». *Comunicar 16*, pp. 79-87. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=16&articulo=16-2001-12>, accedido a 24 de outubro 2013.
- Cinemateca Portuguesa. (1996). *100 Anos de cinema em Portugal*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- Clarembaux, M. (2010). Educación en cine: memoria y patrimonio. *Comunicar 35*, pp. 25-32. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=35&articulo=35-2010-04>, accedido a 8 de agosto 2014.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2007). *Uma abordagem europeia da literacia mediática no ambiente digital*. Bruxelas: Comissão das comunidades europeias.
- Company, J. M. (2007). Para una metodología de la enseñanza del cine ¡Viene el rinoceronte! *Comunicar 29*, pp. 59-62. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=29&articulo=29-2007-10>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Congresso de Braga. (2011). *Literacia dos media*. Braga: Congresso de Braga.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Crandall, E. L. (1926). Possibilities of the Cinema in Education. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, pp. 108-115. Disponível em <http://ann.sagepub.com/content/128/1/109.citation>, accedido a 24 de outubro 2013.
- Despacho n.º 15377/2013 Criação e constituição do Grupo de Projeto para o Plano Nacional do Cinema. *PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS E MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA*. Diário da República, 2.ª série - N.º 229 - 26 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.gmcs.pt/pt/despacho-n-153772013-criacao-do-grupo-de-projeto-para-o-plano-nacional-do-cinema>, accedido a 2 de junho 2014.
- Escuder, P. A. (1998). ¡Nos gusta tanto hacer pedazos el cine! *Comunicar 11*, pp. 21-25. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=11&articulo=11-1998-04>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Felici, J. M. (2007). El análisis fílmico en la era de las multipantallas. *Comunicar 29*, pp. 63-68. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=29&articulo=29-2007-11>, accedido a 1 de novembro 2013.
- Gabarrón, L. R., & Landa, L. H. (1994). *Investigación participativa*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Gabinete de Comunicação y Educación. (s.d.). *Experiencias innovadoras de introducción del cine en las aulas españolas*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Gardies, R. (2007). *Comprender o Cinema e as Imagens*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, Lda.
- Geadá, E. (1987). *O Cinema Espectáculo*. Lisboa: Edições 70.

- Gómez, J. I. (2005). Enseñar a ver la televisión: una apuesta necesaria y posible. *Comunicar* 25, pp. 51-55. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=25&articulo=25-2005-007>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Gonçalves, A. L. (2009). *Aprender a ver cine. Diseño y evaluación de un programa didáctico para la formación de jóvenes espectadores cinematográficos portugueses*. Huelva: Tese de doutoramento, Departamento de Educación. Disponível em <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/2068>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Gonnet, J. (2007). *Educação para os Media - As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Hobbs, R. (2004). A Review of School-Based Initiatives in Media Literacy Education. *American Behavioral Scientist*, pp. 42-59. Disponível em <http://www.sagepub.com/donoghuestudy/articles/Hobbs.pdf>, acedido a 24 de outubro 2013.
- Hobbs, R., & Jensen, A. (2009). The Past, Present, and Future of Media Literacy Education. *Journal of Media Literacy Education*, pp. 1-11. Disponível em <http://digitalcommons.uri.edu/jmle/vol1/iss1/1/>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Jacoby, S. (. (2003). *A criança e a produção cultural - do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Kerckhove, D. d. (1997). *A pele da cultura (Uma investigação sobre a nova realidade electrónica)*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Koltay, T. (2011). The media and the literacies: media literacy, information literacy, digital literacy. *Media, Culture & Society*, pp. 211-221. Disponível em <http://mcs.sagepub.com/content/33/2/211>, acedido a 24 de outubro 2013.
- Lei do Cinema e do Audiovisual nº 28/2014 19 de maio. Disponível em <http://www.ica-ip.pt/pagina.aspx?pagina=252>, acedido a 2 de junho de 2014.
- López, A. B. (1998). El aprendizaje del cine. *Comunicar* 11, pp. 13-20. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=11&articulo=11-1998-03>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Marsh, J. (2004). The techno-literacy practices of young children. *Journal of Early Childhood Research*, pp. 51-66. Disponível em <http://ecr.sagepub.com/content/2/1/51>, acedido a 24 de outubro 2013.
- Martínez-Salanova, E. (1995). Educación para la lectura crítica de la televisión. *Comunicar* 4, pp. 42-51. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=4&articulo=04-1995-08>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Martínez-Salanova, E. (1998). Utilización del cine en las aulas-Aprender pasándolo de película. *Comunicar* 11, pp. 27-36. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=11&articulo=11-1998-05>, acedido a 1 de novembro 2013.
- Martínez-Salanova, E. (2002). El cine, otra ventana al mundo. *Comunicar* 18, pp. 77-83. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=18&articulo=18-2002-12>, acedido a 23 de março 2014.
- Martínez-Salanova, E. (2003). El valor del cine para aprender y enseñar. *Comunicar* 20, pp. 45-52. Disponível em

- <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=20&articulo=20-2003-07>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Martínez-Salanova, E. (s.d.). Unidades didáticas para infantil, primaria, secundaria y bachillerato. *Cine y Educación*. Disponível em <http://www.uhu.es/cine.educacion/cineyeducacion/index.htm>, acessado a 21 de julho 2014.
- Masterman, L. (1985). *Teaching the Media*. Londres: Routledge.
- McLeod, S., & Lehmann, C. (2012). *What School Leaders Need to Know About Digital Technologies and Social Media*. São Francisco: Jossey-Bass.
- Miguel, B. G. (1999). La investigación cinematográfica desde la interdisciplinariedad. *Comunicar 13*, pp. 209-219. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=13&articulo=13-1999-34>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Monaco, J. (1981). *How to read a Film*. New York: Oxford University Press.
- Natharius, D. (2004). The More We Know, the More We See: The Role of Visuality in Media Literacy. *American Behavioral Scientist*, pp. 238-247. Disponível em <http://abs.sagepub.com/content/48/2/238.short>, acessado a 24 de outubro 2013.
- Nogueira, L. (2010). *Manuais de Cinema II Géneros Cinematográficos*. Covilhã: LabCom. Disponível em http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manual_II_generos_cinematograficos.pdf, acessado a 23 de março 2014.
- Núñez, F. L. (2008). Ver cine en TV: una ventana a la socialización familiar. *Comunicar 31*, pp. 137-143. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=31&articulo=31-2008-18>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Oliveira, I., & Fonseca, T. d. (1995). Integración de los medios en la escuela portuguesa. *Comunicar 4*, pp. 86-88. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=4&articulo=04-1995-17&mostrar=comocitar&idioma=en>, acessado a 1 de novembro de 2013.
- Pereira, A. (2008). *Guia prático de utilização do SPSS : análise de dados para ciências sociais e psicologia. 7ª ed. rev. e corrigida*. Lisboa: Sílabo.
- Pereira, A. C. (2010). Cineclubes: uma forma alternativa de ver cinema em Portugal. *Imagofagia 2*, pp. 1-15. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-catarina-cineclubes-uma-forma-alternativa.pdf>, acessado a 12 Janeiro 2014.
- Pereira, L. M. (2011). *Conceções de literacia digital nas políticas públicas – estudo a partir do Plano Tecnológico da Educação*. Braga: Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação Especialidade de Educação para os Media.
- Pereira, S. (2000). A Educação para os Media Hoje: Alguns Princípios Fundamentais. *Cadernos do Noroeste. Série de Comunicação*, pp. 669-674. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/3962>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Pereira, S., Aguiar, A., & Pereira, L. (2013). *Agenda de atividades de literacia digital*. Braga: 'Escolinhas Criativas'.
- Pereira, S., Pereira, L., & Tomé, V. (2011). *25 + um Agenda de actividades de educação para os media*. Braga: Universidade do Minho - Centro de estudos de comunicação e sociedade.

- Pereira, S., Pessôa, C., & Costa, P. (2012). Literacia digital e tecnologias criativas: um estudo qualitativo com crianças dos 10 aos 13 anos a partir do “Ateliê de Formas para Animação”. *Comunicação e Sociedade vol. 22*, pp. 110 – 130. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/1277>, acessado a 3 de março 2014.
- Pérez, M. A., & Delgado, Á. (2012). From Digital and Audiovisual Competence to Media Competence: Dimensions and indicators. *Comunicar 39*, pp. 25-33. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=39&articulo=39-2012-04&idioma=en>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Pinto, M. (2003). Correntes da educação para os media em Portugal: retrospectiva e horizontes em tempos de mudança. *OEI Revista Iberoamericana de Educación - Número 32*.
- Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., & Ferreira, T. D. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Pinto, R. R. (2009). *Introdução à análise de dados : com recurso ao SPSS. 1ª ed.* Lisboa: Sílabo.
- Ponte, C. (2012). *Crianças & media: pesquisa internacional e contexto português do século XIX à atualidade*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Regueiro, P. D. (2006). El caduco mundo de Disney: propuesta de análisis crítico en la escuela. *Comunicar 26*, pp. 163-169. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=26&articulo=26-2006-25>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V. (1995). El lenguaje cinematográfico en la pedagogía de la comunicación. *Comunicar 4*, pp. 106-110. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=4&articulo=04-1995-22>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V. (1995). Pedagogia da Comunicação, Cinema e Ensino: Dimensões Pedagógicas do Cinema. *Conferência Ibero-Americana*. La Rabida: Universidade Internacional de Andalucia. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/reia-baptista-pedagogia-comunicacao.pdf>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V. (2009). Literacia dos Media como Resultado de Multi-Aprendizagens Multiculturais e Multimediáticas. In *Ensino Online e Aprendizagem Multimediática* (pp. 1-15). Lisboa: Relógio D'Água. Disponível em www.bocc.ubi.pt, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V. (2010). Film Languages in the European Collective Memory. *Comunicar 35*, pp. 10-13. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/pdf/comunicar35-en.pdf>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V. (2011). A Literacia dos Media e a Literacia Fílmica na Construção das Memórias Culturais Colectivas. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"* (pp. 769 - 776). Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/download/510/483, acessado a 1 de novembro 2013.

- Reia-Baptista, V. (2012). Film Literacy: Media Appropriations with Examples from the European Film Context. *Comunicar* 39, pp. 81-89. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/pdf/preprint/39/en-C39-08-PRE-15740-REIA.pdf>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Reia-Baptista, V., Burn, A., Reid, M., & Cannon, M. (2014). Literacia Cinematográfica: Reflexión sobre los modelos de educación cinematográfica en Europa. *Revista Latina de Comunicación Social* 69, pp. 354 - 367. Disponível em www.revistalatinacs.org/069/paper/1015_UK/18ves.html, acessado a 30 de junho 2014.
- Rubio, F. R. (1994). Cine y enseñanza. *Comunicar* 3, pp. 74-80. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=3&articulo=03-1994-10>, acessado a 1 de novembro de 2013.
- Rubio, F. R. (1998). Preliminares para una didáctica del cine: la detección de ideas previas. *Comunicar* 11, pp. 37-42. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=11&articulo=11-1998-06>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Rutten, K., Rodman, G. B., Wright, H. K., & Soetaert, R. (2013). Cultural studies and critical literacies. *International Journal of Cultural Studies* 16(5), pp. 443-456. Disponível em <http://ics.sagepub.com/content/16/5/443>, acessado a 24 de outubro 2013.
- Salcines, M., & Pose, H. M. (2004). "Buscando a Nemo": un análisis desde la perspectiva de los educadores. *Comunicar* 23, pp. 137-142. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=23&articulo=23-2004-23>, acesso a 30 de junho 2014.
- Sánchez, J., & Sandoval, Y. (2012). Keys to Recognizing the Levels of Critical Audiovisual Reading in Children. *Comunicar* 38, pp. 113-120. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/pdf/preprint/38/En-12-PRE-13458.pdf>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Santos, A. (1994). La escuela ante los medios de comunicación. *Comunicar* 2, pp. 103-105. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=2&articulo=02-1994-16>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Silveira, A. P. (2011). A Educação para os Media: uma abordagem teórica acerca do conceito e da sua aplicação no contexto educativo. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"*. Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/download/513/506, acessado a 1 de novembro 2013.
- Tavares, M. (2008). Cinema digital: novos suportes, mesmas histórias. *ARS (São Paulo)*, pp. 36-45. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202008000200004&script=sci_arttext, acessado a 24 outubro 2013.
- Tavares, M. (2010). Understanding Cinema: the Avant-gardes and the Construction of Film Discourse. *Comunicar* 35, pp. 43-51. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/verpdf.php?numero=35&articulo=35-2010-06&idioma=en>, acessado a 1 de novembro 2013.

- Thoman, E., & Jolls, T. (2003). *Literacy for the 21st Century - An Overview & Orientation Guide To Media Literacy Education*. Santa Monica: Center for Media Literacy. Disponível em <http://medialit.org/medialitkit.html>, acessado a 15 de outubro 2013.
- UNESCO. (1982). *Declaração de Grünwald sobre Educação para os Media*. Grunwald, República Federal da Alemanha: Simpósio Internacional sobre Educação para os Media da UNESCO.
- Wilson, C. (2012). Media and Information Literacy: Pedagogy and Possibilities. *Comunicar* 39, pp. 15-22. Disponível em <http://www.revistacomunicar.com/pdf/preprint/39/en-C39-01-PRE-15738-WILSON.pdf>, acessado a 1 de novembro 2013.
- Wilson, C., Grizzle, A., Tuazon, R., Akyempong, K., & Cheung, C. (2011). *Media and Information Literacy Curriculum for Teachers*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- Zacchetti, M. (2011). An European approach to media literacy. *Congresso Nacional "Literacia, Media e Cidadania"* (pp. 41-43). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Zagalo, N. T. (2007). *Convergência entre o Cinema e a Realidade Virtual*. Aveiro: Tese de doutoramento, Departamento de Comunicação e Arte. Disponível em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1257/1/2008001260.pdf>, acessado a 20 d novembro 2013.

Referências filmográficas

- Alien*, Ridley Scott, 1979, 117 min, EUA, GB.
- A Woman of Paris*, Charles Chaplin, 1923, 78 min, EUA.
- Bringing up baby*, Howard Hawks, 1938, 102 min, EUA.
- Citizen Kane*, Orson Welles, 1941, 119 min, EUA.
- City Streets*, Rouben Mamoulian, 1931, 83 min, EUA.
- Das Kabinett des Dr. Caligari*, Robert Wiene, 1919, 71 min, Alemanha.
- DODU o rapaz de cartão*, José Miguel Ribeiro, 2010, 5 min, Portugal.
- Don Juan*, Alan Crosland, 1925, 110 min, EUA.
- Estória do Gato e da Lua*, Pedro Serrazina, 1995, 5 min, Portugal.
- E.T. the Extra-Terrestrial*, Steven Spielberg, 1982, 115 min, EUA.
- Felix the Cat*, Otto Messmer, s.d., EUA.
- Frankenstein, the man who made a monster*, James Whale, 1931, 70 min, EUA.
- Golem*, Paul Wegener, 1920, 91 min, Finlândia.
- Gone with the wind*, Victor Fleming, 1939, 238 min, EUA.
- King Kong*, Merian C. Cooper, Ernest B. Schoedsack, 1933, 100 min, EUA.
- La Luna*, Enrico Casarosa, 2012, 7 min, EUA.
- Le Voyage dans la Lune*, Georges Méliès, 1902, 14 min, França.
- Life of an american fireman*, George S. Fleming, Edwin Stanton Porter, 1903, 6 min, EUA.
- Metropolis*, Fritz Lang, 1927, 153 min, Alemanha.
- Monsters University*, Dan Scanlon, 2013, 104 min, EUA.
- Nosferatu*, Friedrich W. Murnau, 1920, 94 min, EUA.
- Oswald the Lucky Rabbit*, Walt Disney, Ub Iwerks, 1927, EUA.
- Scarface*, Howard Hawks, Richard Rosson, 1932, 93 min, EUA.
- Snow White and the Seven Dwarfs*, Walt Disney, 1937, 83 min, EUA.
- Sortie de l'usine Lumière à Lyon*, Louis Lumière, Auguste Lumière, 1895, 7 min, França.
- Star Wars*, George Lucas, 1977, 121 min, EUA.
- Steamboat Willie*, Walt Disney, Ub Iwerks, 1928, 8 min, EUA.
- The Circus*, Charles Chaplin, 1927, 71 min, EUA.
- The gay divorcee*, Mark Sandrich, 1934, 107 min, EUA.
- The Gold Rush*, Charles Chaplin, 1925, 95 min, EUA.
- The Grasshopper and the Ants*, Walt Disney, 1934, 8 min, EUA.
- The great train robbery*, Edwin Stanton Porter, 1903, 12 min, EUA.
- The invisible man*, James Whale, 1933, 71 min, EUA.
- The Kid*, Charles Chaplin, 1920, 68 min, EUA.
- The Little Mermaid*, Ron Clements, John Musker, 1989, 83 min, EUA.
- The Wizard of Oz*, Victor Fleming, 1939, 102 min, EUA.
- Top hat*, Mark Sandrich, 1935, 101 min, EUA.
- Up*, Pete Docter, 2009, 96 min, EUA.
- You can't take it with you*, Frank Capra, 1938, 126 min, EUA.

Apêndices

Apêndice 1. Entrevistas

Entrevista Rodrigo Francisco

Entrevista Vítor Reia-Baptista

Entrevista Graça Lobo

Entrevistas com os participantes do programa “Aprender a ver cinema”

Apêndice 2. Guião do questionário

Apêndice 1. Entrevistas

Entrevista a Rodrigo Francisco, diretor do Cineclube de Viseu

22 de maio de 2014

1. Que tipo de ações tem desenvolvido o cineclube de Viseu? Com que objetivos?

A estrutura de acções do Cine Clube de Viseu corresponde, em traços gerais, a um equilíbrio entre duas partes. Por um lado, uma componente que responde aos objectivos puros da associação: a exibição, reflexão e pedagogia em torno da arte cinematográfica (sessões de cinema, boletim Argumento, cine-arquivo, projecto Cinema para as Escolas). Por outro lado, uma resposta a desafios e particularidades de cada época: nova sede, Vistacurta - Festival de Curtas de Viseu, os 60 anos de actividade do CCV.

2. Que tipo de apoio recebe o Cineclube de Viseu para o seu plano de ação? Por parte de que instituições?

Nos últimos anos, verificou-se uma significativa diminuição do financiamento público à actividade do CCV, constituindo-se as receitas próprias como fonte de financiamento principal. Os proveitos resultantes da actividade desenvolvida representaram 55% das necessidades totais de financiamento, em 2013. No quadro das instituições que apoiam o plano de acção, destacam-se o Instituto do Cinema e Audiovisual, Instituto Português do Desporto e Juventude, e Câmara Municipal de Viseu.

3. Que tipo de atividades tem desenvolvido o Cineclube de Viseu especialmente destinadas a crianças?

As actividades propostas cumprem objectivos complementares, promovendo experiências de visionamento e reflexão (da sala de aula à sala de cinema), convocando, simultaneamente, a experimentação do cinema e desconstrução da sua linguagem. As iniciativas têm cariz regular, ao longo do ano.

4. Quais são os objetivos do projeto "Cinema para as escolas" e que tipo de iniciativas têm sido desenvolvidas a este nível?

O projecto “Cinema para as Escolas”, realizado anualmente desde 1999, cumpre a missão de aliar a formação pessoal à sensibilização e formação cinematográfica e audiovisual. No contexto cultural e educativo português, a actividade do Cine Clube de Viseu procura diminuir o fosso existente entre o currículo escolar e a omnipresente cultura audiovisual. De forma resumida, as iniciativas do projecto consistem em oficinas de cinema nas escolas, realização de curtas-metragens de cinema de animação, ida dos alunos à sala de cinema, espectáculos, filmes musicados, formações teórico-práticas.

5. Que feedback têm recebido por parte das escolas? Estas reconhecem a importância de sensibilizar as crianças para as obras audiovisuais?

Pensamos que o projecto “Cinema para as Escolas” tem contribuído para ultrapassar as dificuldades que a escola enquanto instituição e organização burocrática coloca à formação do seu público, nomeadamente nesta área específica, procurando ir de encontro a um conceito mais vasto de “comunidade educativa”, onde as vivências numa escola aberta encontram outros parceiros e interlocutores, potencializando a sua actividade educativa e a utilização dos recursos comunitários locais. A mobilização generalizada de alunos e professores das escolas de Viseu neste projecto transmite-nos esta ideia, reflectida na participação anual de milhares de alunos e dezenas de escolas.

6. Na sua opinião, o Plano Nacional de Cinema poderá vir a preencher as lacunas que existem na educação para o cinema a nível da formação do público escolar?

O desenho do PNC vai responder a lacunas estruturais existentes na área, desde logo a formação de professores, a criação de hábitos culturais e, especificamente, de ida ao cinema, junto do público escolar, a integração de uma linguagem e património como o cinema nos currículos. É fundamental que o projecto cresça e se torne uma realidade nas escolas.

7. Considera que é importante dar a conhecer às crianças uma maior variedade de filmes para além dos que são habitualmente apresentados nas salas de cinema?

A narrativa audiovisual converteu-se numa fórmula simplista, muitas vezes incapaz de se constituir como ponto de reflexão e estímulo. Multiplicam-se, ano após ano, os *blockbusters* que misturam, mais ou menos sabiamente, elementos básicos que chamam a atenção para o seu visionamento, ao serviço de uma indústria de massas, por vezes, de duvidoso conteúdo. Cabe aos responsáveis por projectos educativos na área do cinema e audiovisual divulgar todo o património histórico do cinema, da sua forma e linguagem particular de expressão, cuja riqueza e exemplos conduziram o cinema ao estatuto de arte.

8. Na sua perspectiva, para educar para o cinema é necessário que haja uma formação das crianças nas escolas?

Cada contexto cria os seus espaços próprios para a sensibilização e educação para o cinema, porque as comunidades oferecem recursos diferentes de região para região. O projecto cinema para as escolas apresenta propostas para a participação em contexto educativo e, simultaneamente, em contextos informais, onde verificamos uma participação diferente, mais espontânea. Ao longo da sua história, os cine clubes constituem um bom exemplo de diversificação dos espaços e das possibilidades de sensibilização e formação de novos públicos.

9. Qual é o papel dos cineclubes na divulgação da cultura cinematográfica?

Os Cine Clubes asseguram a exibição não só de películas normalmente arredadas do circuito comercial, como a sua exibição devidamente enquadrada e, por isso, possibilitadora de espaços de discussão particulares, com a presença de realizadores e outros convidados em algumas sessões. Considerando, também, o longo percurso de iniciativas vocacionadas para a sensibilização e formação de novos públicos criadas pelos cine clubes, o seu papel é fundamental para a diversidade do panorama cultural contemporâneo.

Entrevista a Vítor Manuel Reia-Baptista, professor coordenador e diretor do Departamento de Comunicação, Artes e Design da Universidade do Algarve.

30 de junho de 2014

1. Qual a importância do cinema, como meio de comunicação e expressão, na sociedade atual?

O cinema é talvez, até hoje, o meio de comunicação mais complexo, mais eclético e também mais plástico e diversificado de todos os que temos ao nosso dispor, pelo que se torna extraordinariamente importante para dar corpo às diferentes formas de representação das sociedades em que se insere, quer do ponto de vista documental, quer do ponto de vista simbólico, assumindo ainda um importantíssimo papel enquanto repositório das memórias culturais colectivas dessas sociedades.

2. O que é que no cinema, como forma de arte, atrai e fascina os espetadores?

O grande poder de atração do cinema consiste na sua capacidade de elaborar as suas próprias, mais significantes e polissémicas, montagens de atrações.

3. Considera fundamental a promoção da literacia fílmica das crianças, nomeadamente no contexto escolar?

Absolutamente, sendo que para tal seja muito importante a implementação e o desenvolvimento de programas bem delineados de educação fílmica.

4. Pensa que para educar para o cinema deve existir, antes de mais, uma formação especializada nesta área para os professores?

Sem qualquer sombra de dúvida.

5. Na sua opinião, o Plano Nacional de Cinema poderá vir a preencher as lacunas que existem na educação para o cinema a nível da formação do público escolar?

Sim poderá, mas para tal deverá levar em consideração vários aspectos de grande importância para a plenitude do seu sucesso e que passo a enunciar:

1- tomar conhecimento dos resultados, métodos e estratégias de outros programas afins que têm vindo a ser desenvolvidos de forma continuada noutros países, evitando

os erros por eles já anteriormente cometidos e, se possível, assimilando as suas qualidades, nomeadamente dos casos britânico, francês e sueco entre outros.

2- tomar em consideração os resultados da investigação já realizada neste campo, nomeadamente em instituições nacionais, que mostram já com clareza algumas tendências e vários indicadores que deverão ajudar a enquadrar estratégias e metodologias específicas.

3- preservar o carácter lúdico e afectivo do cinema mesmo em contextos escolares por vezes adversos à sua fruição.

Entrevista a Dr^a. Graça Lobo, coordenadora do Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema

6 de agosto de 2014

1. De que forma surgiu a necessidade de criar o Plano Nacional de Cinema? Quem esteve envolvido no seu desenvolvimento?

O PNC surgiu da constatação de ser fundamental criar uma estratégia nas escolas do País para promover a literacia fílmica.

Foram iniciados contactos para o efeito entre o Secretário de Estado da Cultura e a Secretaria de Estado da Educação, em Janeiro de 2012. Fui convidada em Maio de 2012 para gizar e implementar um Plano nessa vertente.

2. Qual é a importância do PNC? Quais são os objetivos do programa e que resultados se espera obter?

Através do Plano Nacional de Cinema procurará assegurar-se aos alunos a partir do 2º ciclo de escolaridade:

- o acesso a uma literacia do cinema em particular e do audiovisual em geral;
- o conhecimento de uma arte enquanto objeto de apreciação e estudo, assim como a visão crítica sobre um instrumento de transmissão de cultura e educação;
- a gradual consolidação de saberes informais e não formais, transformados em conhecimento escolar e formal;
- formação cívica para o usufruto de uma forma de arte coletiva.

A arte cinematográfica em geral e o cinema português em particular beneficiarão deste PNC, que contribuirá para:

- a formação de um público informado e instado a prosseguir o consumo do cinema ao longo da vida;
- a valorização do cinema enquanto arte, junto das escolas e da comunidade além da escola;

- o envolvimento da sociedade (nomeadamente, através de entidades autárquicas e associações culturais, como os cineclubes, entre outras) e o reconhecimento do seu papel na formação de literacias e de públicos para o cinema;
- a valorização do património cinematográfico europeu, e em particular do português;
- o incremento, imediato e a longo prazo, do número de espetadores para o cinema.

3. Por que motivo o PNC teve um ano piloto em 2012 mas só foi implementado no ano letivo 2013/2014?

Houve mudança de tutelas na Cultura e na Educação, o que levou a que o Despacho se atrasasse. No entanto, durante o ano letivo de 2012/2013, ano piloto, houve Formação Inicial de Professores e trabalho junto dos 24 Agrupamentos de Escolas envolvidos. Houve visionamento de filmes, na sua maioria nos Auditórios dos Agrupamentos e análise fílmica feita pelos professores em Formação com as suas turmas.

4. Quais são os objetivos do Grupo de Projeto para o Plano Nacional de Cinema no ano letivo 2013/2014?

Dado que o PNC só irá chegar às Escolas em meados do II Período, os objetivos são consolidar o PNC, através do aumento de Agrupamentos envolvidos; levar os alunos desses Agrupamentos, pelo menos uma vez ao visionamento de uma sessão em sala de cinema, com a exibição dos filmes do pioneiro Aurélio da Paz dos Reis e de Aniki Bóbo de Manoel de Oliveira. Outra vertente é dar continuidade à Formação de Professores. Outro aspeto importante passa pelo envolvimento dos Cineclubes e de outras Instituições e especialistas.

5. Que tipo de formação é dada aos professores? Qualquer professor pode ser formador deste programa?

A Formação Inicial é dada na modalidade de Ação de Formação Contínua, num curso de 25 horas acreditado pelo Conselho Científico da Formação Contínua de Professores. Tem sido dada quer por mim, quer por professores e outros especialistas, convidados pela Coordenação do PNC. Prevê-se que a médio prazo haja professores que tenham

integrado o PNC e sejam formados pela equipa de Coordenação do PNC que possam desmultiplicar a formação no País. Prevê-se igualmente sessões de formação de Continuidade (sessões de 4 horas) de análise fílmica sobre os filmes a visionar, complementadas com Materiais Pedagógicos para utilização em sala de aula.

6. Que *feedback* têm recebido por parte das escolas? E qual é o feedback dos professores? Têm sentido dificuldades? Costumam pedir formação?

O feedback tem sido extremamente positivo quer por parte das escolas, quer por parte dos professores. As dificuldades sentidas têm estado relacionadas com o facto das atividades do PNC não terem sido agendadas no início do ano letivo. De resto, há um Coordenador em cada Agrupamento e, pelo menos esse, tem tido formação quer Inicial, quer de Continuidade/acompanhamento.

7. Existe alguma avaliação do que tem sido posto em prática até ao momento?

Foi aplicado um questionário de avaliação aos agrupamentos envolvidos.

8. Que futuro se prevê para o Plano Nacional de Cinema? Continuará nos anos letivos seguintes?

Prevê-se a sua continuidade e alargamento do universo de Agrupamentos de Escolas.

9. Na sua perspetiva, a escola é a única instituição por onde deve passar a educação para o cinema?

Há naturalmente outras formas de haver educação para o cinema, desde logo a autoformação que pode passar pelo visionamento de filmes em Cineclubes e até usando os novos meios de comunicação. No entanto, tratando-se de alunos, deve ser a escola a proporcionar uma aprendizagem efetiva para a Sétima Arte, no sentido da democratização no acesso à cultura. Considero que será uma estratégia para a literacia e sobretudo, para a construção de novos públicos informados e críticos.

Entrevistas aos participantes do programa “Aprender a ver cinema”

Entrevista a Daniel, 9 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Foram boas, muito giras.

2. O que é que gostaste mais e o que é que gostaste menos?

Gostei de ir ao cinema e de ver as curtas - metragens. Menos? De nada, gostei de tudo.

3. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim. Porque podemos aprender mais, podemos saber coisas que não sabíamos.

4. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim. Porque assim sabia mais sobre essas coisas, como se trabalha, como é composto, como se fazem os filmes e como se chamam os autores.

Entrevista a Alexandre, 9 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Foram muito giras.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de ver os filmes antigos.

3. E o que é que gostaste menos?

De nenhuma, gostei de tudo.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim. Para se quisermos ser realizadores de algum filme sabermos como se faz.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim, porque gosto de ver filmes no cinema e assim já sabia mais coisas sobre os filmes.

Entrevista a Luana, 8 anos, 3º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema? Foram fixes.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de fazer o desenho do cartaz do filme.

3. E o que é que gostaste menos?

De nada, gostei de tudo.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Não sei. Mais ou menos.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim, porque o cinema é fixe.

Entrevista a João Nuno, 10 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Muito fixes.

2. O que é que gostaste mais?

De fazer os inquéritos. Eu gosto de fazer fichas e de preencher coisas.

3. E o que é que gostaste menos?

De ver alguns filmes. O da lua (*La Luna*) e mais nenhum. Porque não percebi muito bem.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim. Porque assim sabemos como funciona e percebemos mais dos filmes que vemos.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim. Porque é muito divertido o cinema e se calhar assim já percebia aquele filme.

Entrevista a Rafaela, 7 anos, 1º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Gostei.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de ver o filme do Mickey (*Steamboat Willie*)

3. E o que é que gostaste menos?

Nenhuma.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim, para saber como são feitos, como tiram do computador para o cinema.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim. Porque gostava de filmes e fazer desenhos.

Entrevista a David, 10 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Achei fixe e gostei muito.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de tudo.

3. E houve alguma coisa que tivesses gostado menos?

Não, gostei de tudo.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim, porque se um dia for trabalhar para o cinema tenho de saber algumas coisas.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Gostava, porque eu gosto de aprender muitas coisas.

Entrevista a Carolina, 9 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Gostei das atividades.

2. O que é que gostaste mais?

Não sei, gostei das atividades todas.

3. Houve alguma coisa que tivesses gostado menos?

Não.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim, porque era melhor para a nossa aprendizagem nós sabermos como funciona e assim compreendíamos melhor os filmes.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Gostava, porque é um assunto que me interessa e costumo ver muitos filme e assim percebia melhor e sabia como eram feitos.

Entrevista a Carolina, 10 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema? Foram divertidas.

2. O que é que gostaste mais?

Do inquérito.

3. E o que é que gostaste menos?

Nada.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim, para conseguir perceber melhor quando vejo filmes.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Gostava, porque acho que é uma atividade divertida e gostava de aprender mais.

Entrevista a Ricardo, 9 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Achei que nós podíamos aprender mais, que foi divertido.

2. O que é que gostaste mais?

De aprender sobre o cinema e sobre os planos de câmara

3. E o que é que gostaste menos?

De ver filmes e isso. Não gostei muito da Cigarra e da Formiga (*The Grasshopper and the Ants*).

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Acho que sim. Porque assim podemos aprender um bocado mais sobre cinema.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim. Porque aprender mais é divertido.

Entrevista a Duarte, 8 anos, 3º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

São fixes.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de ir cinema e dos filmes que vimos.

3. E o que é que gostaste menos?

Gostei de tudo.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Porque assim sabemos como usar uma câmara e como fazer os filmes.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Sim, porque assim posso saber como funciona o cinema e como se fazem os filmes.

Entrevista a Miguel, 8 anos, 3º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Foi fixe.

2. O que é que gostaste mais?

De ver os filmes antigos.

3. E o que é que gostaste menos?

Não sei, não há nada que tenha gostado menos.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Sim, porque se nós quisermos quando formos grandes trabalhar no cinema e fazer filmes já sabemos.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Não sei. Só se quiser ir trabalhar para o cinema quando crescer.

Entrevista a João Ponte, 9 anos, 4º ano

1. Qual é a tua opinião sobre as atividades que fizemos durante estes dias sobre cinema?

Foram giras.

2. O que é que gostaste mais?

Gostei de ver os filmes e de fazer os desenhos do *storyboard* e do cartaz do filme.

3. E o que é que gostaste menos?

De ver aqueles que não têm som. Têm piada mas é a preto e branco e não tem cor nenhuma.

4. Achas que é importante saber como funciona o mundo do cinema? Porquê?

Acho que sim porque assim percebo melhor a história dos filmes.

5. Gostavas de aprender mais sobre cinema na escola? Porquê?

Um bocadinho. Porque acho que é giro e por exemplo eu gosto de felinos e gostava de fazer uma fábula de felinos. Como naquele cartaz que eu desenhei e os tigres falavam e eu fazia de tigre e isso.

Apêndice 2. Guião do questionário

Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais - Departamento de Ciências da Comunicação

Questionário sobre hábitos de consumo de cinema

1 - Dados de identificação

1. Idade: _____
2. Sexo: Masculino Feminino
3. Ano de Escolaridade: 1º ano 2º ano 3º ano 4º ano
4. Profissão do pai: _____
5. Profissão da mãe: _____
6. Freguesia de residência: _____
7. Habilitações escolares dos pais:

	Mãe	Pai
Nunca estudou		
Até ao 4º ano (1º ciclo)		
Até ao 6º ano (2º ciclo)		
Até ao 9º ano (3º ciclo)		
Até ao 12º ano (Secundário)		
Ensino Superior (Universidade)		
Não sei		

2 - Gostas de ir ao cinema?

- Gosto muito Gosto Gosto mais ou menos Gosto pouco Não gosto

3 - Gostas mais de ver filmes:

- Na sala de cinema Na televisão

4 - Com que frequência costumavas ver filmes em casa?

- Todos os dias Duas a três vezes por semana Uma vez por semana Não vejo

5 - Em casa, com quem costumavas ver filmes?

- Com a minha família (pais e irmãos ou irmãs)
- Só com os meus pais
- Só com o(s) meu(s) irmãos ou irmã(s)
- Com os meus amigos
- Com outros familiares. Quem? _____
- Com outras pessoas. Quem? _____

6 - Quando costumavas ver filmes em casa?

- Durante a semana
- Durante o fim de semana

7 - Em média, quantas vezes vais ao cinema por mês?

- Todos os dias
- Duas a três vezes por mês
- Uma vez por mês
- Não vou ao cinema

→ Se nunca foste ao cinema, passa para a questão nº 10

8 - Quando vais ao cinema, costumavas ir:

- Durante a semana
- Durante o fim-de-semana

9 - Com quem costumavas ir ao cinema?

- Com a minha família (pais e irmãos ou irmãs)
- Só com os meus pais
- Só com o(s) meu(s) irmãos ou irmã(s)
- Com os meus amigos
- Sozinho
- Com outros familiares. Quem? _____
- Com outras pessoas. Quem? _____

9 - Quais foram os três últimos filmes que viste no cinema?

1. _____
2. _____
3. _____

10 - Qual é o teu género preferido de filmes? Podes assinalar até três opções.

- Animação
- Comédia
- Romance
- Ação
- Terror
- Drama
- Musical

11 - Quais são os três filmes que mais gostaste de ver até hoje?

1. _____
2. _____
3. _____

12 - Pensas que é importante saber como funciona o cinema? Diz se concordas ou não com as seguintes afirmações:

	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo
Não, para mim não é importante, gosto de ver filmes mesmo sem saber como são feitos.			
É importante para os especialistas de cinema porque precisam de saber como produzir os filmes.			
Sim, para mim é importante porque se souber como funciona o cinema consigo compreender melhor os filmes que vejo.			